Abrir portas onde se erguem muros

Director: David Pontes **Segunda-feira, 15 de Julho de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.492 • Diário • Ed. Lisboa • Assinaturas 808 200 095 • **1,50€**

Euro 2024
Espanha sagra-se campeã com o melhor futebol da Europa

Desporto, 36/37

Militares portugueses no estrangeiro atingem número mais alto em 20 anos

Portugal tinha, em 2023, uma média mensal de 901 militares em missões no estrangeiro, um número que cresceu 30 por cento desde o início do milénio. Conselho de Estado debate hoje apoio à Ucrânia Política, 12/13

BRENDAN MCDERMID/REUTERS

EUA
Trump escapa a atentado e ganha novo balanço contra Biden

Destaque, 2 a 7 e Editorial

Entrevista
"A escravização financiou toda a empresa das Descobertas"

Sociedade, 14/15

CP Carga
Governo fecha privatização aberta por Passos Coelho

Economia, 22/23

Ténis
Aos 21 anos, Alcaraz repete triunfo em Wimbledon

Desporto, 39

ISNN-0872-1548

Imagem poderosa e narrativa de providência dão uma vitória a Trump

O candidato republicano projectou uma força que contrasta com a fragilidade de Biden. Mas faltam quatro meses para a eleição e falta saber o motivo do ataque

Trump com sangue no rosto é uma das imagens deste atentado que fica para a história

Leonete Botelho e Maria João Guimarães

Donald Trump de pé e punho erguido logo após ter sido alvo de um atentado, com sangue a escorrer no rosto, rodeado de quatro seguranças que o tentam proteger (uma mulher põe a cabeça em frente ao seu peito, como escudo). O punho erguido parece segurar o fio da bandeira dos EUA que flutua por trás, sob um fundo de céu azul anil.

Mais que mil palavras, esta é a fotografia (captada pelo Pullitzer Evan Vucci, fotógrafo principal da agência AP em Washington) que vai ficar para a história do ataque ao ex-Presidente e candidato às eleições presidenciais ocorrido no sábado à noite num comício republicano na Pensilvânia. Só lhe falta o grito de Trump naquele momento: "*Fight, fight, fight!*"

Pouco passava das 6h da tarde na pequena cidade de Butler. Donald Trump tinha subido ao palco cerca de 10 minutos antes e discursava tranquilamente quando, do telhado de um edifício a cerca de 150 metros do palco, mas fora do perímetro de segurança do comício, chovem disparos sobre o palco. Um deles atinge a parte superior da orelha do candidato, outro mata uma pessoa na assistência e fere outras duas. O atirador é morto de imediato por um *sniper* dos serviços de segurança a partir de outro telhado.

Pouco ainda se sabe sobre as motivações de Thomas Matthew Crooks, o jovem de 20 anos armado de uma espingarda semiautomática AR-15. O que é claro é que conseguiu fazê-lo graças a uma falha de segurança, que agora está a ser investigada.

Trump não perdeu tempo. Depois de ter recebido tratamentos médicos, apanhou o seu avião para casa e horas depois publicou na rede que criou, a Truth Social, um agradecimento pela "preocupação e as orações", aproveitando para passar uma mensagem de "amor" e prece para as vítimas do ataque e famílias.

"Neste momento, é mais importante que nunca que nos mantenhamos unidos e mostremos o nosso verdadeiro carácter enquanto americanos, mantendo-nos fortes e determinados e não permitindo que o Mal vença", escreveu ainda, mostrando-se "ansioso por falar à nossa grande nação, esta semana, de Wisconsin". Uma referência à convenção republicana marcada para hoje em Milwaukee, no Wisconsin, e que agora vai acontecer sob medidas de segurança reforçadas.

Cerca de três horas depois do ataque, o Presidente dos Estados Unidos e rival de Trump nas eleições presidenciais, Joe Biden, apareceu da sua casa de praia em Rehoboth Beach (Delaware) para condenar o ataque: "Não há lugar na América para este tipo de violência. É doentio. É uma das razões pelas quais temos que unir este país. Não podemos permitir que isso aconteça." Em seguida, conversou por telefone com Donald Trump, embora nenhuma informação tenha sido divulgada sobre essa conversa, e voltou à Casa Branca, onde anunciou mais tarde uma investigação independente e prometeu uma conferência de imprensa para a noite (madrugada em Portugal).

Trump já ganhou?

As imagens logo deram a volta ao

Local do comício

Fonte: *NYT*

PÚBLICO

BRENDAN MCDERMID/REUTERS

mundo e ecoaram as condenações dos líderes mundiais ao atentado, e por todo o lado comentadores e analistas se apressaram a declarar a vitória de Donald Trump, mas é preciso ter calma. "Faltam quatro meses para as eleições, que vão ser disputadas, por margens muito pequenas em alguns estados. Antecipar um resultado é prematuro", avisa Bernardo Pires de Lima, investigador do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI) da Universidade Nova de Lisboa e presidente do Conselho de Curadores da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD).

O atentado "dá um gás acrescido a Trump pela vitimização", reconhece. "Permite ao candidato ser visto como presidenciável de novo, pois as reacções de todos os líderes mundiais normalizam-no. Há um movimento ascendente do lado republicano, mas faltam quatro meses", insiste.

Bruno Cardoso Reis, doutorado em Estudos de Guerra do King's College de Londres e professor convidado da FLAD na Universidade de Georgetown, em Washington, também é cauteloso quanto ao desfecho das eleições, até porque as sondagens já davam a vitória a Trump, mas é mais enfático sobre o "impacto profundo" que o episódio terá na campanha.

"Este é um episódio maior que vai ajudar toda a narrativa de Donald Trump, tanto pela vitimização como pela narrativa do 'homem providencial', de que Deus desviou a bala porque é alguém que vai salvar os EUA. Tudo alimenta o culto de personalidade do candidato, uma imagem de força e resistência, em contraponto com um adversário frágil", diz ao PÚBLICO.

"Trump a levantar-se pelo próprio pé e a erguer o punho é uma imagem poderosa", corrobora Pires de Lima, acrescentando que "estas imagens, a mensagem que passam, vão marcar a campanha, é uma grande fórmula de mobilização, ainda para mais num estado decisivo". "O aproveitamento que Trump fez permite-lhe tirar o melhor partido de uma situação dramática", que contracena com a "fragilidade" tatuada no rosto do adversário Biden.

Depois há o impacto no outro lado do tabuleiro: "Vai ser mais difícil agora os democratas fazerem campanha contra Trump, dizer que ele é uma ameaça à democracia nos EUA torna-se mais difícil, ainda que todos os indícios o envolvam no assalto ao Capitólio, por exemplo", acrescenta Cardoso Reis.

Por conhecer, estão ainda as motivações do ataque, agora debaixo de investigação do FBI e que podem ainda mudar as narrativas das campanhas. Foram encontrados explosivos no carro e na casa do suspeito, mas, sobre as motivações do ataque em si, os dois analistas pedem gelo nos pulsos. "É preciso ter uma enorme prudência. Não há nenhuma razão para acreditar que houve o envolvimento da candidatura republicana ou democrata. Não há culpas por associação", alerta Cardoso Reis.

Pires de Lima, no entanto, considera que a investigação a Crooks pode ajudar a trazer alguma luz ao caso: "Trata-se de uma pessoa que estava fora dos radares da segurança e que conseguiu agir de forma livre, é alguém que tem capacidade para adquirir armamento e perícia em manuseá-lo. E para agir desta maneira teve de fazer um processo de radicalização individual. Como?", questiona.

Uma coisa parece-lhe clara: "Isto também é terrorismo."

A violência normalizada

A verdade é que o clima político nos EUA (e não só) está contaminado pela violência verbal, algo para que "Trump contribuiu e muito", comenta Bernardo Pires de Lima, secundado por Bruno Cardoso Reis, que aponta Trump como "o exemplo máximo de quem não condena a violência na política".

"Não é algo de espantar que isto tenha acontecido, dada a polarização crescente na campanha e a deslegitimação do adversário político como inimigo. O que é de espantar é não haver mais episódios de violência concreta", diz Cardoso Reis.

Os episódios preocupantes têm-se sucedido e atingiram o pico no ataque ao Capitólio a 6 de Janeiro de 2021, em que apoiantes de Trump, instigados pelo então Presidente, tentaram impedir a contagem dos votos do colégio eleitoral e a certificação da vitória de Joe Biden.

Antes disso, houve acções evitadas, como, em Outubro de 2020, um plano para raptar a governadora do Michigan, Gretchen Whitmer, alvo frequente de ataques de Trump por causa da sua política em relação à covid-19 (foram presas seis pessoas).

Houve outra tentativa de rapto, de Nancy Pelosi, então líder da Câmara dos Representantes dos EUA, em Outubro de 2022. Pelosi não estava em casa e o atacante agrediu o seu marido, Paul, com um martelo, provocando-lhe um traumatismo craniano.

E tem havido uma série de ameaças a pessoas de todas as áreas do sistema democrático dos EUA, incluindo membros do Congresso, responsáveis dos estados, líderes locais, e com um peso particular também no sistema judicial – magistratura, procuradores, até testemunhas – em todos os processos em que Trump é visado.

Estas ameaças vinham a acelerar de intensidade, descrevia um artigo do *Washington Post* de Janeiro de 2024, com métodos como o chamado *swatting* – uma denúncia anónima feita com o objectivo de levar a uma resposta das forças de segurança, para intimidar.

As ameaças também têm afectado figuras de direita, mas muitos dos alvos desse campo político têm uma característica comum: terem feito ou dito alguma coisa que enraiveceu Trump, dizia o *Post*. O procurador-geral dos EUA, Merrick Garland, referiu-se então à onda de ameaças como "profundamente preocupante".

Se Trump "é um grande promotor do ambiente de declínio e radicalização do discurso político", Pires de Lima diz que "também é consequência de um ambiente político mundial, onde se enquadram [o húngaro Viktor] Orbán, [o russo Vladimir] Putin, [o brasileiro] Bolsonaro e o próprio Trump".

Agora, diz Cardoso Reis, os apelos a uma "moderação na retórica têm de existir dos dois lados".

Quem era o atirador?

Jovem de 20 anos e registado no Partido Republicano

Thomas Matthew Crooks, um jovem de 20 anos de Bethel Park, Pensilvânia, é o presumível atirador que atingiu Donald Trump durante um comício republicano em Butler, segundo o FBI. De acordo com o *The New York Times*, o jovem não teria quaisquer antecedentes criminais conhecidos.

O suspeito foi baleado pelos serviços secretos segundos depois de, alegadamente, ter disparado sobre o ex-Presidente dos Estados Unidos da América e morreu no local. Segundo a imprensa norte-americana, Thomas Crooks terá disparado a partir do telhado de um prédio a cerca de 120 metros do púlpito da bancada onde Trump discursava e usou uma espingarda AR-15, uma arma semiautomática, das mais usadas nos tiroteios em massa nos EUA.

As autoridades norte-americanas encontraram engenhos explosivos no carro deste homem, noticiou o *Wall Street Journal*, citando fontes não identificadas. O carro conduzido pelo suspeito estava estacionado perto do comício de Trump. Os *media* locais informaram que a arma utilizada por Crooks terá sido comprada pelo seu pai.

Os registos eleitorais mostram que Crooks estava registado como Republicano (nos EUA os eleitores podem registar-se como simpatizantes de determinado partido ou como independentes, algo que poderá apenas significar que pretendem votar nas primárias daquele partido). Apesar disso, foi noticiado que, quando tinha 17 anos, o jovem chegou a fazer uma doação de 15 dólares para o ActBlue, um comité de acção política que arrecada dinheiro para políticos democratas e de esquerda, de acordo com um arquivo da Comissão Eleitoral Federal de 2021. A doação destinava-se a um grupo ligado ao Partido Democrata, o Progressive Turnout Project.

As próximas eleições, de 5 de Novembro, seriam a primeira vez em que o alegado atirador teria idade suficiente para votar numa corrida presidencial.

O FBI disse também estar a trabalhar para determinar o motivo do ataque, do qual resultou a morte de um participante do comício e ainda dois feridos graves. Esta força de investigação revelou estar a investigar o caso como uma "tentativa de assassinato do antigo Presidente", estando a tentar perceber se o motivo do crime será ou não político.

Crooks vivia a cerca de uma hora de distância do local do tiroteio, em Butler. A Administração Federal de Aviação (Federal Aviation Administration, em inglês) disse ontem ter fechado o espaço aéreo sobre o Bethel Park por "razões especiais de segurança".

Thomas Crooks formou-se em 2022 na Bethel Park High School e recebeu um prémio de mérito no valor de 500 dólares da National Math and Science Initiative, uma organização sem fins lucrativos que tem como objectivo melhorar o desempenho dos alunos nas disciplinas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática, de acordo com as primeiras informações da imprensa local.

O pai do suspeito, Matthew Crooks, 53 anos, disse à CNN que estava a tentar perceber o que tinha acontecido e que só falaria publicamente sobre o seu filho depois de falar com as autoridades.

No tiroteio morreu ainda Corey Comperatore, um antigo chefe dos bombeiros da área, quando tentava proteger a família das balas disparadas pelo atirador. A informação foi avançada por Josh Shapiro, governador da Pensilvânia.

Joe Biden deixou palavras carinhosas para o apoiante de Trump morto no sábado. "O Corey era pai, estava a proteger a família das balas que estavam a ser disparadas. Perdeu a vida, Deus amava-o", afirmou o Presidente norte-americano, citado pela NBC News.

PÚBLICO/Reuters

Thomas Crooks

Pouco se sabe acerca das motivações do jovem de 20 anos

TOM BRENNER/REUTERS

Para o Presidente Joe Biden, “não há lugar na América para este tipo de violência”

Eleições daqui a quatro meses

“A dinâmica de uma eleição presidencial muito disputada mantém-se”

Entrevista

Maria João Guimarães

Ross Burkhart Professor de Ciência Política da Universidade de Boise sugere reflexão sobre retórica violenta

O professor Ross Burkhart, que lecciona Ciência Política na Universidade de Boise no Idaho, respondeu, por *email*, a perguntas do PÚBLICO sobre o clima político nos Estados Unidos e a tentativa de assassínio de Donald Trump.

Com o que se sabe agora, consegue ver um motivo para esta tentativa de assassínio? Vê uma ligação com a radicalização do discurso político nos EUA?

A razão óbvia para esta tentativa de assassínio são as acções de um atirador sozinho. Dito isto, o nível de loucura que é preciso para alguém tentar assassinar um político é muito alto, por isso é difícil concluir que a tentativa de assassínio tenha decorrido directamente da dureza da retórica política.

As mentes perturbadas de assassinos são causas mais directas destas acções. Por exemplo, John Hinckley Jr. foi fortemente influenciado por tentar agradar à actriz Jodie Foster com a sua tentativa de assassínio de Ronald Reagan em 1981.

A retórica de campanha é, em geral, bastante intensa, com ataques pessoais a serem normais, e tentativas de assassínio são extremamente raras – nenhuma das tentativas de assassínio de presidentes ocorreu durante uma campanha.

Diria que o ex-Presidente Trump usa linguagem e palavras mais violentas nas suas acções de campanha e comentários. Essa é uma tentativa deliberada de agradar a um tipo de machismo ou aspecto masculino da sociedade. Ele assiste a espectáculos de *wrestling*, onde a norma é a violência. Ele encorajou violência a 6 de Janeiro de 2021, no Capitólio.

Uma tentativa de assassínio é um resultado totalmente inaceitável, condenado, e bem, por todas as vozes respeitáveis da sociedade, mas é difícil dizer que foi uma surpresa na vida política americana de hoje.

Sendo o discurso perigoso mais usado pelo campo de Trump, não é estranho que ele seja o alvo? Mesmo sendo ainda cedo para especular sobre os motivos do atirador...

Sim, a retórica e as acções violentas vêm da ala de extrema-direita da política americana (Proud Boys, Charlottesville, etc). Ainda que haja retórica agressiva da esquerda, é menos violenta. É irónico que o atirador morto tenha sido identificado como um membro do Partido Republicano, ainda que tenha havido uma pequena doação a um grupo de esquerda.

Também mostra que a expressão de violência política não é facilmente categorizável por simpatias políticas. Volto à instabilidade mental de alguém a tentar matar um Presidente, antigo ou actual.

O que sabemos é que o atirador usou uma arma semiautomática e parecia estar vestido de uma forma quase militar. O telhado que usou era a cerca de 140 metros de onde Trump falou, sugerindo algum planeamento. E de facto há motivações muito variadas para anteriores tentativas de assassínio (funcionários públicos descontentes, movimentos nacionalistas porto-riquenhos e motivações extremamente idiossincráticas).

> É provável que dê ainda mais força aos seus apoiantes e é certamente provável que os religiosos sugiram que foi salvo pelos anjos proverbiais
>
> **Ross Burkhart**
> Professor de Ciência Política

Que consequências podem advir daqui?

Uma consequência imediata é a preocupação com a segurança do ex-Presidente Trump e do Presidente Biden nos eventos de campanha. Os Serviços Secretos não protegeram o edifício de onde o assassino disparou, pelo que as suas acções serão alvo de um grande grau de escrutínio. (Também serão questionadas, sem dúvida, as acções de protecção da segurança que permitiram que Trump se levantasse depois de ser baleado e erguesse o punho, expondo-o a qualquer outro possível atirador desconhecido.) Haverá preocupações sobre quaisquer futuras aparições públicas, o que poderá levar a que os eventos sejam mais pequenos, ainda mais securitizados e menos frequentes.

Uma segunda consequência é uma auto-análise da retórica violenta e incendiária. A liberdade de expressão garantida na Primeira Emenda será ainda mais equilibrada na mente do público com uma conduta mais cuidadosa e maior respeito. Nem Trump nem Biden gostam um do outro a nível pessoal, o que dificultará a concretização deste objectivo, mas é necessário reduzir o discurso de ódio.

Parece quase demasiado cedo para especular sobre as consequências políticas da tentativa de assassínio. A sua resposta vigorosa dará sem dúvida à nação o alívio de Trump não ter sido vítima das balas. É provável que dê ainda mais força aos seus apoiantes, que já falam dele de forma deificada, e é certamente provável que os religiosos sugiram que foi salvo pelos anjos proverbiais.

É mais difícil imaginar que isto possa trazer mais apoio a Trump, uma vez que os seus apoiantes já o apoiam em força e, aparentemente, restam muito poucas pessoas passíveis de persuasão no eleitorado americano nesta fase da campanha. (Tendo em conta que Trump está na cena política nacional desde Julho de 2015, são muito poucos os americanos que não têm sentimentos em relação a ele.)

As suas posições de extrema-direita são bem conhecidas e não vão mudar. E a quinzena muito atribulada de Biden após o primeiro debate presidencial viu-o regressar a um comportamento mais vigoroso, energizando os seus apoiantes. Creio que a dinâmica de uma eleição presidencial muito disputada se mantém.

Quatro presidentes assassinados

Política americana, uma história de violência

Joana Mesquita

Ao longo da história, quatro presidentes americanos foram assassinados e a Trump juntam-se três candidatos à Casa Branca vítimas de atentados, sendo que dois acabaram por morrer.

Abraham Lincoln, presidente dos Estados Unidos de 1860 a 65, foi assassinado a 15 de Abril de 1865 por John Wilkes Booth, enquanto assistia à peça *Our American Cousin* no Ford Theatre, em Washington. Booth seria apoiante da Confederação, a união política formada depois de Lincoln ter assumido a presidência e que reunia os estados do Texas, Carolina do Sul, Alabama, Mississípi, Georgia, Florida e Luisiana contra a abolição da escravatura.

Também em Washington, o Presidente James Garfield foi baleado, numa estação de comboio, por Charles J. Guiteau a 2 de Julho de 1881. Eleito em 1880, Garfield acabou por morrer devido a uma infecção médica, causada na sequência do ataque, dois meses mais tarde. Já o atirador foi enforcado um ano depois, recorda a CNN Internacional.

A 6 de Setembro de 1901, o anarquista Leon Czolgosz disparou contra William Mckinley, numa exposição em Buffalo, no estado de Nova Iorque. O Presidente norte-americano, eleito pela primeira vez em 1886, viria a morrer uma semana depois, devido aos ferimentos. Czolgosz foi electrocutado.

John F. Kennedy, chefe de Estado eleito em 1960, foi assassinado durante um desfile pela cidade de Dallas. Acompanhado pela mulher, Jacqueline Kennedy, num carro descapotável, Kennedy foi baleado a 22 de Novembro de 1963. Lee Harvey Owsald, o alegado responsável pelo assassinato, foi morto dois dias depois por Jack Ruby, um empresário de Dallas.

Somam-se a estes episódios três ataques contra candidatos à Casa Branca durante as campanhas eleitorais.

A 14 de Outubro de 1912, Theodore Roosevelt foi atingido por um tiro antes de uma acção de campanha para as eleições presidenciais de 1904, que acabaria por ganhar, na cidade de Milwaukee, no Wisconsin. Roosevelt, ainda que tenha sido atingido no peito, acabou por discursar. Mais tarde, argumentaria que as 50 folhas que compunham o seu discurso, e que estavam guardadas no bolso do casaco, teriam travado a bala disparada por John Schrank, proprietário de um bar.

O então Presidente John F. Kennedy foi assassinado em 1963

Robert F. Kennedy foi o segundo elemento da família a ser assassinado, depois do atentado contra o seu irmão John. Em Junho de 1968, Robert Kennedy, candidato às eleições presidenciais desse ano, foi morto a tiro no Ambassador Hotel, em Los Angeles, na noite em que ganhou as eleições primárias do partido democrata no estado da Califórnia. O responsável, Sirhan Sirhan, continua preso.

Um outro ataque contra um candidato presidencial ocorreu em Março de 1972, quando George Wallace, governador do Alabama e candidato pelo Partido Democrata, foi baleado depois de uma acção de campanha em Washington. O ataque, perpetrado por Arthur Bremer, que está em liberdade condicional, deixou Wallace paralisado da cintura para baixo.

Ao tiroteio que deixou George Wallace paralisado, juntam-se várias tentativas fracassadas de assassinar líderes da Casa Branca.

Em 1835, Richard Lawrence terá apontado uma arma ao Presidente Andrew Jackson, mas a pistola falhou. Franklin Roosevelt, chefe de Estado de 1933 a 1954, escapou de uma tentativa de assassinato, em Fevereiro de 1933. Harry Truman, Presidente entre 1945 e 1953, foi alvejado por nacionalistas porto-riquenhos em 1950. Em Setembro de 1975, o chefe da Casa Branca, Gerald Ford, sofreu duas tentativas de assassínio.

Ronald Reagan, que ocupou o lugar de topo na política americana de 1981 a 89, foi atingido por seis tiros, à saída do Hotel Hilton Washington a 30 de Março de 1981.

A imagem que ficará na História

Comentário

Jorge Almeida Fernandes

O atentado falhado contra Donald Trump marca um ponto de viragem na campanha eleitoral americana e, muito mais do que isso, inscreve-se num contexto de extrema polarização, caracterizada por um regresso à violência política.

Entre tentativas de insurreição, que remetem para o assalto ao Capitólio no dia 6 de Janeiro de 2021, a multiplicação de teorias de conspiração e a posse generalizada de armas automáticas, não se pode excluir que os Estados Unidos estejam a caminho de uma explosão política — conforme indicam alguns estudos americanos.

A América tem uma longa tradição de violência política. Esta é presentemente mais forte na extrema-direita, mas surge também em franjas de extrema-esquerda. Um inquérito do Chicago *Project on Security and Threats*, da Universidade de Chicago, indica que que 10 por cento dos americanos seriam favoráveis à violência para impedir que Trump chegue à presidência; mas 7 por cento dizem-se favoráveis à violência para reinstalar Trump na Casa Branca.

Mais de um terço dos presidentes americanos foram alvo de tentativas de assassínio. Quatro deles morreram, de Abraham Lincoln a John Kennedy. Alguns candidatos presidenciais foram assassinados em campanha, como Bob Kennedy em 1968. A última tentativa de assassínio foi contra Ronald Reagan, em 1981.

O que verdadeiramente preocupa não é uma tradição comum a muitos outros países: é o facto de ela se inserir agora num contexto de extrema polarização e de pensamento paranóico. Basta dar um exemplo: sete milhões de americanos consideram que os assaltantes do Capitólio eram verdadeiros patriotas. As condições para actos violentos são excepcionais em 2024.

As imagens de Donald Trump após o atentado dizem quase tudo

DAVID MAXWELL/EPA

Não é necessário que o falhado atentado contra Trump desencadeie uma vaga de violência, até porque coloca o candidato republicano em posição favorável. Mas alguns "tenores republicanos" atiram gasolina para a fogueira. Basta evocar o senador J.D. Vance, do Ohio, uma das possíveis escolhas para vice-presidente de Trump. Afirma ele que a retórica anti-Trump do Presidente Biden "levou directamente à tentativa de assassínio de Trump". Outros dizem o mesmo.

Edward Luce, chefe da delegação do *Financial Times* em Washington, sublinha: "É correcto dizer que esta eleição existencial é muito mais preocupante do que antes. A violência já estava muito implícita na retórica. Agora é explícita. As condições são excepcionais em 2024."

Quem beneficia?

Assinalava ontem a *Economist* que, "em Washington, o consenso é que Trump é o favorito a vencer a eleição presidencial. A tentativa de assassínio apenas reforçará esta tendência". Trump começa a ter uma clara vantagem nas sondagens, sobretudo após o fiasco de Biden no debate.

Em quatro meses, muito pode acontecer, excepto se a corrida continuar a ser marcada por um Trump forte e um Biden cada vez mais débil. As imagens de Trump após o atentado dizem quase tudo. Sobretudo uma, do fotojornalista Evan Vucci (prémio Pulitzer), em que Trump, acabado de se levantar do chão, com um fio de sangue no rosto, levanta o punho em sinal de desafio contra um inimigo invisível, parecendo segurar a bandeira americana.

Comenta *La Repubblica*, na mais feliz análise do icónico documento: "A própria haste da bandeira à esquerda tem um papel: inclinada para o ferido que parece sustentá-la com o braço para a impedir de cair, relembra ao americano mais distraído aquela outra haste da bandeira inclinada que foi içada pelos *marines* no monte Suribachi, em Iwo Jima, em 16 de Março de 1945, no decurso de uma das batalhas mais sangrentas da guerra no Pacífico."

"Esta é a imagem que ficará na História", escreve o *Libération* em editorial. Mas nada de bom se augura para os Estados Unidos.

Partido Republicano

Sob o espectro da violência, o ensaio geral do regresso de Trump

Convenção republicana arranca hoje em Milwaukee, sob medidas de segurança reforçadas. Nome do candidato a “vice” de Donald Trump é uma incógnita. O do adversário, também

Pedro Guerreiro, em Milwaukee

Num instante, tudo muda. O que seria apenas uma longa cerimónia de entronização de Donald Trump como candidato dos republicanos às presidenciais de Novembro será agora um evento dominado pelas repercussões da tentativa de assassinato do ex-Presidente, na Pensilvânia, e pelas incógnitas em torno da recandidatura de Joe Biden. A convenção do Partido Republicano inicia-se hoje em Milwaukee, no estado norte-americano do Wisconsin, e prolonga-se até quinta-feira com outra questão em aberto: o nome que acompanhará Trump como candidato à vice-presidência, e que poderá ser anunciado hoje.

O ataque de sábado também condicionará essa escolha. J.D. Vance, Marco Rubio e Doug Burgum eram, até este fim-de-semana e salvo surpresas, os três nomes apontados para o topo da lista de Trump. E a juventude, numa eleição em que a idade dos candidatos assume uma relevância desmesurada, ainda que não inédita, favorecia Vance, 39 anos, senador do Ohio, e autor de *Lamento de uma América em Ruínas* (*Hillbilly Elegy*, no título original), *best-seller* sobre a pobreza branca da Appalachia.

Inicialmente crítico de Trump, Vance acabou por se aproximar deste, cujo apoio possibilitou a sua eleição para o Senado em 2022. Minutos após o tiroteio na Pensilvânia, foi uma das primeiras figuras republicanas a apontarem o dedo aos democratas, na rede social X: “A premissa central da campanha de Biden é de que o Presidente Donald Trump é um fascista autoritário que tem de ser travado a todo o custo. Essa retórica levou directamente à tentativa de assassinato do Presidente Trump.”

No entanto, aventavam fontes republicanas citadas pela CBS na noite de sábado, a tentativa de assassinato de Trump pode ter virado a agulha para um perfil de maior maturidade política, preparado para a eventualidade de assumir a presidência. Um meio-termo seria Rubio, 53 anos, senador da Florida. Antigo adversário de Trump nas primárias de 2016, de onde saiu derrotado e humilhado, Rubio era originalmente um moderado de inspiração reaganista que, tal como Vance, se rendeu depois ao trumpismo, tornando-se num influente conselheiro para assuntos internacionais, com ênfase na América Latina. De ascendência cubana e fluente em espanhol, poderia consolidar o crescimento dos republicanos no eleitorado hispânico.

O cabelo grisalho e a experiência executiva podem, contudo, favorecer Doug Burgum, 67 anos, a terminar o segundo mandato como governador do Dacota do Norte. Multimilionário do sector tecnológico, financeiro e imobiliário, foi um candidato menor nestas últimas primárias republicanas, tendo desistido em Dezembro e desde então feito campanha por Trump. Afasta-os, contudo, a questão do aborto: Burgum decretou no seu estado uma proibição a partir das seis semanas, que Trump considera excessiva.

Compromisso no aborto

A posição do partido e de Trump em relação à interrupção voluntária da gravidez será, de resto, um dos raros pomos de discórdia em Milwaukee. Na semana anterior à convenção, a cúpula republicana aprovou o programa que Trump defenderá na corrida para a Casa Branca. A palavra “aborto” aparece uma única vez em todo o documento, apenas quando se expressa a oposição à interrupção da gravidez em “estádio avançado”.

Consagra-se assim a recusa de Trump em relação a uma proibição do aborto a nível nacional, remetendo-se o assunto para cada estado, e sem apoiar limites às primeiras semanas. Os republicanos reconhecem ainda, desta forma, o carácter tóxico que propostas mais duras para restringir o aborto tiveram em diversas eleições e referendos estaduais e locais nos últimos meses. O eleitorado feminino é um dos poucos em que Biden tem uma vantagem importante, embora em declínio, face a Trump.

Proscrito pelo trumpismo, o antigo vice-presidente Mike Pence declarou que o recuo nas restrições ao aborto é “uma profunda desilusão”, ecoando os protestos dos activistas antiaborto e de parte da ala evangélica do partido. Mas Pence não irá à convenção, tal como não foi convidada Nikki Haley, a derradeira adversária derrotada por Trump nas primárias, apesar de entretanto ter declarado o seu apoio ao ex-Presidente.

Ron DeSantis, outro ex-adversário e governador da Florida, discursará em Milwaukee, mas não se espera outra coisa que não uma declaração de apoio a Trump, não sendo expectável que os críticos do candidato, em minoria ou em silêncio no partido, tenham palco na convenção. Preenchem a lista de oradores apoiantes do ex-Presidente como Vivek Ramaswamy, Kristi Noem e Tucker Carlson, bem como diversos membros da família Trump.

DAVID MAXWELL/EPA

A convenção republicana seria pouco mais que uma cerimónia de entronização de Donald Trump

Ao contrário do aborto, é o combate musculado à imigração ilegal que domina o programa dos republicanos, que a relacionam com dois temas caros ao seu eleitorado: a inflação e o crime. O primeiro ponto do documento, que emula a linguagem de Trump e que apresenta várias semelhanças com o memorando Project 2025 do *think tank* ultraconservador Heritage Foundation, proclama o combate à "invasão imigrante" e o "fecho da fronteira". O segundo ponto promete "a maior operação de deportação da história americana".

É também prometido o regresso da proibição de entrada ou de imigração de nacionais de um conjunto de países que vigorou durante parte da Administração Trump, e que incluía sobretudo nações de maioria muçulmana, mas também, posteriormente e de forma parcial, a Venezuela, a Nigéria ou a Birmânia. E anuncia-se um esforço legislativo para manter "comunistas, marxistas e socialistas que odeiam cristãos" fora do país. Deseja-se também a deportação de estudantes estrangeiros que participem em manifestações pró-palestinianas.

O combate à imigração ilegal domina o programa dos republicanos, que a relacionam com dois temas caros ao seu eleitorado: a inflação e o crime

O programa prevê ainda o desmantelamento do Departamento da Educação e a colocação do sector sob a alçada de cada estado, proclamando a "liberdade de escolha" dos pais entre o ensino público, privado ou doméstico, e ameaçando com o fim do financiamento a escolas que ensinem o que designam como "ideologia de género", "teoria crítica da raça" e "propaganda esquerdista".

Em matérias que tocam a política externa, os republicanos prometem um regresso ao proteccionismo económico, a manutenção do apoio a Israel e "restaurar a paz na Europa". As palavras "NATO" e "Ucrânia" estão ausentes do programa, mas escreve-se que os "aliados têm de cumprir as suas obrigações de investir na nossa defesa colectiva".

Incógnita democrata

Em Milwaukee, os republicanos continuarão atentos à crise no Partido Democrata, onde um número crescente de vozes apela ao fim da recandidatura de Joe Biden e à nomeação de um novo candidato face às dúvidas sobre o estado de saúde do Presidente de 81 anos.

O cenário privilegiado pela liderança republicana é a manutenção de Biden na corrida presidencial: no duelo actual, Trump continua a liderar as sondagens nacionais (embora, na sexta-feira, um inquérito do Marist College para a NPR e a PBS tenha colocado Biden em vantagem) e, determinantemente, o republicano continua à frente do democrata em praticamente todos os estados que serão decisivos em Novembro, como a Pensilvânia, o Michigan e o Wisconsin.

Surgem também sinais de alarme entre os democratas em estados teoricamente "azuis", como o New Hampshire, onde Trump já aparece à frente em alguns inquéritos, e mesmo em Nova Iorque, onde a tradicional vantagem de dois dígitos dos democratas recuou para um. Isto antes de ser conhecido o eventual efeito do ataque de sábado nas intenções de voto.

Entre os nomes discutidos para uma hipotética nova candidatura democrata, a vice-presidente Kamala Harris é a que surgia de forma mais favorável contra Trump nas sondagens: 50% contra 49% no inquérito do Marist College; 49% contra 47% na pesquisa do *Washington Post* e da ABC News divulgada na quinta-feira – em ambos os casos, vantagens dentro da margem de erro.

Na terça-feira, e num comício em Miami, Trump e Rubio ensaiaram as suas linhas de ataque contra Harris: o ex-Presidente chamou-lhe "risível" e o senador da Florida descreveu-a como uma radical que defende "todas as políticas loucas da extrema-esquerda".

O palco da convenção

Milwaukee, a "cidade horrível", prepara-se para protestos e tensão

Pedro Guerreiro, em Milwaukee

Com meio milhão de habitantes e pouco mais de uma hora a norte de Chicago, Milwaukee está preparada há quatro anos para receber uma grande convenção partidária. Em 2020, a pandemia de covid-19 levou ao cancelamento da reunião magna dos democratas, que migraram para a Internet, mas a preparação serviu de ensaio para o encontro dos republicanos, com grande parte dos planos de segurança, logística e contingência a serem reaproveitados para o evento desta semana.

Enclave democrata num estado em que Donald Trump lidera agora nas sondagens, a maior cidade do Wisconsin será palco já hoje de um protesto de uma coligação de dezenas de organizações anti-racistas, feministas, ambientalistas e pró-palestinianas, bem como de apoiantes democratas e elementos de sindicatos e de colectivos anticapitalistas.

Os organizadores da marcha, prevista para a manhã (hora local, final da tarde em Portugal continental), pretendem entrar no extenso perímetro de segurança em torno do Fiserv Forum, o gigantesco pavilhão desportivo dos Milwaukee Bucks, onde decorrerá a convenção.

Por ali passava o percurso originalmente previsto pelos organizadores, posteriormente vetado pelas autoridades locais e levado aos tribunais. O centro de Milwaukee está agora praticamente vedado, perante o receio de actos violentos admitido pelas autoridades federais. "O Departamento de Segurança Interna e o FBI mantêm-se preocupados com a possibilidade de confrontos violentos a ocorrer em protestos e ajuntamentos de outro modo legais ligados à convenção republicana", lê-se numa avaliação de risco partilhada com a polícia local e noticiada pela imprensa norte-americana. O risco é extensível à convenção democrata, que decorrerá de 19 a 22 de Agosto em Chicago.

Milwaukee é a maior cidade do estado do Wisconsin

Boicotes

Os constrangimentos relacionados com a segurança da convenção esvaziaram boa parte da cidade, com empresas e serviços públicos a suspenderem a actividade. Há também encerramentos motivados por acções de boicote à presença republicana numa metrópole 40% negra que é frequentemente descrita na imprensa conservadora norte-americana como violenta, suja e decadente. Uma "cidade horrível", como lhe chamou Trump em Junho, para entretanto corrigir o tiro e dizer que "ama" Milwaukee e que até tem "muitos amigos" lá.

A correcção de Trump, bem como a escolha do Wisconsin para o palco da reunião republicana, sublinha a aposta do partido num dos poucos estados que poderão decidir a eleição presidencial de Novembro. Berço e base do antigo Partido Socialista da América (1901-1972), que elegeu vários *mayors* em Milwaukee, o Wisconsin não votava num Presidente republicano desde Reagan.

O jejum republicano terminou em 2016 com Trump, mas seguiu-se o triunfo de Biden em 2020 e o estado é hoje um clássico exemplo de um *swing state* dividido pela demografia: Milwaukee e Madison, a capital, são feudos democratas assentes em largas percentagens de população negra e de brancos com formação superior; o resto do território, predominantemente rural e branco, é hoje solidamente republicano.

A média de sondagens compilada pelo *site* Real Clear Politics mostra Trump em vantagem no Wisconsin desde Dezembro, com uma queda abrupta das intenções de voto em Biden desde o final de Junho, por altura do debate televisivo em que a performance do Presidente desencadeou uma vaga de apelos à sua desistência.

Tiros contra Trump e contra a democracia

Editorial

Andreia Sanches

Há alguma ironia nisto. Donald Trump definiu-se em Fevereiro como "o maior amigo que os donos de armas alguma vez tiveram na Casa Branca". E já prometeu que a primeira coisa que faria se ganhasse as eleições presidenciais dentro de quatro meses seria reverter as restrições que afectaram proprietários e fabricantes de armas durante o mandato de Joe Biden. Neste sábado foi vítima de um ataque a tiro durante um comício.

Ouviram-se disparos enquanto discursava. Ficou ferido. Vimo-lo, segundos depois, de punho erguido e cara ensanguentada a ser empurrado pelos seguranças para fora do palco. Morreu uma pessoa que participava no comício, outras ficaram feridas.

Não é suposto morrerem pessoas num comício. Não é suposto um candidato à presidência numa das mais vibrantes democracias do mundo ser atacado a tiro.

É certo que nesta democracia não falta um rasto de atentados contra presidentes, uns consumados, outros não. E também é certo, como costuma dizer Trump, que as armas fazem parte da vida dos cidadãos do país "há séculos". Ter uma arma é um direito consagrado na Constituição.

Mas os números são eloquentes: em 2022, cerca de 20 mil pessoas morreram nos EUA na sequência de crimes com armas de fogo; no ano passado, houve mais de 650 tiroteios com quatro ou mais vítimas, muitos em escolas, de acordo com a organização Gun Violence Archive. Nos dois anos anteriores, foi ainda pior. Isto não se passa em mais nenhuma parte do mundo. As armas são um problema grave na sociedade norte-americana. E o alvo neste sábado não foi só uma pessoa em concreto, foi a democracia.

O Presidente Joe Biden tem defendido regras mais apertadas para travar a proliferação da violência. Mas a sociedade divide-se.

Metade dos norte-americanos (40% dos homens nos EUA declaram ter uma arma, sobretudo os republicanos e seus apoiantes) dizem que poder estar armado faz mais pela segurança do país do que restringir o acesso a armas. A outra metade diz que a forma como o uso de armas se generalizou é parte do problema.

Trump, "o maior amigo...", faz parte da primeira metade. E tem o apoio do mais influente grupo de pressão e defesa da venda de armas nos Estados Unidos (a NRA), o qual, na campanha para as presidenciais de 2016, gastou mais de 30 milhões de dólares no apoio à sua eleição.

Por tudo isto, é pouco provável que Trump agora mude. Até porque este ataque absolutamente condenável, sobre o qual, a esta hora, ainda pouco sabemos, vai deixar-lhe uma cicatriz na orelha, mas, num contexto de enorme fragilidade do seu opositor, Joe Biden, pode ajudá-lo muito na campanha. Também isso não deixa de ser irónico.

Não é suposto um candidato à presidência numa das mais vibrantes democracias do mundo ser atacado a tiro

CARTAS AO DIRECTOR

Rankings

Diz-se que é feio bater no pai. Mal comparado, assim me sinto ao não concordar com o PÚBLICO na publicação dos rankings escolares. "Bato" no jornal que assino e leio logo de manhãzinha. Desde há muito que esta é a minha posição e desde logo ela ficou expressa no prefácio das minhas 20 páginas de um livro escrito a 12 mãos, dado à estampa há 12 anos, pois discordar é também uma forma de gostar. Não teve vencimento a minha tese e os rankings voltam sempre, como as andorinhas. Bem como a minha discordância, por muito que saia sempre perdedora. Mais uma vez, hoje, aí estão aqueles e, mais uma vez, aqui "levanto o meu dedo" contra a "meritocracia inquinada" que, mesmo sem a segunda palavra do *tandem*, já é suspeita, quanto mais se acompanhada por um retirar de conclusões a partir da omissão de dados condicionantes a montante.

Fernando Cardoso Rodrigues, Porto

A carestia de vida continua a subir

A "geringonça" de António Costa caiu e, agora, temos uma coligação do PSD, do CDS e o PPM no Governo, ou seja, temos a direita no poder, que, para não amedrontar os cidadãos, prefere qualificar-se de centro-direita. O Governo de Luís Montenegro está a tentar governar no sentido de reverter algumas situações em diversas áreas e sectores que funcionavam menos bem e penalizavam o povo português.

Mas, não tenhamos ilusões, os problemas vão continuar a sentir-se, senão a agravar-se. Quem frequentemente faça compras de bens e produtos de primeira necessidade pode verificar que todas as semanas os preços aumentam uns cêntimos em muitos produtos e, noutros, os aumentos cifram-se em 1,2,3 e 4 euros! (e mais). Há uns anos, os preços, de uma maneira geral, mantinham-se durante meses e só quando entrava o novo ano, infelizmente, lá vinha o aumento de todos os bens. Agora, os aumentos são constantes e, por mais que existam parcos aumentos nos vencimentos, estes não compensam face à progressiva e imparável carestia de vida. Por consequência, os portugueses continuam, alegremente, a empobrecer. E os políticos, sorridentes, "divertem-se" a dizer que governam. Ou a dizer que a conjuntura internacional não ajuda.

António Cândido Miguéis, Vila Real

Choque eléctrico

Um recente e esclarecedor debate no canal Deutsche Welle intitulado *"Electric Shock – Is China overtaking car country Germany?"* refere que a Volkswagen já ocupou o primeiro lugar de vendas de automóveis na China, mas que hoje nas dez primeiras marcas de carros eléctricos não aparece nenhuma marca alemã. É referido que a tecnologia chinesa neste sector está muito à frente e, mesmo que a Europa venha a nivelar em termos de tecnologia, nunca poderá competir em termos de preço devido a factores inerentemente industriais, como os laborais e direitos sociais.

Também é assinalado que a China tem actualmente cerca de 20 milhões de carros eléctricos como excedente, a preços muito competitivos, que terá de exportar. É bom que a UE se deixe de subterfúgios e imponha definitivamente quotas de mercado, obrigando os maiores grupos industriais a distribuir a produção de uma maneira equitativa entre a Ásia e o Ocidente. Pena é que a UE só defenda os interesses económicos de certas potências europeias.

Fernando Ribeiro, S. João Da Madeira

Combate à lista de espera cirúrgica em oncologia

Qualquer programa de redução da lista de espera para cirurgia em oncologia é aliciante. Esta batalha do SNS é descrita com contornos de vitória, mas a guerra é muito mais vasta e a arma utilizada não é universal.

O tempo de espera para cirurgia é um indicador de qualidade, mas não o único. Outros indicadores deverão ser acompanhados e garantidos. O SNS tem outros atrasos que importa corrigir: atrasos para consultas específicas, para exames de diagnóstico e estadiamento, para outros tratamentos oncológicos igualmente importantes e decisivos no prognóstico. Nem todos os cancros se tratam com cirurgia ou apenas com cirurgia.

Se a demora para cirurgia é monitorizada por sistemas integrados de gestão, os atrasos para as restantes terapêuticas, nomeadamente radioterapia, permanece nebulosa, fragmentada e difícil de monitorizar. Importa torná-la visível, objectiva e gerível. O "tempo" da luta contra o cancro começa a contar quando a doença é suspeita e só termina quando todo o programa terapêutico está concluído.

Ângelo Oliveira, Senhora da Hora

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles **cartasdirector@publico.pt**

A opinião publicada no jornal respeita
a norma ortográfica escolhida pelos autores

ESCRITO NA PEDRA

Em política, a comunhão de ódios é quase sempre a base das amizades
Alexis de Tocqueville, historiador (1805-1859)

O NÚMERO

4

Carlos Alcaraz conquistou ontem o 4.º título do Grand Slam, na 2.ª vitória da carreira em Wimbledon

Trump vai ganhar

Ainda ontem

Miguel Esteves Cardoso

Soube que Trump ia ganhar quando ouvi Joe Biden tratá-lo por Donald. Nem se enganou no nome nem nada.

Num país onde toda a gente se trata pelo primeiro nome, chamar sempre Trump a Donald Trump é muito agressivo. Até Trump, quando fala de Biden, trata-o por Sleepy Joe.

Para se tornar Donald, Trump teve de submeter-se ao processo de humanização à americana: teve de levar um tiro.

Trump portou-se bem. Foi como se estivesse à espera daquele tiro. “Foi encenado!”, gritaram logo os antitrumpistas no Twitter, como se a manteiga não lhes derretesse na boca. “*Fight!*”, gritou Trump, com o sangue a escorrer da orelha.

Trump sente-se perseguido há já algum tempo, sobretudo desde a última condenação em tribunal. O facto de ser, de facto, perseguido só lhe dá alento.

Não sabemos o que passou pela cabeça do assassino com 20 anos, mas talvez lhe tenha ocorrido o que ocorre na cabeça de muitos democratas desde as mais recentes *gaffes* de Biden: “Vamos perder as eleições.”

A conjunção das *gaffes* de Biden e do tiro que levou Trump levam a pensar que talvez tenham razão. Para muitos eleitores, Biden está a esconder-se na Casa Branca, enquanto Trump percorre os Estados Unidos a dar o corpo ao manifesto. Outra grande fraqueza dos democratas é continuar a fingir que Trump é o inimigo, quando o que ele está a fazer é dar voz a metade da população dos Estados Unidos.

Se Trump tivesse sido assassinado, os eleitores dele, actuais e potenciais, continuariam de boa saúde. Talvez aumentassem um bocadinho, mas isso não é significativo. O que é permanentemente significativo é que metade da população americana é religiosa e reaccionária.

A força do Project 2025 e da Heritage Foundation é assustadora, mas Trump tem afirmado que não se deixa influenciar por ela.

Trump é um populista e os populistas gostam de agradar às grandes multidões e não aos *think tanks* da elite.

Nesse sentido, Trump pode vir a ser uma força moderadora. Faz medo, mas é verdade.

ZOOM MONTENEGRO, COLÔMBIA

VLADIMIR ENCINA/REUTERS

Irmãs da Ordem de Canta Clara jogam futebol, num convento, enquanto gesto de apoio à selecção de futebol colombiana antes de enfrentar, na final da 48.ª edição da Copa América, a selecção da Argentina

P

publico.pt

Lisboa (sede: editor e redacção)
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Junho **18.738 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • assinaturas@publico.pt

A mesada do padrinho

Rita Vilas-Boas

"Porque é que não podemos trabalhar quatro dias por semana, para termos tempo para os filhos e para o lazer?" À pergunta de Mariana Mortágua, respondo como qualquer liberal: podemos!

Deixemos de lado a análise literal que considera que uma redução da semana de trabalho tem apenas reflexo no número de horas trabalhadas – que seria toda uma outra discussão – e concentremo-nos nos aspetos económicos.

É claro que podemos trabalhar quatro dias – ou até três – por semana, porque a discussão não é sobre o tempo que trabalhamos, mas sobre aquilo que produzimos durante o tempo em que trabalhamos. Ou seja: é sobre produtividade. É esta a premissa que uma certa esquerda teima em esquecer.

O tema central da Europa de hoje, para além das questões óbvias e sensíveis da manutenção da paz e da segurança, passa pelo dossier da produtividade e da competitividade. O pior que poderá acontecer ao Velho Continente é perder definitivamente o comboio face aos Estados Unidos da América. Em 2013, a riqueza produzida pela economia europeia representava cerca de 91% do PIB norte-americano. Hoje, passados dez anos, essa percentagem caiu para perto dos 65%, e o nosso PIB *per capita* é atualmente inferior a metade do dos Estados Unidos.

Mariana Mortágua é livre de trabalhar as horas que quiser e os dias que entender, só não pode partir para esse debate ignorando estes números.

A falta de produtividade é hoje o calcanhar de Aquiles de uma Europa à procura de um rumo político e económico. Na luta dentro do espaço europeu, por paradoxal que possa parecer, Portugal pode partir com uma vantagem associada à sua própria dimensão. Dito de outra forma, aquilo que durante anos foi visto como um obstáculo pode ser transformado numa oportunidade competitiva. Sim, ser mais pobre e pequeno pode não ser uma condenação na luta pelo mercado global.

Empreendedores e empresários portugueses estão condenados ou habituados – o que pode parecer a mesma coisa neste contexto – a olhar para lá das suas fronteiras, o que nem sempre acontece com os seus parceiros europeus. A ideia é explorar o hábito de ver para além do óbvio e do que parece, à partida, mais fácil. A verdade é que o comodismo é o principal inimigo da produtividade e, por consequência, condena os agentes económicos ao imobilismo competitivo.

Depois de tantos anos de mão estendida a Bruxelas, o assunto já não pode ser "quanto recebemos", mas "o que fazemos com aquilo que recebemos" e "como nos preparamos para deixar de receber". Basta olhar para os números da execução do PRR para perceber que não aprendemos nada com a história. Em metade do tempo que temos para investir o dinheiro da Europa, aplicámos 20%. Sim. Por cada 100 euros que nos deram de mão beijada, só conseguimos encontrar caminho para 20. E o mais grave é que uma enorme percentagem desses fundos tem como destino a correção de défices de serviços públicos, não o reforço da produtividade e da competitividade da nossa economia.

Deixemos de lado a parte negativa de impor limites às horas que cada um está disposto a trabalhar, que seria toda uma outra discussão, e concentremo-nos nos aspetos económicos

O dinheiro não chega onde deve porque falta visão, organização e procedimentos ágeis e confiáveis.

Na memória da sociedade portuguesa continuam, e continuarão, os milhões destinados à agricultura que acabaram em jipes que nunca sujaram os pneus nos campos. Se o processo de acesso aos fundos fosse menos burocrático e mais claro e transparente, talvez não fosse necessário constituírem-se redes de consultores que ganham dinheiro a explicar como se vai buscar o dinheiro.

A lógica que está em marcha pode servir muitos interesses, mas tenho a certeza de que não serve o interesse do país. Aliás, basta ver para onde têm ido os ditos fundos. De acordo com dados divulgados pelo Instituto Mais Liberdade, a primeira empresa privada a aparecer no ranking dos principais beneficiários do PRR surge, pasme-se, no 46.º lugar. Todas as outras são entidades públicas ou associações. Acredito que a conclusão se faz sozinha, sem serem precisas grandes explicações. O papá fica com grande parte da mesada do padrinho.

Investidora em *start-ups*

Ele colónias há muitas

Fernando d'Oliveira Neves

Ele colónias há muitas. Desde logo, no caso das colónias portuguesas, há que distinguir as do Oriente, América do Sul e África.

Durante séculos detivemos, na Ásia, um império comercial, sempre contestado, pelo qual tivemos de nos bater, em algumas das mais peculiares batalhas navais da História, contra os mouros, povos locais e piratas. Fizemos horríveis crueldades? Sim. Iguais às que nos fizeram, como cá e lá sempre se fizeram e continuam a fazer. Tecemos, porém, lá sociedades ímpares, cuja identidade própria persiste, igrejas, nomes e vocábulos que trocámos, formas de arte conjunta que criámos. Saímos há muito tempo e a memória que persiste é, hoje, com orgulho, parte da identidade histórica de cada país.

A ganância foi uma das razões que lá nos levaram e a outros meridianos? Foi. A ganância é, juntamente com o medo e a preguiça, um dos três fatores que fazem o mundo avançar, como diz Hugh Thomas, na sua magistral *História do Mundo*. Hoje é o principal valor que se transmite nas universidades mais cotadas.

Não se pode ainda esquecer que a missionação e a propagação da fé eram, para os cristãos, um dever divino, bem-intencionado à luz dos seus valores. Como, hoje, a infelizmente pouco eficaz propagação dos direitos humanos.

O caso do Brasil é totalmente diverso. Sim, foram os colonos portugueses que aniquilaram os índios e beneficiaram do tráfico e exploração dos escravos. Mas foram esses colonos que se tornaram independentes e lá ficaram como brasileiros. É ridículo atribuir esse passado aos que cá ficaram.

Nada a ver com o que sucedeu em África. Aí, sim. Colonizámos não só a terra como os povos nativos, oprimimo-los, explorámo-los. É uma história de opróbrio. É. Como a História do Mundo. Como o que hoje sucede na Palestina, na Ucrânia, no Sudão e por aí fora. E, quando, tarde, procedemos à descolonização, deixámos aos africanos a terra deles. A sua vida deixou de ter miséria, guerra, fome? Não. Mas passou a ser deles.

Devemos ser agora penalizados pela colonização, comércio e exploração da escravatura? Tudo isso é muito anterior à nossa existência histórica. Vinha desde que há memória. Todos a praticaram, sem distinções de raça ou religião. Os vencedores escravizavam os vencidos. Sete vezes fui cativo, dizia Fernão Mendes Pinto.

Apesar de tudo, são de inspiração cristã os valores actuais que condenam o colonialismo e a escravatura. Valores que quisemos tornar universais e hoje supomos que regem as nossas sociedades. O que a realidade desmente todos os dias. E à luz dos quais, já foi dito e redito, é ridículo apreciar o passado.

A escravatura africana, levada a cabo por europeus e colonos americanos, é uma horrível iniquidade. Convém, contudo, não ignorar a realidade histórica. Não eram normalmente os europeus que raptavam escravos. Eram os povos africanos que, como nós, se guerreavam e oprimiam entre si que tornavam escravos os vencidos das suas guerras e os vendiam aos traficantes europeus. Segundo Pigafetta, o reconhecidamente plagiador e pouco fiável cronista das andanças lusas, o destino que a rainha Ginga, D. Ana de Sousa na versão cristã, justificada heroína de Angola, dava aos escravos que não vendia não seria muito salutar.

Alguma vítima da escravatura desculparia os seus algozes pelos crimes execrandos que cometeram?

Nada do que digo ameniza a atrocidade da escravatura, nem da opressão colonial, independentemente de quem a praticou. Não creio, porém, possível reparar o irreparável, ou pedir desculpa pelo indesculpável. Alguma vítima da escravatura desculparia os seus algozes pelos crimes execrandos que cometeram? Uma coisa é não negar o lado negro da nossa fabulosa História. Outra, patética, é julgá-la.

Agora, o que se afigura urgente será promover um esforço, conjunto e sério, para liquidar a escravatura e a opressão de minorias étnicas e religiosas que, em diversos locais e por diversas formas, continuam a existir. Desde logo entre nós.

Embaixador jubilado

Na economia, todos os governos fazem escolhas

Ricardo Paes Mamede

O que distingue uns Estados dos outros não é tanto o facto de terem ou não adoptado medidas selectivas, mas se o fizeram de forma coerente

Parece haver em Portugal quem acredite que a diferença entre esquerda e direita, no que às políticas económicas diz respeito, está na existência ou não de intervenções selectivas. Segundo esta visão, a esquerda defenderia a intervenção do Estado em actividades específicas, enquanto a direita veria essa intervenção como uma distorção indesejável dos mecanismos de mercado. Esta suposta clivagem política, se existisse de facto, seria uma bizarria portuguesa. Na verdade, a tese não cola sequer com a realidade nacional.

Como tenho aqui repetido, a generalidade dos países do mundo prossegue estratégias de desenvolvimento económico assentes na promoção de sectores ou tecnologias específicos. Isto tornou-se bem visível na última década e meia, em resultado de vários factores: a crise internacional de 2008/2009, a prioridade dada às transições verde e digital, as perturbações nas cadeias globais de abastecimento durante a pandemia, a interrupção das compras europeias de petróleo e gás natural à Rússia após a invasão da Ucrânia ou as crescentes tensões comerciais dos EUA e da UE com a China.

Todos estes factores têm levado os governos nacionais a apoiar o desenvolvimento de tecnologias e sectores específicos – desde o agroalimentar até aos semicondutores, passando pelas energias renováveis, os sistemas de armazenamento de energia, a inteligência artificial, a nanotecnologia, a robótica, a biotecnologia, o sector aeroespacial, para dar apenas alguns exemplos.

Entre os governos que adoptam essas políticas, encontramos um pouco de tudo: conservadores, reaccionários, reformistas de esquerda e de direita, liberais, socialistas novos e velhos, revolucionários declarados. Não é que a ideologia não conte. Ela está presente, por exemplo, na maior ou menor valorização da concorrência, no grau de abertura às trocas internacionais ou no papel reservado às empresas públicas. Mas, salvo excepções, não é a ideologia que decide se um Estado tem ou não uma estratégia selectiva para o desenvolvimento da estrutura produtiva do país. Trata-se, essencialmente, de uma questão de bom senso.

Não há motivo algum para acreditarmos que as lógicas de mercado, por si só, levam as economias a especializar-se nas actividades mais produtivas e mais dinâmicas. Na verdade, há motivos de sobra para esperarmos o contrário. A iniciativa privada tende a focar-se em investimentos que geram retornos não só positivos, mas também seguros e com horizontes não muito longos, definidos a partir da perspectiva individual de cada investidor. Ora, boa parte da transformação estrutural das economias exige o oposto: investimentos com retornos incertos, que podem levar muitos anos até darem resultados palpáveis e cujo sucesso depende da realização simultânea de investimentos complementares (em infra-estruturas, qualificações, serviços de apoio, produção de matérias-primas e de bens intermédios).

É por isso que os Estados – não só agora, mas desde há séculos – adoptam medidas de apoio selectivo ao desenvolvimento de certas actividades e tecnologias, umas vezes promovendo a iniciativa privada, outras investindo directamente por via de empresas e projectos públicos, quase sempre coordenando esforços de actores diversos, de modo a assegurar que estão reunidas as condições para a emergência de capacidades produtivas e tecnológicas nas áreas consideradas estratégicas.

Por vezes, essas intervenções são apresentadas como tendo uma natureza horizontal, ou seja, como sendo dirigidas ao conjunto da economia sem discriminar, positiva ou negativamente, actividades específicas. No entanto, são muito raras as políticas económicas verdadeiramente neutras. Por exemplo, quando um governo decide pela construção de uma certa infra-estrutura de transportes (um porto, um aeroporto, uma linha férrea, uma auto-estrada), sabe que não afectará as actividades económicas todas por igual. Quando oferece vantagens fiscais à I&D empresarial sem definir à partida os destinatários da medida, sabe que dela beneficiará apenas uma minoria de empresas e sectores que têm actividades formais de investigação e desenvolvimento tecnológico. Mesmo que não o assumam, os governos estão a fazer escolhas sobre as actividades a promover.

Quem acha que o actual Governo português diverge do anterior por uma atitude menos selectiva quanto às medidas de política económica adoptadas deveria olhar com atenção para o recente programa "Acelerar a Economia"

DANIEL ROCHA

Umas vezes as intervenções funcionam, outras são desastres completos. O que distingue uns Estados dos outros não é tanto o facto de terem ou não adoptado medidas selectivas, mas se o fizeram de forma coerente, qualificada e consequente, prosseguindo objectivos claros e prevenindo, tanto quanto possível, a captura da intervenção pública por interesses particulares.

Quem acha que o actual Governo português diverge do anterior por uma atitude menos selectiva quanto às medidas de política económica adoptadas deveria olhar com atenção para o recente programa "Acelerar a Economia". Das 60 medidas anunciadas pelo ministro da tutela, 24 são dedicadas aos sectores do turismo e do mar. Concorde-se ou não com a escolha das prioridades, 40% do "pacote para a economia" apresentado há dias corresponde assim a medidas dirigidas a duas áreas específicas. Se analisarmos com cuidado, as medidas em causa não só privilegiam os sectores referidos, como tendem a beneficiar mais uns tipos de actividades e empresas do que outros, ainda que todas ligadas ao mar e ao turismo. Isto chama-se selectividade.

Entre as medidas para a economia anunciadas pelo Governo, há também uma dedicada à "Indústria 2045". Na verdade, não é ainda uma medida, mas a intenção declarada de definir "uma estratégia nacional para a reindustrialização sustentável" e "um plano de acção da política industrial nacional para os próximos 20 anos". Para que não restem dúvidas sobre a selectividade inerente a este plano, o Governo acrescenta que a desejada "reindustrialização permitirá consolidar a espinha dorsal da economia portuguesa tornando-a mais competitiva", "substituindo importações e acoplando ainda uma série de serviços agregados de alto valor acrescentado". Mais uma vez, é o Governo a fazer escolhas.

Haverá sempre uma minoria de fundamentalistas de mercado para defender que o papel do Estado é sair da frente e deixar os mercados funcionar – como se os ditos mercados não fossem um conjunto de agentes com poder assimétrico, que defendem os seus interesses, os quais podem estar mais ou menos alinhados com o bem-estar geral. Quem não pertence àquela seita não deve perder tempo a discutir se o Estado deve ou não intervir - mais relevante é debater que objectivos devem ser prosseguidos e qual a melhor forma de o fazer.

Economista e professor do Iscte

PS e IL aplaudem 2% do PIB para a Defesa em 2029, mas queriam mais cedo

À esquerda, Livre critica "anúncios para consumo mediático" e PCP a "submissão dos interesses nacionais". Destino do reforço do investimento em Defesa preocupa partidos da oposição

Joana Mesquita

O anúncio do primeiro-ministro, Luís Montenegro, na cimeira da NATO realizada na passada semana, em Washington, sobre o aumento do investimento em Defesa para seis mil milhões de euros em 2029 para tornar possível atingir a meta de 2% do PIB de investimento em Defesa um ano mais cedo não colheu simpatia dos partidos da oposição, que ora criticam a falta de ambição, ora acusam o executivo de privilegiar os intentos belicistas da Aliança Atlântica. Hoje, será a vez de o Conselho de Estado se reunir para analisar a situação na Ucrânia, sendo certo que o reforço do investimento no sector militar será também tema a tratar pelos conselheiros do Presidente da República.

O coordenador do PS na Comissão de Defesa, Luís Dias, em conversa com o PÚBLICO, afirma que o PS "acompanha a decisão do executivo" de antecipar a meta para 2029, explicando que "a escalada do conflito na Ucrânia" justifica esta decisão. "Com este contexto, todos os países da NATO têm de reafirmar o compromisso que fizeram na cimeira de Gales", quando, em 2014, os membros da aliança se comprometeram a gastar, pelo menos, 2% do PIB em Defesa até 2024, não tendo Portugal conseguido cumprir o acordo.

No entanto, o deputado socialista queria mais ambição e defende a "antecipação da meta para 2028, tendo em conta que o contexto internacional é sério o suficiente para o fazer". Por outro lado, Luís Dias lembra que é em 2028 "que o Governo cessa as funções", criticando Montenegro por assumir um compromisso com efeito para lá do fim da actual legislatura.

Rodrigo Saraiva concorda com a antecipação da meta. "Sendo a Iniciativa Liberal favorável ao foco do Estado nas suas funções de soberania e ao reforço de investimento nas Forças Armadas, o anúncio [do Governo] é positivo."

Mas também o deputado liberal considera que, "com um Estado focado nas suas funções, existiriam condições para uma antecipação mais ambiciosa", de forma a "capacitar as nações democráticas e a Aliança Atlântica para a defesa perante conflitos existentes, como a guerra na Ucrânia ou consequências de outros que possam surgir noutras geografias".

Por sua vez, o deputado do Chega Nuno Simões de Melo concorda com o cumprimento dos 2%, porque o Estado tem de "cumprir os seus compromissos", mas discorda do facto de o Governo se estar a comprometer com algo que não tem condições de garantir que será atingido.

"O que o Governo apresentou é uma manifestação de intenções, não sabemos como estará o mundo em 2029", diz, acrescentando que "o que sabemos é que não é este Governo que estará em funções". Adiantar a meta para 2029 ou mantê-la em 2030, "em termos efectivos, é exactamente a mesma coisa", conclui Simões de Melo. "Indo buscar as minhas raízes católicas, estou um bocadinho como São Tomé: é ver para crer."

Mais hesitante é a posição do PAN. A líder e deputada única, Inês Sousa Real, nota que este é um "tema sempre sensível", já que o PAN é um "partido baseado no princípio da não-violência e que tem uma posição pouco entusiasta da NATO".

"Consumo mediático"

Para o Livre, "os anúncios de aumentos de despesas militares, ou de antecipação destes, sem qualquer enquadramento estratégico para o seu uso, são só isso: anúncios para consumo mediático, sem verdadeiro conteúdo político". Ideia parecida à partilhada pelo socialista Luís Dias, que espera que este não seja "mais um anúncio como o Governo tem feito", um "PowerPoint muito bonito" que acabe por não se materializar, mas "um compromisso" efectivo.

Em resposta escrita enviada pelo gabinete de imprensa, o Livre defende que "a NATO está num momento de enorme incerteza e insegurança até às eleições nos Estados Unidos", considerando que a aposta deve ser feita "no reforço da capacidade de autonomia estratégica da União Europeia".

Já o PCP sublinha, também através de respostas do gabinete de imprensa, "que o investimento na área da Defesa nacional deve visar a dotação das Forças Armadas com as capacidades necessárias para o cumprimento das suas missões constitucionais de defesa da República". E, sem surpresas, o partido liderado por Paulo Raimundo diz que o anúncio feito pelo executivo "representa a submissão dos interesses nacionais aos propósitos belicistas da NATO, desviando para esse efeito vultuosos recursos financeiros".

O que fazer ao investimento

Da direita à esquerda, todos os partidos se mostraram preocupados com a forma como o reforço de verbas para a área da Defesa será aplicado, já que o anúncio de Luís Montenegro, que surge depois de o Conselho Superior de Defesa Nacional, presidido pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, ter aprovado por unanimidade as "propostas de ajustamentos às Forças Nacionais Destacadas", implica um investimento adicional de 400 milhões de euros anuais face ao que até aqui estava previsto.

O Presidente da República tem, aliás, deixado vários recados ao executivo para que acompanhe o investimento feito pelos seus aliados. Segundo dados da NATO, Portugal gasta apenas 1,48% do PIB em Defesa, valor que será menor porque nem toda a despesa orçamentada é executada. Nuno Simões de Melo argumenta que, "mais do que pensar em atingir os 2%, há que pensar no estado depauperado em que estão as Forças Armadas portuguesas".

O deputado do Chega afirma que o "Governo tem de perceber que tem de investir nas Forças Armadas", apontando a falta de recursos humanos e de equipamentos como o maior problema.

O PS tem "duas preocupações" com o anúncio feito pelo chefe do executivo. A primeira prende-se com o facto de o partido querer que os seis mil milhões de euros "representem um investimento real em equipamentos e não só em despesas de funcionamento". Para os socialistas, é também importante que o Governo "não se limite a comprar equipamentos a países parceiros" e que exista um "aproveitamento das verbas para que Portugal se possa afirmar como um país" capaz de produzir.

A apreensão relativamente à utilização dos recursos financei-

> **[PS defende a] antecipação da meta para 2028, tendo em conta que o contexto internacional é sério o suficiente para o fazer**
>
> **Luís Dias**
> Deputado e coordenador do PS na Comissão de Defesa

> **Existiriam condições para uma antecipação mais ambiciosa**
>
> **Rodrigo Saraiva**
> Deputado da IL

DANIEL ROCHA

Militares portugueses em treinos em Santa Margarida antes de terem partido para missão da NATO na Roménia

ros adicionais é partilhada pela IL. "Faltará saber qual a alocação do valor de 400 milhões e em que dimensões existirá reforço. Se apenas na valorização salarial ou se também com investimentos em material e infra-estruturas", aponta Rodrigo Saraiva.

Corrigir injustiças

Não obstante o cepticismo quanto ao papel da NATO, o PAN diz-se favorável a "um aumento de investimento" na Defesa, desde "que aponte para os domínios da investigação científica e inovação, que aposte na transição climática das nossas Forças Armadas e que garanta uma maior capacidade de monitorização da preservação dos recursos naturais e biodiversidade".

Se estes objectivos forem cumpridos no plano do Governo para a Defesa, então a deputada Inês Sousa Real mostra-se disponível para "acompanhar" a iniciativa.

Já o Livre diz que o partido defende que "as despesas militares devem ser dirigidas para equipamento de uso múltiplo, que possa ter uma função não só militar, mas também de protecção ambiental, incentivo ao desenvolvimento tecnológico e capacidade de reconhecimento e vigilância da zona económica exclusiva".

Para o partido, "o Governo não tem dado resposta a estas preocupações" e não tem sido capaz de, aproveitando a "reindustrialização europeia", "trazer emprego e especialização para a economia".

Sem se pronunciar quanto à antecipação da data para chegar aos 2%, o Bloco de Esquerda indica, numa resposta escrita enviada pelo gabinete de comunicação, que o orçamento da Defesa deve ser "canalizado para corrigir injustiças e conferir dignidade aos militares" para, assim, "resolver o grave problema de falta de efectivos" nas Forças Armadas.

É preciso "rever as carreiras, e valorizar salários deve ser absolutamente prioritário", sustentam ainda os bloquistas.

Forças destacadas

Portugal nunca teve tantos militares em missões no exterior nos últimos 20 anos

Helena Pereira e Marta Moitinho Oliveira

Em 2023, existiam 901 militares portugueses em missões internacionais, um número que representa a marca mais elevada dos últimos 20 anos, revelam dados da Direcção-Geral de Política de Defesa Nacional, inscritos em relatórios sobre a participação dos militares portugueses em missões no estrangeiro. Se compararmos este número com o total de efectivos das Forças Armadas, nunca houve um esforço tão grande por parte do contingente português.

O ponto de situação sobre as forças destacadas no exterior faz parte do relatório que o Governo enviou para a Assembleia da República e que faz a média mensal ao longo de cada ano.

O número de efectivos no ano passado foi o mais alto desde 2004, o primeiro para o qual há registos, já que foi a partir dessa data que a obrigação de reporte de informação foi inscrita na lei, e revela que em 20 anos se verificou um aumento de 31%. O que significa que, entre 2004 e 2023, o contingente das forças destacadas engordou em quase um terço.

No ano passado, na sequência de uma reunião do Conselho Nacional de Defesa Nacional, Portugal reforçou a sua participação na missão da NATO na Roménia, disponibilizou militares para treino na Ucrânia, no âmbito da União Europeia, e iniciou duas novas missões bilaterais, em Timor-Leste e em São Tomé e Príncipe.

A evolução ao longo dos anos foi variando. Antes de 2023, os efectivos em missões no estrangeiro tinham atingido o pico mais alto em 2019, quando o número chegou a 889. E nesse ano já revelava uma tendência de crescimento sustentada. Porém, a covid-19 terá interrompido esta evolução. Isto mesmo consta do relatório referente ao primeiro trimestre de 2024. "A média anual dos efectivos projectados no exterior tem vindo a aumentar – excepção realizada ao período de 2020-2022, possivelmente associado a impactos da covid-19 –, tendo atingido o seu valor mais elevado (médio) no ano de 2023", lê-se no relatório.

General João Vieira Borges

901

militares em forças destacadas em missões no exterior, em 2023, representa rácio de esforço sem paralelo em democracia

Este levantamento que o Ministério da Defesa Nacional é agora obrigado a reportar ao Parlamento não abrange o final dos anos 1990, altura em que Portugal tinha mais de 1500 militares em missões no estrangeiro, na sequência da guerra dos Balcãs.

"Em 2001, fomos o 12.º país no ranking dos países contribuintes com forças para missões da ONU e, em 2002, o 10.º. Neste período, tivemos mais de 1200 em operações espalhadas pelo mundo", recorda ao PÚBLICO o general João Vieira Borges, ex-comandante da Academia Militar e actualmente presidente da Comissão Portuguesa de História Militar.

Este general do Exército chama, porém, a atenção para outro indicador: "É importante comparar a percentagem de forças empenhadas em relação ao efectivo. Se em 2000 havia 1380 militares empenhados com um efectivo das Forças Armadas de 44.925 militares, nos dias de hoje um empenhamento de 901 militares em 2023 com um efectivo de cerca de 23.425 militares constitui seguramente um esforço bem mais considerável."

"De qualquer modo, continuamos a participar muito activamente nas Forças Nacionais Destacadas, com uma grande diversidade geográfica, de missões, de unidades e de enquadramentos. Vamos para qualquer lado, com qualquer força e sem reservas. Mas estamos com dificuldades acrescidas em face das dificuldades no recrutamento e na retenção. E isso terá de ser resolvido rapidamente com medidas que passam certamente pela questão remuneratória dos militares, para além de muitas outras relacionadas com as carreiras, com melhores condições de trabalho, com maior atractividade no âmbito social", sublinha.

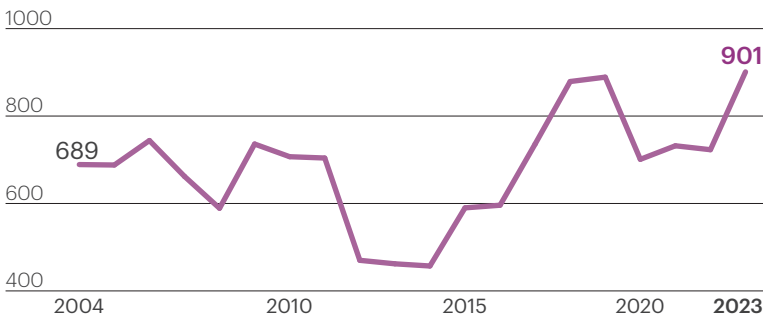
Actualmente, Portugal participa em cerca de 34 missões nos cinco continentes. A maior parte é da NATO (12), seguindo-se missões da União Europeia (10), da ONU (duas), missões bilaterais e multilaterais (nove) e, por fim, da Frontex (a Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira).

As missões da NATO são, por exemplo, no Báltico, Lituânia, Roménia, Eslováquia, Iraque ou Kosovo. As da União Europeia em Moçambique, Mali, Somália ou Nigéria.

No âmbito de missões bilaterais ou multilaterais, Portugal está presente em países como Jordânia, República Centro-Africana, Cabo Verde ou Lituânia.

Já quanto à distribuição geográfica, o relatório discutido no Parlamento mostra que se concentra sobretudo no continente africano (51,7%), na Europa (36,4%), e no Mediterrâneo (6,2%).

Em termos de orçamento, Portugal gastou, em 2023, cerca de 86 milhões de euros com as Forças Nacionais Destacadas. No ano anterior, tinham sido 73 milhões.

Média anual de empenhamento dos efectivos no exterior

Fonte: Relatórios de participação de militares portugueses em missões internacionais

PÚBLICO

"A escravização de pessoas financiou toda a empresa dos Descobrimentos"

Raquel Machaqueiro Em resposta à questão da reparação aos colonizados, Raquel Machaqueiro lembra que o fim da escravatura levou países a endividarem-se para compensarem os donos de escravos pela perda dos lucros

Entrevista

Ana Dias Cordeiro Texto
Nuno Ferreira Santos Fotografia

Raquel Machaqueiro é doutorada em Antropologia pela George Washington University, nos Estados Unidos, onde lecciona as disciplinas de Desenvolvimento Internacional e Direitos Humanos e Ética. Faz parte da dupla, juntamente com o seu colega Stephen Lubkemann, que organizou a formação "Histórias difíceis, legados difíceis" para professores, mediadores culturais e profissionais das áreas pedagógicas de museus, na Fundação Calouste Gulbenkian, repartida por duas semanas distintas, entre 1 e 12 de Julho. No âmbito do pós-doutoramento, a especialista integra o Slave Wrecks Project , dedicado à investigação da história da escravatura e dos seus legados e que passa, entre outras coisas, por procurar navios negreiros naufragados para conhecer a origem e a história das pessoas transportadas. Para a investigadora, embora sem estudos económicos a comprovar os ganhos da escravatura, foi este lado mau da História que, através da obtenção de lucros, permitiu a expansão portuguesa e isso deve ser dito no ensino da História em Portugal.

Por que faz uma apreciação negativa dos manuais escolares em Portugal?

Nos manuais escolares, as pessoas escravizadas aparecem sempre como uma massa anónima. Não há histórias individuais, não há nomes, não sabemos nada do que estas pessoas faziam antes de serem capturadas ou das experiências delas durante o processo, tanto de captura, de encarceramento nos barracões, nas costas africanas, até serem embarcadas. Pouco sabemos do que se passava na viagem e não sabemos absolutamente nada sobre como reconstruíram depois as suas vidas no chamado "novo mundo". Há essa objectificação. Mas, se procurarmos melhor, temos histórias de pessoas escravizadas.

Nos arquivos?

Os arquivos da Inquisição estão cheios de histórias, quer de queixas à Inquisição dos donos dos escravizados, porque estes cometiam algum pecado ou alguma acção punível na altura pela Inquisição; ou o contrário, porque havia pessoas escravizadas que também usaram a Inquisição a seu favor, procurando que os seus donos fossem menos violentos ou denunciando-os por serem cristãos-novos. Portanto, os escravizados também usaram os mecanismos da Inquisição a seu favor. E o problema dos manuais escolares é retirarem essa capacidade de agir às pessoas escravizadas.

Como a capacidade de não se resignarem a esse destino?

Sim, por exemplo, havia várias formas de resistência que podiam passar simplesmente pelo trabalhar mais devagar – não é por acaso que muitas fontes primárias se referem aos escravizados como preguiçosos e lentos, e pessoas que têm de ser ensinadas a trabalhar. Mas este trabalhar devagar era uma das formas de resistência dos escravizados. O pôr fim à vida daqueles que se atiravam ao mar, era uma forma de resistência, por muito doloroso que seja. O infanticídio também, muitas mães matavam os seus filhos para que eles não fossem submetidos à escravatura. Tudo isto são formas de resistência. E depois há as rebeliões organizadas ou as fugas individuais ou em grupo. Houve revoltas organizadas em que foram assassinados donos de pessoas escravizadas. E isto não aparece nos manuais.

Os manuais de História foram revistos, seguindo orientações do Ministério da Educação. Alguma coisa foi melhorada?

Neste momento, existe o pressuposto de que os alunos percebam que a escravatura foi uma coisa muito má e que foi operada pelos portugueses. No entanto, um problema persiste – é o facto de a grande história ser a dos Descobrimentos. Isto é logo problemático porque é uma visão nossa. Para nós, são descobertas. Para as pessoas que lá viviam, não há nenhuma descoberta. As pessoas já lá viviam. O próprio vocabulário dos Descobrimentos é problemático em si. Por outro lado, a escravatura é quase como uma nota de rodapé de um efeito colateral, como o preço a pagar para termos esta epopeia. Mas isto tem de ser revertido porque, na realidade, nós só temos estas conquistas e esta expansão porque começámos a escravizar pessoas. Porque a escravização de pessoas foi uma forma de obtenção de lucro que financiou toda a empresa dos Descobrimentos. E isto tem de ser revertido: não só porque é a escravatura que permite que essa epopeia aconteça, como é ela que nos permite compreender o mundo em que vivemos hoje. O problema do racismo estrutural é criado nesta altura. Com isto não quer dizer que não houvesse racismo antes ou outras formas de racismo. Havia, com certeza, mas é preciso perceber que o racismo é sempre um projecto político de dominação de um determinado grupo por outro. Este foi criado nesta altura e persiste até aos dias de hoje.

Sendo a escravização de pessoas uma forma de lucro, esse lucro foi contabilizado?

Não está contabilizado. É uma falha da historiografia portuguesa, a meu ver. Obviamente que é difícil de contabilizar e neste momento não tenho presente [a ordem de grandeza desses ganhos], mas estou a lembrar-me, por exemplo, de um estudo muitas vezes citado para o caso português, que não faz a distinção entre a escravatura e outras mercadorias que eram transaccionadas, dos investigadores Leonor Freire, Nuno Palma e Jaime Reis, no qual falam em cerca de 20% do PIB [produto interno bruto, em ganho líquido, no final de Setecentos].

Se o problema do racismo advém daí, quer dizer que a escravatura não existia na África subsariana antes da chegada dos portugueses?

Há muita gente a dizer que os africanos já tinham a escravatura e que nós só usámos aquilo que já existia. É verdade e não é. É verdade que havia, de facto, escravatura no continente africano, mas aquilo que os portugueses fizeram e que os restantes europeus seguiram foi uma coisa muito diferente, que não só expandiu a quantidade, com o aumento exponencial da procura de uma forma que antes não ocorria... mais do que isso, houve um critério qualitativo, digamos assim, que alterou profundamente este negócio. A escravatura que se exercia dentro do continente africano não era baseada em critérios raciais e passou a sê-lo. Anteriormente, ela era mais baseada em critérios religiosos e de grupo. Esta coisa das raças é uma invenção nossa, do Ocidente, que serve precisamente para criar

categorias e uma hierarquização. Os negros são postos na base dessa hierarquia para justificar a sua escravização.

Isso acontece com a conivência do próprio poder local africano?

Para conseguir capturar pessoas, os europeus fomentaram conflitos entre reinos, porque neles se faziam prisioneiros de guerra e os prisioneiros de guerra eram escravos legítimos, de acordo com as regras da época. Os reinos que não se submetiam a esta lógica eram eles próprios escravizados. Portanto, muitos soberanos africanos escolhiam o mal menor, que era obter pessoas, porque assim eram deixados em paz.

Foi a escravatura que deu lugar ao colonialismo, através da falência das estruturas do poder local?

Sobre isso mesmo existe outro mito da história que é o de que escravatura transatlântica e colonialismo são dois episódios históricos separados no tempo. Não são. No caso português, em particular, é mais do que óbvio, porque acaba a escravatura, começa o regime do chibalo [trabalho forçado]. Essa transição é feita sem interrupções ou rupturas. Nós não conseguimos compreender o colonialismo se não percebermos como a escravatura transatlântica foi organizada e como foi mantida durante quatro séculos. Não percebemos a emergência do capitalismo sem olharmos o modo como este sistema foi montado e mantido. E, portanto, não percebemos o nosso mundo de hoje se não olharmos para este passado, que, para muitas pessoas, parece distante e desligado da nossa realidade, mas não é. É nas bases da escravatura transatlântica que se constrói o colonialismo. Porque o colonialismo não era possível se as estruturas montadas para esta escravatura não estivessem lá. E estas estruturas são o enfraquecimento dos reinos africanos e dessas solidariedades e dessas organizações políticas que já existiam.

Faz então sentido para si Portugal avançar para uma reparação a populações e países colonizados, como discutido recentemente?

Faz todo o sentido. Reparar é impossível porque não se pode voltar atrás e desfazer aquilo que foi feito. As pessoas ficam muito revoltadas com esta ideia das reparações mas, na realidade, quando acabou a escravatura, quem recebeu reparações financeiras foram os donos dos escravos. No caso do Reino Unido, por exemplo, quando a escravatura foi abolida, os escravizados ainda tiveram de passar como aprendizes por um período de aprendizagem de três a quatro anos para os preparar para o mercado de trabalho, mas na realidade continuaram a ser escravizados. E a coroa britânica endividou-se em 40% do seu PIB [produto interno bruto] na altura para entregar compensações monetárias aos donos destes escravizados. A dívida que foi contraída no século XVIII pelo Reino inglês foi acabada de pagar em 2015. Portanto, para quem pensa que este assunto está lá distante, em 2015, foi quando a Inglaterra acabou de pagar este empréstimo contraído. Ao Haiti foi-lhes imposta uma dívida que o país teve de pagar à França, por se terem tornado independentes, e essa foi uma dívida que também acabaram de pagar há pouco e que deixou o país de joelhos. Todos os donos de escravos foram indemnizados, quer a título particular quer, no caso do Haiti, do país. Mas, quando se fala em reparar as pessoas que foram vítimas deste tráfico, gera-se logo um debate, a meu ver, demagógico. Porque, quando falamos em reparação, não estamos a falar necessariamente de quantificar e pegar em dinheiro e ir dar aos descendentes de pessoas escravizadas. Até porque isso seria muito difícil.

Que forma deveriam assumir essas reparações?

Pensamos no ensino da História na perspectiva portuguesa. Porque não procurar caminhos comuns de ensinar esta história? Partes do currículo que seriam iguais em Moçambique, em Angola e em Portugal. Porque essa história é partilhada.

Defende então uma reparação no sentido de um reconhecimento que mude a forma de interpretar a história. Mas nisso haveria lugar a reparações a governos?

A governos, já seria uma coisa diferente. Investimentos que Portugal possa fazer com Angola e com Moçambique podem fazer parte de um pacote de compensações. É absolutamente fundamental que a questão da restituição de objectos em museus seja discutida, e que se Angola ou Moçambique ou outro país achar que tem coisas aqui que devem regressar aos seus países de origem, pois que regressem. E mesmo que não as peçam, se os museus aqui descobrem que há uma peça que foi obtida durante o colonialismo português, pois se calhar deve ser esse museu a tomar a iniciativa e perguntar: “Querem isto de volta?”.

Não seria uma reparação financeira?

Há uma série de coisas que pode envolver dinheiro, mas que não se esgota no dinheiro. Especialmente tendo em conta que Portugal é um país tão pobre, não vejo como é que isso poderia acontecer.

“

Porque não procurar caminhos comuns de ensinar esta história? Partes do currículo que seriam iguais em Moçambique, em Angola e em Portugal. Porque essa história é partilhada

Não percebemos a emergência do capitalismo sem olharmos o modo como este sistema [da escravatura] foi montado e mantido

As pessoas ficam muito revoltadas com esta ideia das reparações mas, na realidade, quando acabou a escravatura, quem recebeu reparações financeiras foram os donos dos escravos

Se os museus aqui descobrem que há uma peça que foi obtida durante o colonialismo português, pois se calhar deve ser esse museu a tomar a iniciativa e perguntar: ‘Querem isto de volta?’

Dieta “amiga” do planeta ajuda a ter menos inflamações respiratórias

Andréia Azevedo Soares

Estudo envolveu 660 crianças do Porto com idades compreendidas entre os sete e os 12 anos

ENRIC VIVES-RUBIO

Dieta Saudável Planetária pressupõe consumo moderado de carne

Crianças que têm uma alimentação “amiga do planeta” tendem a apresentar menores níveis de inflamação nas vias aéreas, sugere um estudo publicado na revista científica *Nutrients*. Elaborado por cientistas portugueses, o trabalho envolveu 660 alunos de escolas públicas do Porto e demonstra um efeito protector de uma dieta sustentável nas vias respiratórias infantis.

“Reconhecer o impacto do consumo de alimentos na asma e na inflamação das vias respiratórias, juntamente com os seus efeitos ambientais, pode ajudar a desenvolver directrizes clínicas e de saúde pública mais precisas relativamente aos padrões alimentares para uma melhor saúde”, escrevem os autores do trabalho.

“O objectivo do nosso estudo era investigar se crianças com uma dieta mais sustentável – ou seja, mais saudável para o planeta – têm menor prevalência de asma e menor inflamação das vias aéreas. O que nós conseguimos verificar foi que, de facto, os alunos que têm uma alimentação mais saudável e sustentável também apresentavam menor inflamação”, explica ao PÚBLICO a investigadora Mónica Rodrigues, primeira autora do artigo da *Nutrients*.

Uma dieta sustentável é aquela que põe maior ênfase em produtos de origem vegetal, em particular frutas, legumes, cereais integrais e leguminosas. Por outro lado, limita o consumo de carne, ovos e peixe, bem como as versões processadas desses produtos – sem nunca os tirar do cardápio.

“Esta dieta apenas pressupõe um consumo mais moderado de carne”, explica Mónica Rodrigues, que é investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto.

A carne bovina tem um peso importante no nosso sistema alimentar no que toca às emissões de gases com efeito de estufa (ou seja, os poluentes responsáveis pela crise climática). A agência para a Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO, na sigla em inglês) estima que as emissões originárias da pecuária representem quase 15% da pegada carbónica global. E daí a afirmação de que as nossas escolhas alimentares condicionam a protecção dos ecossistemas na Terra.

Dieta Saudável Planetária

Para avaliar os hábitos alimentares dos alunos portugueses, os cientistas basearam-se no Índice de Dieta Saudável Planetária (PHDI, na sigla em inglês), um indicador que mede a adesão ao padrão alimentar e que foi proposto pela Comissão EAT-Lancet. O objectivo desta dieta é apostar em sistemas e opções alimentares que façam bem tanto à saúde humana quanto à saúde do planeta.

“Estas dietas mais sustentáveis são geralmente mais ricas em hortícolas, em fruta, leguminosas e cereais integrais, que são alimentos tipicamente muito ricos em antioxidantes, que têm propriedades anti-inflamatórias. Nós sabemos que os antioxidantes têm efeitos positivos na nossa saúde, assim como um menor consumo de carnes vermelhas, carnes processadas, açúcares adicionados, gorduras”, esclarece a cientista.

> **Uma dieta sustentável é aquela que põe maior ênfase em produtos de origem vegetal, em particular frutas, legumes, cereais e leguminosas**

A conclusão do estudo mostra um efeito protector de uma dieta mais saudável e sustentável na redução da inflamação respiratória, mas apenas em crianças sem excesso de peso. Os resultados encontrados, que sugerem uma associação – e não uma relação de causa e efeito – entre uma dieta sustentável e menores níveis de inflamação, não foram observados para a asma.

“Nem todas as crianças que têm inflamação nas vias aéreas sofrem de asma, mas as crianças que apresentam asma normalmente têm inflamação das vias aéreas. Podemos pensar aqui numa causalidade reversa: os pais destas crianças não vão saber que elas têm inflamação, mas sim se têm asma, e podem, se calhar, já mudar a alimentação nesse sentido, o que poderá confundir um pouco os resultados”, analisa Mónica Rodrigues.

Um total de 1602 crianças de 20 escolas públicas do Porto com idades entre os sete e os 12 anos foram convidadas a participar. Desse total, 660 completaram o formulário relativo aos dados nutricionais e 454 foram avaliadas fisicamente.

Os dados para este estudo foram recolhidos entre Janeiro de 2014 e Março de 2015 e integram o projecto colaborativo ARIA, que já está concluído e envolveu diferentes pólos de investigação da Universidade do Porto.

O trabalho tem ainda como co-autores os investigadores Patrícia Padrão, Francisca de Castro Mendes, André Moreira e Pedro Moreira.

Os investigadores realizaram uma análise transversal para avaliar a associação entre a alimentação e a saúde das crianças (asma e inflamação das vias aéreas de acordo com o excesso de peso ou obesidade). A dieta foi avaliada através do PHDI: quanto maior era o índice apresentado por um aluno, mais saudável e sustentável seria a sua dieta.

No que toca à saúde respiratória, os cientistas consideraram três definições de asma com base num diagnóstico médico auto-relatado, sintomas, medicação para a asma, função pulmonar medida e reversibilidade das vias aéreas. A inflamação das vias aéreas foi avaliada pela fracção de óxido nítrico exalado durante a respiração.

O índice de massa corporal foi observado em duas categorias: com e sem excesso de peso. A questão da gordura corporal é relevante para os cientistas, uma vez que, em pacientes asmáticos, a perda de peso costuma facilitar o controlo da condição e melhorar a função pulmonar.

Causa Pública vai apresentar reforma da justiça

Paulo Pedroso, presidente da Causa Pública, diz que “até ao final” do ano o *think tank* terá uma “posição pública sobre a justiça”

A Associação Causa Pública vai promover na quarta-feira, em Lisboa, um debate sobre o “estado da justiça” em Portugal e até ao final do ano irá preparar um documento estratégico com pistas para uma reforma deste sector.

Presidida pelo antigo ministro socialista Paulo Pedroso, a Associação Causa Pública é uma entidade vocacionada para a reflexão política e ideológica, que se define como progressista e que tem como objectivo principal propor medidas que equipem diferentes correntes da esquerda.

Em declarações à agência Lusa, Paulo Pedroso afirmou que a Associação Causa Pública tem um grupo de trabalho coordenado pela constitucionalista Teresa Violante sobre justiça e sistema democrático, o qual, ao longo dos próximos meses, irá preparar um documento sobre políticas para este sector.

“Os trabalhos estão numa fase inicial, mas até ao final do ano iremos ter uma posição pública sobre a justiça em Portugal, a exemplo do que já fizemos nas áreas da fiscalidade e da saúde. Há uma grave crise no sistema de justiça. E a justiça é um pilar fundamental da democracia”, salientou Paulo Pedroso.

As primeiras pistas para a elaboração deste futuro documento estratégico sobre justiça serão indicadas no debate desta quarta-feira, que decorrerá a partir das 18h30 no Atrium Saldanha, em Lisboa, em parceria com a Livraria Almedina.

Além da constitucionalista Teresa Violante, serão também oradores no debate o antigo presidente do Supremo Tribunal de Justiça Noronha Nascimento, que irá apresentar uma reflexão sobre investigação criminal, o ex-dirigente do PSD André Coelho Lima, subscritor do “Manifesto dos 50 sobre justiça”, e a dirigente socialista e constitucionalista Isabel Moreira.

“Este será o primeiro de uma série de debates mensais temáticos da parceria entre a Associação Causa Pública e a Almedina. Interrompemos no mês de Agosto, mas os debates temáticos serão retomados em Setembro”, acrescentou Paulo Pedroso. **Lusa**

A BELA E O MONSTRO
MARIA LAMAS
As Mulheres do meu País
COMPRE AQUI
loja.publico.pt
A obra emblemática de Maria Lamas sobre as MULHERES PORTUGUESAS. Um retrato extraordinário e revolucionário do nosso país, feito por uma mulher empenhada nos movimentos de defesa dos direitos das mulheres, agora reeditado como há 75 anos, em 1948, em 15 fascículos mensais, com capa dura, os ferros de estampagem originais e o restauro integral das imagens. Guarde este documento histórico dedicado «a todas as mulheres portuguesas (...) que reflecte o grande sonho de um mundo mais harmonioso e iluminado de fraternal amor», como era o desejo da autora.
EDIÇÃO MENSAL
1ª QUARTA DE CADA MÊS
PARA AQUISIÇÃO PARCIAL OU TOTAL DOS FASCÍCULOS, CONTACTAR COLECCOES@PUBLICO.PT
+12,90€
EM BANCA
COM O PÚBLICO
P
MARIA LAMAS
As Mulheres do meu País
FASCÍCULO 14
PVP vol. 1 - 8,90€; PVP vol. 2 a 15 - 12,90€. Preço total colecção 189,50€. Periodicidade mensal, na 1ª quarta-feira de cada mês, entre 7 de Junho de 2023 e 7 de Agosto de 2024. Stock limitado.
*Colecção de 15 fascículos (oferta de capa + caderno extra no vol 1 - não podem ser vendidos separadamente).
B&B
REPÚBLICA PORTUGUESA
MINISTRA ADJUNTA E DOS ASSUNTOS PARLAMENTARES
REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA
BNP BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL
CIG
COMISSÃO PARA A CIDADANIA E A IGUALDADE DE GÉNERO
Graal
PORTUGAL MAIS IGUAL
torresnovas município
CÂMARA MUNICIPAL VIANA DO CASTELO
RTP
ANTENA 1
50 X2 DEMOCRACIA 25 DE ABRIL

Por norma, a "percepção de insegurança" não acompanha os números da criminalidade

Contexto, predisposições pessoais e acesso a informação contribuem para a sensação de insegurança, explica directora do Laboratório de Psicologia Social, Isabel Rocha Pinto

Camilo Soldado

Tem entrado na agenda política, é utilizada como justificação para discursos securitários e acaba por moldar comportamentos. E isso verifica-se mesmo que a "percepção de insegurança" não corresponda necessariamente aos números oficiais da criminalidade.

Entre outros factores, "as percepções são muito sensíveis aos contextos e à informação que temos, àquilo que observamos e aos nossos próprios medos", diz a professora da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (UP), Isabel Rocha Pinto, em entrevista ao PÚBLICO.

A docente que dirige o Laboratório de Psicologia Social (LPS) da UP estabelece uma comparação com a "percepção de corrupção" – um dos temas sobre os quais se tem debruçado –, que "também não acompanha os casos efectivos". Habitualmente, a sensação supera a realidade. "Crises económicas, migratórias, políticas são veiculadas muito como sendo extremamente negativas e isto cria uma percepção de ameaça e de insegurança muito grande nas pessoas", explica.

Ainda assim, mesmo sendo "apenas" uma sensação, pode levar à mudança de comportamentos. "Quando as pessoas têm uma percepção de insegurança muito forte relativamente à criminalidade nas ruas, é normal que elas não saiam à noite, mudem as suas rotinas, comecem a ficar mais em casa", diz.

Há grupos sociais mais susceptíveis a este sentimento, como as mulheres e a população idosa, o que não está desligado do sentimento de vulnerabilidade à medida que uma pessoa vai envelhecendo. Noutro capítulo, as camadas mais jovens mostram mais uma "percepção de insegurança relacionada com as alterações climáticas", nota.

Quando relacionada com criminalidade, no entanto, leva a que as pessoas se retraiam, mas também a que tentem proteger-se e aos seus. Isabel Rocha Pinto associa esta sensação a emoções negativas como vulnerabilidade, tristeza e medo. Mas também a raiva. "Muitas vezes isto implica reacções extremamente discriminatórias em relação a tudo aquilo que é novo e que vem perturbar o *statu quo*", refere.

Reduzir a incerteza

"A maior parte das pessoas não consegue lidar muito bem com a incerteza associada a coisas negativas. Então, para algumas pessoas, é fundamental reduzir a incerteza." Como? "Procuramos respostas junto de outras pessoas que pensam como nós ou que nós achamos que nos vão dar soluções", diz a académica, que também tem estudado fenómenos do populismo e dos processos de desinformação.

Por vezes, as respostas que ajudam a reduzir a incerteza são as mais "simples, redutoras e básicas", de fácil compreensão, que estabelecem relações de causa e efeito. É nestes contextos que aparece a demonização ou culpabilização de "determinado tipo de indivíduos ou outros grupos sociais, como os imigrantes", aponta, apesar de os dados mostrarem que não há qualquer associação entre aumento de criminalidade e imigração.

"Estas respostas simples acabam por trazer alguma segurança e alguma certeza porque a culpa é 'destes'. Se a culpa é destas pessoas, então, se estas pessoas não existirem, nós ficamos bem", elabora. Aqui, Isabel Rocha Pinto estabelece uma ligação com populismo, cujas dinâmicas passam por demonizar outros grupos: "No caso do de direita, [a culpa] é dos imigrantes ou das minorias; no do [populismo] de esquerda, [a culpa] é da banca e dos poderosos", simplifica.

A professora universitária põe também em cima da mesa o conceito de "associação ilusória", "quando fazemos associações entre factos que na realidade não existem". Ou seja, "se já estivermos predispostos a sentir insegurança ou formos contra imigrantes, vamos fazer correlações na nossa cabeça", mesmo que elas não existam.

O que dizem os números

As questões de segurança em Lisboa e Porto têm ganhado espaço mediático e levaram os autarcas das duas cidades a pedir medidas ao novo Governo. E sobre o tratamento noticioso, Isabel Rocha Pinto também tem coisas a dizer.

No final de Maio, após uma reunião com a ministra da Administração Interna, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Carlos Moedas, falou numa "percepção" de que existe "menos segurança na cidade".

Já na semana passada, no final de um Conselho Municipal de Segurança, o presidente da Câmara Municipal do Porto citava os dados do Relatório Anual de Segurança Interna (RASI) relativo a 2023, para dizer que já não se tratava apenas de uma percepção, mas que os números confirmavam uma subida na criminalidade no Porto. O que é verdade quando a comparação é feita com 2022, mostra a mais recente informação disponível.

No entanto, apesar de alguns casos mediáticos (com o ataque a imigrantes no Campo 24 de Agosto, em Maio, a levantar a discussão), os números da criminalidade no Porto continuam abaixo dos registados em 2019, o último ano antes de a pandemia obrigar a fazer um asterisco na maior parte das estatísticas oficiais. Isso acontece tanto para o

NELSON GARRIDO

RUI OLIVEIRA

Isabel Rocha Pinto, da Universidade do Porto, diz que "as percepções são muito sensíveis aos contextos e à informação que temos"

total de participações quanto para a criminalidade violenta e grave, segundo a Direcção-Geral da Política de Justiça, que recolhe esta informação. No Porto, os dados dos últimos 15 anos mostram que 2023 trouxe números historicamente baixos, se for excluída a quebra do período pandémico.

Ainda assim, em sentido contrário, no total do país e em Lisboa, o número de participações aumentou em relação a 2019, mostra o RASI. Mas a criminalidade violenta e grave continua abaixo do nível de há cinco anos. Burlas, violência doméstica e condução com excesso de álcool no sangue são os tipos de crime mais praticados em Portugal.

Mesmo quando as participações aumentam, refere a académica, pode não significar um aumento de crimes em si, mas o aumento da denúncia às autoridades. Em 2023, por exemplo, registou-se um aumento de 27% nos crimes de ódio. Isabel Rocha Pinto, que tem vindo a trabalhar também sobre discurso de ódio, diz que este, muitas vezes, fica por reportar às autoridades.

Crises económicas, migratórias, políticas são veiculadas muito como sendo extremamente negativas e isto cria uma percepção de ameaça e de insegurança muito grande nas pessoas

"Sensibilizar as pessoas para o reporte não quer dizer que aumente o discurso de ódio. Mas pode aumentar o reporte, uma vez que as pessoas são mais sensíveis à necessidade de reportar", explica. Essa prática não habitua apenas os cidadãos, mas ajuda as autoridades a interiorizar os procedimentos. Durante algum tempo, quando era um fenómeno ainda menos visível nas estatísticas oficiais, iniciou-se uma dinâmica semelhante com os crimes de violência doméstica, ilustra.

Notícias sobre percepções

No processo de tentativa de reduzir a incerteza, a informação é essencial, sublinha a responsável do LPS. "E há informação que não conseguimos facilmente, só através dos *media*, dos nossos amigos ou das pessoas com quem nos damos ou de peritos que consideremos. Mas até esta busca de informação a diferentes fontes exige motivações diferentes", conta.

Uma resposta rápida implica o recurso que está mais acessível. A procura de peritos, com argumentos mais elaborados, requer outra disponibilidade e esforço. Como tendemos a ser "muito sensíveis à informação que recebemos e ao que observamos, quem tem a informação tem um grande poder sobre nós". Daí que a cobertura noticiosa tenha, neste processo, um papel determinante. Mesmo que seja noticiado um caso, o facto de "ser na minha cidade", explica, "tem um impacto muito grande".

O mesmo se verifica com os testemunhos na primeira pessoa, que "têm muito mais impacto que um número. Os números não têm rosto", nota. "Quanto mais vivacidade se dá a um caso", prossegue, "quanto menos estatístico ele é e mais humanizado ele é, quanto mais detalhes ele tem, mais nós consideramos que aquilo é uma verdade quase absoluta e generalizável".

Há outra prática, diz, que alimenta a percepção: "Quando as pessoas não falam sobre um episódio que tenha acontecido, mas falam em percepções e a notícia são as percepções." Acaba por ser um ciclo que se retroalimenta.

A informação que seleccionamos importa, até porque também há informação "que é deliberadamente construída para criar insegurança e vulnerabilidade", adverte. É uma prática recorrente dos discursos populistas, aponta, ligando-os ao que acontece nos cultos.

"Em termos psicossociais, os processos são os mesmos", diz. "Há alguém que é um salvador e que tem as respostas todas, mas antes veiculam uma informação de criação de ameaça por parte do exterior. É alguém que deliberadamente nos causa ameaça e insegurança, mas dá as respostas ao mesmo tempo", descreve.

E agora?

O acesso imediato a informação através do telemóvel e do computador veio acrescentar uma camada de complexidade a um problema já de si difícil de resolver. "Essa informação chega-nos quase automaticamente devido a algoritmos. Se eu tiver de a procurar, estou com uma atitude deliberativa, com motivação para o fazer, para entender e despender tempo. Se essa informação me chega [através das redes sociais, a meio do *scroll* infinito], isto significa que estou num estado mais passivo", expõe.

Procurar informação exige mais esforço cognitivo. O consumo pelas redes sociais, não. Activa-se, portanto, um nível intuitivo, anota. Sem tempo para processar essa informação, tendemos a "utilizar as nossas intuições, que já têm por detrás uma ideologia muito forte".

"Assimilo como sendo verdadeira a informação que estiver de acordo com as minhas intuições e a considerar como falsa ou negligenciável a que for contra as minhas intuições", afirma. Esta tendência encontra respaldo nos estudos sobre o "viés de confirmação", o princípio segundo o qual tendemos a procurar informação que sustenta as nossas crenças prévias. "E as redes sociais provocam intencionalmente essa situação de saturação cognitiva", remata.

Como tentar combater estas distorções? Tem de se começar nas instituições onde nos encontramos, defende. Na escola, onde poderá ter mais efeitos para o futuro, nos locais de trabalho, nas instituições. Considera que tanto o sistema educativo quanto as restantes entidades podem "ajudar a deliberar um bocado sobre esses assuntos", com promoção de literacia, se não forem "isentos de ideologia", se houver uma cultura de maior respeito e cuidado com a diversidade.

Dá o exemplo da comissão de ética que existe na faculdade onde trabalha como o tipo de ferramentas de que as instituições dispõem para induzir maior respeito e cuidado com a diversidade.

"Se as instituições se demitirem deste tipo de ideologias, não temos nada", sublinha. E quando fala em ideologia, no fundo, refere-se a direitos humanos. Questionada sobre o potencial de conflito desta posição, responde: "Porque é que estas vozes estão contra alguma ideologia, mas não são contra toda a ideologia? Porque tudo é ideológico. Por exemplo, o programa Escola Segura, também ele é ideológico", argumenta.

A educação e treino que defende ajudariam a combater a desinformação, garante. Mas, ainda antes disso, é "preciso um espaço institucional que valorize a redução da desinformação ou que penalize legalmente a desinformação".

Democracia peculiar de Paul Kagame, entre Singapura e Pyongyang

Nove milhões de ruandeses vão hoje às urnas para escolher deputados e Presidente numa eleição com guião quase fechado. Trinta anos depois, o regime continua a reprimir a liberdade

António Rodrigues

Para os ruandeses, as eleições presidenciais representam quase unanimismo. No tempo de partido único porque não havia outro candidato além de Juvénal Habyarimana (de cognome *Kinani* ou *Invencível*). Desde o multipartidarismo, por continuar a existir apenas um candidato com reais possibilidades de vencer, mesmo que outros candidatos façam figura de corpo presente na campanha e no boletim de voto.

Nas eleições de hoje, Paul Kagame, o Presidente de há 24 anos, será seguramente reeleito e com uma votação bem acima de 90%, apesar da concorrência de Frank Habineza e de Philippe Mpayimana. Os dois emprestam a ideia de pluralismo a um sufrágio onde os mais importantes adversários de Kagame foram impedidos de concorrer.

Primeiro, foram presos e condenados por delito de opinião, com sentenças relacionadas com terrorismo, atentado contra a segurança no Estado ou as instituições; agora, Bernard Ntaganda e Victoire Ingabire foram impedidos pela Justiça de figurarem nos boletins de voto por terem sido condenados anteriormente a penas de prisão efectiva.

Como afirmou Kagame, no comício que marcou o lançamento da sua campanha, a 22 de Junho, "a democracia é muitas vezes mal compreendida ou interpretada de forma diferente pelas pessoas, mas nós temos o nosso próprio entendimento baseado na realidade própria dos ruandeses e no que precisa de mudar nas nossas vidas". E, pelos vistos, a julgar pelos resultados alcançados pelo Presidente desde as primeiras eleições multipartidárias de 2003, a democracia favorece-o fortemente: 95% dos votos em 2003, 93% dos votos em 2010, 98,8% dos votos expressos em 2017. Desta vez, é apoiado por mais oito partidos além do seu, a Frente Patriótica Ruandesa (FPR).

"Não penso que vá mudar grande coisa. É apenas um ritual que acontece ao fim de poucos anos. Está tudo predeterminado", dizia ao *site* da emissora alemã DW Charles Ndushabandi, residente em Kigali, um dos nove milhões de ruandeses recenseados para votar nas eleições de hoje, em que também se escolhem os 24 senadores e os 80 deputados do Parlamento, 24 deles reservados à partida para mulheres (um reflexo constitucional do genocídio de 1994, em que a morte de 800 mil ruandeses, sobretudo de etnia tutsi, deixou o país com mais mulheres do que homens).

Devido a uma emenda constitucional feita em 2023, as presidenciais e as legislativas passaram a realizar-se no mesmo dia, segundo as autoridades, para poupar dinheiro. Em 2018, a FPR e os seus aliados elegeram 40 dos 53 deputados, mas a FPR perdeu um lugar; com as legislativas e as presidenciais ao mesmo tempo, o partido poderá beneficiar do voto no Presidente para obter um melhor resultado.

Jean-Pierre Muganga, estudante universitário que vota nestas eleições pela primeira vez, está completamente convencido de que o Presidente vai renovar o mandato. E "a expectativa é que a FPR ganhe porque tem sido assim", disse à DW.

No que diz respeito às presidenciais, o boletim de voto de 2024 podia bem ser o mesmo de há sete anos, pois os adversários repetem-se: Frank Habineza teve 0,5% dos votos nas presidenciais de 2017 e o partido que lidera, o Partido Verde Democrático, elegeu dois deputados em 2018; Philippe Mpayimana é um jornalista, antigo refugiado e candidato independente que, apesar de garantir que é o único capaz de trazer a mudança, obteve apenas 0,72% dos votos em 2017.

Retorno do dinheiro do plano britânico

O Governo britânico está empenhado em reaver parte dos 220 milhões de libras (261,2 milhões de euros) já pagos ao executivo ruandês no âmbito do acordo de envio para o Ruanda de migrantes à espera da resolução do pedido de asilo no Reino Unido, plano que o primeiro-ministro Keir Starmer cancelou assim que assumiu, por o considerar ineficaz para conter a migração irregular.

"O Ruanda cumpriu integralmente a sua parte do acordo, nomeadamente no que diz respeito às finanças", lembrou o Governo ruandês em comunicado. Que admitiu, porém, considerar o retorno de parte do financiamento se Londres assim o solicitar.

Constituição e tribunais

A Constituição do país foi revista em 2015 para encurtar os mandatos presidenciais para cinco anos, mantendo o limite de dois mandatos consecutivos, autorizando, no entanto, que o Presidente se candidatasse, por razões excepcionais, a um terceiro mandato de sete anos em 2017. Ao mesmo tempo, estabelecia as eleições de 2024 como as primeiras em que entraria em vigor a alteração constitucional e podendo o Presidente candidatar-se como se a sua fosse uma candidatura nova. Uma revisão feita à medida de Kagame, que conseguiu de uma assentada mais 17 anos para se eleger "democraticamente" e manter-se no poder até 2034, altura em que terá 77 anos e poderá reformar-se. Ou não, o referendo sobre a revisão Constituição de 2015 foi aprovado com 98,32% dos votos.

Se a justiça eleitoral continuar a dar uma ajuda, deixando passar pela peneira apenas os candidatos que não farão mossa a Kagame nas urnas, o ritual eleitoral da peculiar democracia ruandesa pode prosseguir sem problemas no futuro. Três candidatos ficaram pelo caminho depois de a Comissão Nacional de Eleições ter determinado que lhes faltavam documentos ou estavam incorrectos, não tinham assinaturas suficientes ou apresentavam erros.

Dois deles voltaram a ver as suas candidaturas rejeitadas como em

2017, Fred Barafinda Sekikubo e Diane Rwigara. Esta última, segundo a Amnistia Internacional, foi detida em 2017 depois de lançar um grupo activista e acusada de "incitar à insurreição ou causar problemas entre a população", "falsificação ou alteração de documentos" e "utilização de documentos falsos", mas acabou absolvida de todas as acusações em Dezembro de 2018.

Victoire Ingabire, líder do partido Desenvolvimento e Liberdade para Todos (DALFA-Umurinzi), passou seis anos na prisão, depois de em Outubro de 2012 o Supremo Tribunal a ter considerado culpada de "minimizar grosseiramente o genocídio" e de conspiração para cometer terrorismo. Condenada a oito anos de prisão, aumentados para 15 no ano seguinte, foi libertada em Setembro de 2018. A sua reabilitação legal que lhe permitiria concorrer às eleições foi negada pelo Supremo em Março deste ano.

Quanto a Bernard Ntaganda, fundador do Partido Socialista Ideal (PS-Imberakuri), foi preso a 24 de Junho de 2010, coincidindo com o início do período de apresentação de candidaturas para as presidenciais desse ano. Condenado a sete anos de prisão por atentado contra a segurança do Estado, plano para realizar uma "manifestação não autorizada" e "divisionismo", por causa dos seus discursos a criticar o governo. Libertado ao fim de quatro anos, também viu ser-lhe negada a reabilitação pelo Supremo, em Maio, considerando os juízes que o político tinha custas judiciais em atraso – "a Amnistia Internacional viu as facturas que mostram que as custas foram efectivamente pagas".

Contradição

Como escreve, no *site* The Conversation, Omar Shahabudin McDoom, professor de Políticas Comparadas da London School of Economics, "os apoiantes do percurso do Ruanda" desde o fim do genocídio em 1994 "acreditam na aspiração do seu Presidente, Paul Kagame, de que o país se torne a Singapura de África". Ao mesmo tempo, os críticos do Gover-

DANIEL IRUNGU/EPA

Paul Kagame no comício que marcou o início da campanha eleitoral, a 22 de Junho

no ruandês e do seu Presidente vêem no regime tiques autoritários mais comuns na Coreia do Norte.

"Esta forte divergência de pontos de vista também afecta a comunidade académica", explica o analista. "Alguns especialistas aclamam o Ruanda como um Estado em desenvolvimento e com ambições altamente modernistas de utilizar a ciência e a tecnologia para o seu progresso. Outros denunciam-no como uma etnocracia, um Estado dominado por um grupo étnico e dirigido por uma ditadura extremamente autoritária."

Nas celebrações do 30.º aniversário do 4 de Julho, que marca o "dia da libertação", ou seja, a derrota do regime de Habyarimana às mãos da FPR, que pôs fim à guerra civil e ao genocídio dos tutsis, o Presidente apelou aos mais novos, aos que nasceram de então para cá: "Cabe-vos a vós proteger, defender e tornar este país próspero", disse. "Começámos esta etapa há 30 anos e contamos convosco, a geração da libertação, para nos levar mais longe."

O regime continua a comportar-se como se o processo de conquista da liberdade estivesse a decorrer, calando os críticos

Três décadas depois, o regime continua a comportar-se como se o processo de conquista da liberdade estivesse a decorrer, calando os críticos e tentando manter sob controlo qualquer possibilidade de dissidência.

No meio das duas frases anteriores, citadas do seu discurso do 4 de Julho, Kagame mencionara algo que está na essência da enorme contradição que é hoje a "democracia" ruandesa e que contribui para a tensão permanente em que vive: "Vale a pena repetir que a verdadeira libertação só começa quando as armas se calam."

Como explica no *site* da Human Rights Watch a investigadora Clémentine de Montjoye, impedida de entrar no Ruanda no princípio deste ano, "a ameaça de danos físicos, os processos judiciais arbitrários e as longas sentenças de prisão, que muitas vezes podem levar à tortura, têm sido eficazes em dissuadir muitos ruandeses de se envolverem em actividades de oposição e de exigirem a responsabilização dos seus líderes políticos".

"A preocupação do regime com a segurança está em contradição com o seu desejo de unidade", refere o professor da London School of Economics, para quem "é impossível haver 'consenso político' sem uma escolha significativa" e escolher "não é compatível com coerção".

O que leva McDoom a concluir que só quando houver "uma transição de poder genuína e pacífica", isto é, só quando tranquilamente Kagame ceder o seu lugar a outro Presidente eleito é que o Ruanda terminará o seu processo de libertação. E isso não acontecerá ainda nestas eleições.

Força de Defesa do Ruanda

Lutar pela paz em Moçambique e fazer a guerra no Leste do Congo

António Rodrigues

Um pequeno país à escala africana, 90 vezes mais pequeno do que a vizinha República Democrática do Congo e 30 vezes menor do que Moçambique, contribui hoje em grande medida para a instabilidade do primeiro e para a relativa estabilidade do segundo. O Ruanda transformou-se, com a liderança de quase um quarto de século de Paul Kagame, numa potência militar da África subsariana, capaz de enviar uma força de paz para Cabo Delgado e uma máquina de guerra para o Norte-Kivu.

Assente nas marcas traumáticas do genocídio de 1994, a poderosa Força de Defesa do Ruanda (FDR) tornou-se um instrumento dissuasor para novas veleidades internas dos hutus, novamente secundarizados na liderança do país tal como antes e para servir externamente a diplomacia por outros meios em palcos que sirvam os interesses de Kigali.

Com cerca de 33 mil efectivos, o país tornou-se um dos maiores contribuintes para as forças da paz das Nações Unidas, com cerca de seis mil soldados, o quarto maior em termos globais. Mas não se trata apenas de participação em missões conjuntas multilaterais, em Moçambique, os ruandeses têm um contingente de três mil homens a combater os insurgentes em Cabo Delgado no âmbito de um acordo bilateral e por tempo indeterminado.

Frederico Donelli, professor assistente de Relações Internacionais da Universidade de Trieste, escreve no *The Conversation* que o Ruanda conseguiu alcançar sucesso na sua diplomacia militar onde "alguns actores regionais africanos, como a África do Sul ou o Quénia", não conseguiram devido à "desconfiança dos outros países africanos".

A pequena dimensão do país terá jogado a seu favor, apesar de Kigali procurar, tal como outros, "ganhar influência internacional, regional e doméstica" com as suas acções. Ao ponto de alguns analistas já se perguntarem se estamos perante o novo gendarme de África. Diz-se, aliás, em relação a Cabo Delgado, que as forças ruandesas ali estariam para proteger os interesses da multinacional francesa TotalEnergies, obrigada a declarar motivos de força maior para parar o seu investimento na exploração do gás natural na bacia do Rovuma por causa dos ataques jihadistas – pelo menos 22 milhões de dólares foram pagos pelos Estados Unidos para ajudar ao financiamento do contingente militar.

Como refere Florent Geel, mediador de conflitos armados e membro associado da Sahel Security Analysis, na revista *online* Afrique XXI, o Ruanda está situado geograficamente "numa das regiões mais ricas e mais estratégicas do mundo para o fornecimento de matérias-primas raras (coltan, tântalo, ouro, cassiterite, volframite, etc.)", tendo-se transformado entre 2013 e 2019, apesar de recursos minerais limitados dentro das suas fronteiras, no maior exportador mundial de coltan e no segundo maior de tântalo.

Para isso muito contribuiu a acção da FDR, que, ao abrigo de um dos seus princípios fundamentais de proteger o país contra os genocidas e os seus descendentes, alimenta e ajuda, com três mil efectivos e armas pesadas (incluindo mísseis e veículos blindados), o grupo armado do Movimento 23 de Março (M23) na sua guerra no Leste da República Democrática do Congo.

Kigali acusa Kinshasa de apoiar o Exército de Libertação do Ruanda, composto em grande parte por oficiais das Forças Armadas Ruandesas que cruzaram a fronteira depois de os hutus terem perdido a guerra contra os tutsis em 1994. No entanto, o seu objectivo principal é continuar a garantir o acesso ruandês às minas do Leste do Congo.

A Força de Defesa do Ruanda tem hoje 33 mil efectivos, cerca de três mil estão actualmente em Cabo Delgado

Ainda na semana passada, o Departamento de Estado norte-americano emitiu uma nota a manifestar preocupação pelo facto de algumas cadeias de abastecimento ilegal de minerais estarem a financiar o conflito na região. "À medida que o tempo passa, algumas empresas parecem ter diminuído a sua atenção em relação às diligências adequadas" para garantir que os minérios que entram na cadeia de distribuição não são provenientes de extracção ilegal, disse a Administração norte-americana, incentivando as empresas a aplicarem com rigor as directrizes em vigor.

PATRICIA MARTINS

Governo fecha este ano privatização que PSD e CDS abriram há nove anos

Venda aos trabalhadores dos 5% da antiga CP Carga, hoje Medway, está a avançar após uma longa paragem

Luís Villalobos e Carlos Cipriano

Em Julho de 2015, Sérgio Monteiro, então secretário de Estado dos Transportes do executivo PSD/CDS, anunciava a MSC como vencedora da privatização da CP Carga, vendida a 100%.

Nove anos depois, fonte oficial do Ministério das Infra-Estruturas diz que, "neste momento, estão a ser ultimadas as minutas contratuais com as entidades que irão organizar a operação" de venda dos 5% de capital ainda detidos pelo Estado.

A assessoria financeira está a cargo do Banco Big, a mesma entidade que esteve a dar apoio ao processo na sua fase inicial. A alienação das acções, a concretizar por via de uma oferta pública de venda (OPV) destinada aos trabalhadores, vai ocorrer neste segundo semestre, conforme adiantou ao PÚBLICO fonte oficial da CP (onde ainda estão estacionados os 5% em questão).

A empresa já não se chama CP Carga mas sim Medway, nome dado pela MSC à ferroviária que fechou o ciclo de privatizações ligado ao executivo de Passos Coelho e à *troika* de credores. Na altura, a MSC venceu os concorrentes Atena Equity Partner e Cofihold com uma proposta de 53 milhões de euros, dos quais dois milhões para a aquisição das acções e outros 51 milhões para "a aquisição de créditos da CP Carga e compromissos de capitalização da empresa".

E, numa operação que se apresenta como a privatização mais demorada da história empresarial portuguesa, dá-se o caso de trabalhadores que nunca estiveram na CP Carga poderem agora comprar acções ligadas a esta companhia.

De acordo com a resolução do Conselho de Ministros, publicada em Janeiro deste ano ainda pelo anterior executivo, podem comprar acções os trabalhadores que "tenham vínculo laboral com a Medway há mais de três anos". Ou seja, há funcionários que, tendo entrado já com a empresa em mãos privadas, podem tornar-se accionistas. Actualmente, a Medway conta com cerca de 490 trabalhadores (nem todos serão elegíveis).

Interesse nas acções

Ao contrário do que acontecia há oito anos, os trabalhadores da Medway mostram interesse em comprar acções da empresa. Pedro Ferreirim, da comissão de trabalhadores, diz que "há muitos trabalhadores que têm interesse em adquirir as acções" e que não é difícil que estes venham a comprar a totalidade dos 5% do capital ainda a privatizar. "Temos

Governo de Passos Coelho anunciou, em 2015, a MSC como a empresa vencedora da privatização da CP Carga

A assessoria financeira está a ser feita pelo Banco Big, a mesma instituição que prestou apoio na fase inicial do processo de alienação do capital da CP Carga

interesse, está tudo à espera, mas ainda não sabemos como irá decorrer esse processo", disse. Estas declarações representam uma evolução, oito anos depois, em relação àquilo que era a posição da comissão de trabalhadores da então recém-privatizada CP Carga. "Nenhum trabalhador está interessado nos 5% porque querem é que [a empresa] seja 100% do Estado, dizia na altura Raul Vasques, da comissão de trabalhadores.

No mesmo sentido se pronunciava José Manuel Oliveira, da Federação dos Sindicatos Ferroviários: "Não temos visto nenhum entusiasmo, nem ninguém nos tem consultado com esse tipo de preocupações. Admito que um ou outro trabalhador se possa sentir dono da empresa na qual está a trabalhar, mas nós não nos metemos nisso."

Segundo a lei-quadro das privatizações, os funcionários das empresas em causa "têm direito, independentemente da forma escolhida para a reprivatização, à aquisição ou subscrição preferencial de acções".

A decisão de avançar com a OPV foi apenas formalizada em Dezembro do ano passado e depois de o então primeiro-ministro, António Costa, ter acumulado funções com a pasta das Infra-Estruturas após a saída de João Galamba do cargo.

Antes de João Galamba, Pedro Nuno Santos nada fez para concluir o negócio junto dos trabalhadores, tendo Pedro Marques, o primeiro a assumir esta pasta no consulado de António Costa, sido o responsável por concretizar a venda de 95% decidida pelo executivo PSD/CDS.

"Com a venda destas participações sociais, fica concluído o processo de alienação da Medway, habilitando a participação da empresa numa iniciativa ibérica de transporte ferroviário de mercadorias, cujo adiamento traria prejuízos ao país", justificou o executivo socialista no comunicado do Conselho de Ministros emitido a 14 de Dezembro de 2023.

"Após longo hiato temporal, apesar dos reiterados pedidos de decisão e reavaliação do tema submetidos pela CP, tornou-se pública em Janeiro a aprovação da operação e as condições da OPV", refere agora fonte oficial do Ministério das Infra-Estruturas.

Como tem sido regra, os trabalhadores podem comprar as acções com um desconto de 5% sobre o preço de alienação da maior fatia do capital, o que, neste caso, significa que cada título custará 0,068 euros, em vez dos 0,071 euros por acção pagos pela MSC. Contas feitas, a operação dará um mínimo de 82.611 euros para o Estado.

Caso os títulos disponíveis não sejam todos adquiridos pelos trabalhadores (foi imposto um mínimo de acções para cada funcionário interessado), a Medway terá de comprar o remanescente, subindo ainda mais a sua posição accionista, sem direito a desconto.

Bares da CP

Estudo sugere que empresa partilhe risco com concessionário

Carlos Cipriano

Um estudo da Consulmark sugere modelo em que haja partilha de receitas entre o concessionário e o concedente

A CP não tem ideia das receitas proporcionadas pela exploração dos bares dos seus comboios e continua a concessionar o serviço com base no historial das concessões anteriores. Um estudo encomendado pela transportadora à Consulmark sugere agora que "se avalie um modelo de remuneração misto" com uma componente fixa a pagar pela CP e uma partilha de receitas entre o concessionário e o concedente.

Esta recomendação tem por base a ideia de que a actividade de restauração sobre carris não deve ser internalizada – como era desejo dos seus trabalhadores –, "pois tal decisão incorpora responsabilidades, investimentos e riscos muito elevados, podendo conduzir a uma situação ainda mais desvantajosa que a actual" para a CP. Por outro lado, manter a externalização como até agora tem custos considerados elevados e que têm vindo a crescer ao longo do tempo.

Acresce que "existe uma deficiente qualidade percebida por parte dos clientes" e que "o serviço, na forma como se encontra operacionalizado, poderá não estar a acrescentar valor à CP, podendo mesmo estar a contribuir para uma forte apreciação negativa por parte de alguns segmentos de clientes, contribuindo negativamente para a imagem da companhia e da sua proposta de valor".

O estudo, a que o PÚBLICO teve acesso, diz que o concessionário dos bares (que actualmente é a empresa Newrail) tem asseguradas receitas fixas, pagas pela CP, de 369 mil euros por mês, e procura saber quais serão as receitas de venda ao balcão. Para isso, considera três cenários de consumo médio pelos utilizadores dos bares dos comboios (5 euros, 7,50 euros e 10 euros por passageiro utilizador do bar) e três cenários de crescimento da procura (10%, 12,5% e 15%).

Com base nestas hipóteses, que considera "realistas e prudentes", a Consulmark chega à conclusão de que entre os 369 mil euros de receitas fixas pagas, à cabeça, pela CP, e uma receita mensal de exploração de 286 mil euros, o concessionário pode arrecadar proveitos de 655 mil euros por mês. Descontando os custos da actividade, conclui que a empresa que explora os bares dos comboios pode conseguir resultados operacionais entre os 248 mil e os 401 mil euros por mês. Ou seja, "com a oferta actual, a operação aparenta ser muito rentável, com níveis de resultados operacionais correspondentes a 48% das receitas totais".

Quer isto dizer que a CP deve deixar de pagar pelo serviço de bares e começar a cobrar por ele? Não. A Consulmark alerta que, caso não existisse subsidiação, os resultados operacionais seriam negativos para o concessionário em dois dos três cenários apresentados, "embora muito inferiores ao referido pagamento, podendo-se concluir que é possível que o valor contratualizado de prestação fixa por parte da CP seja demasiado alto". Mas, por parte da empresa que explora os bares, "o risco aparenta ser muito elevado num contexto de não-subsidiação".

Daí a recomendação para um modelo de remuneração misto com uma componente fixa paga pela CP, mas também com partilha de receitas. Para isso a CP terá de fazer investimentos nos equipamentos dos comboios e num bom sistema de comunicação e reservas de refeições nos comboios, e o concessionário empenhar-se nas componentes relacionadas com a operação, "incluindo as de confecção a bordo, se for essa a solução", e a montagem de toda a operação, quer a nível da gestão, quer da execução.

Face aos investimentos a serem realizados, o estudo recomenda que os contratos de concessão tenham uma duração de três anos, com possibilidade de extensão automática.

369

mil euros é o valor mensal de receitas fixas, pagas pela CP, que o concessionário dos bares tem assegurado, segundo um estudo da Consulmark, a que o PÚBLICO teve acesso

Contactada pelo PÚBLICO, fonte oficial da CP diz que a empresa tenciona seguir as recomendações do estudo e que isso será plasmado no concurso que vai lançar para 2025, que já incluirá uma partilha de receitas e exigirá uma maior diversificação e qualidade da oferta.

O concurso que a empresa lançou há algumas semanas para os bares dos comboios vigorará apenas de 1 de Agosto a 31 de Dezembro deste ano, procurando depois fazer-se um contrato que já incorpore as recomendações deste estudo.

Insatisfação geral

A CP só tem bares no Alfa Pendular e nos Intercidades (com excepção dos de Évora e dos da Beira Alta, que nesta altura só vão até Coimbra devido às obras na linha). A empresa, em resposta ao PÚBLICO, diz que não está em cima da mesa a introdução de serviço de bar no Intercidades do Alentejo nem nos Inter-Regionais da Linha do Douro. Estes últimos demoram três horas e meia entre o Porto e o Pocinho e muitos turistas são apanhados desprevenidos, pois nem uma simples garrafa de água podem comprar a bordo.

Inquéritos realizados nos comboios indicam que 73,2% dos passageiros consideram importante ou muito importante a existência de serviço de bar, sendo a quarta característica mais importante da proposta de valor do Alfa Pendular (logo a seguir ao asseio, WC e existência de tomadas e de *wi-fi*). O segmento que mais valoriza ter bar no comboio é o de quem viaja em conforto e com idades entre os 45 e os 64 anos, embora todos os segmentos atribuam a mesma importância (no quarto lugar) no ranking de todas as características do Alfa Pendular.

Mas a opinião do serviço existente é muito desfavorável, com praticamente todos os parâmetros abaixo de 3 numa escala de 1 a 5. Entre as sugestões de melhoria, os passageiros referem menos "comida de plástico" e mais opções saudáveis, vegetarianas, mais qualidade e variedade, produtos mais frescos e menos processados. E melhores preços.

No âmbito do estudo, foram realizadas visitas com clientes-mistério. "Sem dúvida, o que mais salta à vista nos bares dos comboios da CP é a embalagem em plástico dos produtos perecíveis. Não transmite 'higiene', antes a ideia de 'comida de plástico', asséptica, sem sabor", lê-se no relatório.

Os funcionários do bar "cumpriram o seu dever, mostraram atitude profissional, sem, contudo, criar empatia". É público que existe insatisfação por parte dos trabalhadores do concessionário no que diz respeito a temas de natureza laboral, como, por exemplo, o não pagamento de horas extras ou de descansos. No contrato anterior, a cargo da empresa Apeadeiro 2020, e na sua transição para o actual, da Newrail, verificaram-se também atrasos no pagamento aos trabalhadores.

A insatisfação dos passageiros em relação à restauração sobre carris ficou também evidenciada após a realização de um "*focus group*" (neste caso, com sete clientes habituais), que concluiu pela falta de qualidade da oferta, com alimentos excessivamente processados, artificiais, pouco saudáveis (doces, chocolates, fritos) e com prazos de validade alargados (pouco frescos). A oferta, com excesso de plástico no embalamento dos produtos, não é também adequada às diferentes refeições do dia (sobretudo almoço e jantar) e muitas vezes esgota antes de o comboio chegar ao destino. Os preços são considerados altos para a oferta existente e o atendimento pouco profissional e simpático.

ENRIC VIVES-RUBIO

Actualmente a Newrail detém a concessão dos bares da CP

Edif. Diogo Cão, Doca de Alcântara Norte,
1350-352 Lisboa
pequenosa@publico.pt

Tel. **21 011 10 10/20** Fax **21 011 10 30**
De seg a sex das 09H às 19H
Sábado 11H às 17H

CLASSIFICADOS

Dá-se conhecimento público de que se encontra aberto processo de recrutamento de pessoal em regime de comissão de serviço para a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa para:

1 vaga de Dirigente Intermédio de 3º Grau,
com a seguinte referência:
CT-ND-022-2024-GPITT

1 vaga de Técnico Superior, com a seguinte referência:
CT-ND-057-2024-DI

ao qual podem candidatar-se os indivíduos que reúnam as condições fixadas no aviso disponível no endereço:
https://www.fct.unl.pt/faculdade/concursos/nao-docentes

O prazo limite para submissão das candidaturas é de 6 dias úteis a contar da data da publicação do presente anúncio.

AVISO

Torna-se público, que foi publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 131 de 09/07/2024, Aviso 14120/2024/2, procedimento concursal comum para provimento de um lugar na categoria de Assistente Graduado Sénior de Neurologia da carreira médica e carreira especial médica, o qual se encontra disponível para consulta na pagina eletrónica desta Unidade Local de Saúde.

Unidade Local de Saúde Arco Ribeirinho, 11 de julho de 2024

A Diretora do Serviço de Recursos Humanos
Paula Monteiro

Nado-morto não reclamado

Torna-se público que se encontra na Casa Mortuária desta Unidade Local de Saúde, nado-morto, filho da Sr.ª Ana Sofia Ferreira Maravalhas Cunha.

Solicita-se aos familiares que entrem em contacto com esta Unidade Local de Saúde:

Telefone 252 690 601 / e-mail: geral@chpvvc.min-saude.pt

AVISO

Unidade Local de Saúde Gaia e Espinho, E.P.E. informa que foi publicado no site institucional: https://www.ulsge.min-saude.pt/CONCURSOS_RECRUTAMENTO – o anúncio de recrutamento com a Refª RH/09/2024 que irá proceder à abertura de procedimento concursal para constituição da reserva de recrutamento para 1 técnico superior – Farmacêutico – Farmácia Hospitalar, em regime de contrato individual de trabalho a termo e contrato individual de trabalho sem termo. As candidaturas deverão ser efetuadas nos 10 (dez) dias úteis seguintes à data de publicação do presente aviso, através do link de acesso https://recrutamento.ulsge.min-saude.pt/

Dá-se conhecimento de que se encontra aberto o seguinte recrutamento para a NOVA Medical School da Universidade Nova de Lisboa:

- 1º vaga de Técnico Superior para o Serviço de Comunicação e Marketing (Ref.ª: **TS/15/SC/2024**);

Podem candidatar-se os indivíduos que reúnam as condições fixadas nos avisos disponíveis no endereço:

www.nms.unl.pt (*Junte-se à nms/ Recrutamento/ Colaboradores*).

O prazo limite para submissão das candidaturas é de 6 dias úteis a contar da data da publicação do presente anúncio.

Santa Casa da Misericórdia de Mafra

HASTA PÚBLICA
ANÚNCIO

A Santa Casa da Misericórdia de Mafra, torna público que, por deliberação da Assembleia Geral, com vista a financiar obras do ERPI 2, vão ser postos à venda, com as respetivas bases de licitação, através de hasta pública, por propostas em carta fechada, os imóveis, propriedade da Santa Casa da Misericórdia de Mafra a seguir identificados:

IDENTIFICAÇÃO, LOCALIZAÇÃO E PREÇOS BASE DOS IMÓVEIS

Nº	Morada	Localidade	Artigo Matricial	Freguesia	Concelho	Área m²	Base Licitação
1	Lote 9 Bairro Novo	Palhais	U-6937	Loures	Loures	279	78.000€
2	N9, Picanceira de Cima	Serra da Picanceira	U-630	Santo Isidoro	Mafra	143	38.000€
3	Rua Serpa Pinto, nº22 e Rua Serafim da Paz Medeiros, nº 29, 31 e 33	Mafra	U-11831	Mafra	Mafra	2003	1.314.000€
4	Rua da Atalaia, s/nº	Sobral da Abelheira	U-2093	União de Freguesias de Azueira e Sobral da Abelheira	Mafra	214,9	38.000€

Mais se informa que os interessados deverão consultar o regulamento relativo ao procedimento para apresentação de propostas, no site da Santa Casa – www.misericordiamafra.pt, ou na secretaria da mesma, de segunda a sexta-feira entre as 9h e as 13h e entre as 14h e 17h. O prazo para apresentação de propostas termina no dia 29/07/2024 pelas 17 horas. A abertura das propostas irá realizar-se em ato público no dia 29/07/2024, pelas 18 horas nas instalações da Santa Casa da Misericórdia de Mafra, na Rua Dr. Domingos Machado Pereira, nº11, 2640-475 Mafra.

Mafra, 17 de junho de 2024

O Provedor

alzheimer PORTUGAL

Fundada em 1988 pelo Professor Doutor Carlos Garcia, a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer - Alzheimer Portugal é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É a única organização em Portugal, de âmbito nacional, constituída há mais de 30 anos especificamente para promover a qualidade de vida das pessoas com demência e dos seus familiares e cuidadores. Tem cerca de dez mil associados em todo o país.

Oferece Informação sobre a doença, Formação para cuidadores formais e informais, Apoio domiciliário, Apoio Social e Psicológico e Consultas Médicas da Especialidade.

Como membro da Alzheimer Europe, a Alzheimer Portugal participa ativamente no movimento mundial e europeu sobre as demências, procurando reunir e divulgar os conhecimentos mais recentes sobre a Doença de Alzheimer, promovendo o seu estudo, a investigação das suas causas, efeitos, profilaxia e tratamentos.

Contactos

Sede: Av. de Ceuta Norte, Lote 15, Piso 3, Quinta do Loureiro, 1300-125 Lisboa - Tel.: 21 361 04 60/8 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org

Centro de Dia Prof. Dr. Carlos Garcia: Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Loja 1 e 2 - Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa - Tel.: 21 360 93 00

Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário «Casa do Alecrim»: Rua Joaquim Miguel Serra Moura, n.º 256 - Alapraia, 2765-029 Estoril
Tel. 214 525 145 - E-mail: casadoalecrim@alzheimerportugal.org

Delegação Norte: Centro de Dia "Memória de Mim" - Rua do Farol Nascente n.º 47A R/C, 4455-301 Lavra
Tel. 229 260 912 | 226 066 863 - E-mail: geral.norte@alzheimerportugal.org

Delegação Centro: Urb. Casal Galego - Rua Raul Testa Fortunato n.º 17, 3100-523 Pombal Tel. 236 219 469 - E-mail: geral.centro@alzheimerportugal.org

Delegação da Madeira: Avenida do Colégio Militar, Complexo Habitacional da Nazaré, Cave do Bloco 21 - Sala E, 9000-135 FUNCHAL
Tel. 291 772 021 - E-mail: geral.madeira@alzheimerportugal.org

Núcleo do Ribatejo: R. Dom Gonçalo da Silveira n.º 31-A, 2080-114 Almeirim
Tel. 24 300 00 87 - E-mail: geral.ribatejo@alzheimerportugal.org

Núcleo do Algarve da Alzheimer Portugal: Urbanização do Pimentão, lote 2, Cave, Gabinete 3, Três Bicos, 8500-776 Portimão - Telemóvel: 965 276 690 - E-mail: geral.algarve@alzheimerportugal.org

Cientistas desenvolvem método para melhorar o sabor da carne feita em laboratório

Equipa da Coreia do Sul desenvolveu um método para melhorar o sabor da carne feita em laboratório, de forma a imitar melhor o sabor da carne convencional, como a carne de vaca grelhada

Filipa Almeida Mendes

A carne criada em laboratório – à qual se dá também o nome de carne cultivada ou de cultura – tem vindo a surgir como um novo tipo de alimento que fornece aos seus consumidores proteína animal de uma forma sustentável. É produzida através da colheita de células de animais vivos e depois, em laboratório, as células são "alimentadas" com nutrientes para que possam crescer num biorreactor e para que se possam transformar num produto final que os consumidores possam comer. No entanto, um dos grandes desafios tem sido o seu sabor.

Foi então que uma equipa de investigadores da Coreia do Sul desenvolveu um método para melhorar o sabor da carne feita em laboratório, de forma a imitar melhor o sabor da carne convencional como, por exemplo, a carne de vaca grelhada.

O desenvolvimento é divulgado num artigo publicado na última edição da revista *Nature Communications*. Segundo os investigadores, este método tem por base uma estrutura que liberta compostos com sabor a carne quando são atingidas temperaturas de cozedura.

Um resumo do estudo divulgado pela *Nature Communications* destaca que "investigações anteriores utilizaram vários tipos de estruturas e materiais 3D para desenvolver carne cultivada em laboratório com uma forma e propriedades estruturais semelhantes às dos produtos tradicionais, incluindo bifes e almôndegas". "No entanto, o sabor é frequentemente negligenciado nas estratégias de cultivo de carne em laboratório."

Jinkee Hong, autor da investigação na Universidade de Yonsei, em Seul, na Coreia do Sul, e os seus colegas conceberam uma estrutura sensível à temperatura em que um composto aromatizante comutável é incorporado num hidrogel à base de gelatina.

Uma nota importante: a estrutura gelatinosa que vemos nas imagens e que foi desenvolvida pelos investigadores não é o produto final, mas sim uma espécie de "esqueleto" que é depois introduzido nas células cultivadas, durante a produção da carne de laboratório, para lhes dar sabor - no fundo, esta "gelatina" é como se fosse um molho, como a mostarda ou o *ketchup*, que permite à carne cultivada ter um sabor idêntico ao da carne convencional.

Segundo o resumo da *Nature Communications*, esta estrutura "manteve-se estável durante o período de cultura celular, mas libertou compostos com sabor a carne quando a temperatura de cozedura foi atingida – acima de 150 graus Celsius –, reproduzindo assim as principais reacções químicas da cozedura de carne convencional". De acordo com as análises químicas, acrescenta o resumo, a carne apresentava um padrão de sabor semelhante ao da carne de vaca grelhada.

No artigo, os autores sublinham que "as características do sabor variam drasticamente, dependendo da quantidade e dos tipos de aminoácidos e açúcares que produzem compostos voláteis através da reacção de Maillard [uma reacção química que confere ao alimento o seu sabor] durante o processo de cozinhar o alimento".

Neste estudo, segundo os cientistas, a equipa desenvolveu uma forma de "imitar" a reacção de Maillard, ao libertar compostos de sabor a carne após uma determinada temperatura ser atingida.

O sabor tem sido frequentemente negligenciado nas estratégias de cultivo de carne em laboratório, aspecto que agora se procurou colmatar

"Esta investigação sugere uma estratégia para desenvolver carne em laboratório com características sensoriais melhoradas através do desenvolvimento de um suporte funcional que pode imitar os sabores naturais de cozedura da carne convencional", concluem os autores.

Sabores a peixe e picante

Numa resposta conjunta ao PÚBLICO por *email*, Jinkee Hong, Milae Lee e Woojin Choi, todos investigadores do Departamento de Engenharia Química e Biomolecular da Faculdade de Engenharia da Universidade de Yonsei, em Seul, na Coreia do Sul, autores do estudo, dizem ter ficado "surpreendidos com o facto de os sabores estranhos terem desaparecido devido à incorporação de um composto de sabor comutável [SFC, na sigla em inglês, referindo-se a um composto que muda] na estrutura". "Uma vez que os sabores estranhos, como os sabores a peixe e a picante, foram detectados na estrutura sem SFC, pensámos que estes sabores também seriam detectados na estrutura com SFC, mas [juntamente] com outros sabores a carne. No entanto, foi surpreendente o facto de estes sabores estranhos desaparecerem completamente após a incorporação de SFC", acrescentam.

Os investigadores acreditam que "o desaparecimento dos sabores estranhos se deve à alta intensidade dos sabores a carne e salgado" - uma vez que estes aromas a carne e salgado são "libertados em abundância, a quantidade de aromas estranhos era demasiado baixa para ser detectada".

No estudo, os autores esclarecem que "os mioblastos bovinos primários foram cultivados para avaliar a proliferação celular e o comportamento de diferenciação" e que, após 15 dias de cultura de células, foi fabricada a carne de laboratório e cozinhada a 150 graus Celsius, a temperatura da reacção de Maillard, "para volatilizar o composto de aroma a carne do SFC". Os resultados, referem os cientistas, "mostram que o SFC libertou selectivamente o composto aromático após a cozedura e que o composto aromático não foi volátil durante a produção de carne de cultura".

Embora a carne criada em laboratório "tenha sido estudada durante muitos anos, a investigação sobre as suas propriedades organolépticas [características que podem ser detectadas pelos sentidos humanos] não tem tido muito enfoque", notam os autores na resposta ao PÚBLICO, referindo-se, em particular, ao sabor e ao aroma da carne de laboratório.

"No entanto, estes factores são fundamentais para que a população aceite a carne criada em laboratório como alimento. Uma vez que a população espera que a carne criada em laboratório tenha características idênticas às da carne convencional, como as propriedades físicas, as propriedades organolépticas e a composição nutricional, o sabor e o paladar da carne de laboratório também

FOTOS: UNIVERSIDADE DE YONSEI

devem ser estudados", dizem ainda os cientistas.

Além disso, de acordo com os investigadores, "ao contrário de outros campos de investigação, a comercialização é um ponto muito importante na investigação sobre carne criada em laboratório". "Uma vez que o aroma e o sabor são factores importantes que determinam a comercialização da carne de laboratório, pensamos que a produção de carne de laboratório com propriedades aromáticas adequadas é significativamente importante para a aceitação pública e a sua comercialização", concluem.

Sobre as principais limitações do método de produção de carne em laboratório que desenvolveram, os cientistas sul-coreanos destacam a "comestibilidade" do produto final. "Uma vez que utilizámos reagentes químicos para incorporar moléculas de sabor na estrutura, este pode ser o ponto mais desafiante deste método. No entanto, acreditamos que o nosso sistema também pode ser aplicado a outros ingredientes comestíveis, uma vez que o nosso método envolve reacções químicas que podem ser induzidas em proteínas naturais", afirmam.

O próximo passo da equipa será "expandir esta tecnologia para mais moléculas de sabor variadas". "Como a carne convencional cria mais de dez tipos de moléculas aromatizantes quando é cozinhada, o nosso objectivo é incorporar várias moléculas aromatizantes através da nossa estratégia. Embora tenhamos confirmado que a nossa estratégia pode aumentar a semelhança nas propriedades de sabor entre a carne de laboratório e a carne convencional, ainda existe uma grande diferença entre elas", concluem.

O primeiro hambúrguer-proveta foi cozinhado e comido em Londres em 2013. Actualmente, muitas dezenas de empresas em todo o mundo tentam criar proteína baseada em células ou, por outras palavras, carne e peixe cultivados em laboratório – desde cordeiro a ostras ou até *foie gras* de laboratório.

Estrutura gelatinosa, que é uma espécie de "esqueleto", é depois introduzida nas células cultivadas durante a produção da carne de laboratório

A equipa incorporou um composto de sabor comutável para produzir carne de laboratório com um sabor idêntico à carne convencional

Ciência e comunidade

Opinião

João Ramalho-Santos

ANNA COSTA

Falar de política científica nas suas várias vertentes torna-se repetitivo, com textos semelhantes a serem escritos nos mesmos locais por pessoas diferentes com anos de permeio, apenas porque as questões essenciais permanecem as mesmas. Do contexto nacional ao internacional; do modo como a ciência é feita e financiada, às estratégias para a sua difusão e aos critérios de avaliação.

É certo que há sempre ajustes a fazer e, além de grandes temas já muito referidos (alterações climáticas, inteligência artificial, microplásticos), uma tendência emergente reflete a situação atual na Europa, onde, independentemente de posições pessoais, se vai privilegiar mais a investigação em defesa, segurança ou projetos de uso duplo ("*dual use research*", em inglês), ou seja, investigação cujos resultados poderão ter aplicações quer civis, quer militares.

Mas, independentemente de inevitáveis oscilações, interessa cada vez mais incluir os cidadãos a quem a ciência, supostamente, serve. Isto em nada implica descurar a investigação básica, cujos resultados são impossíveis de prever, e que é fundamental precisamente por isso. Mas que deve ser, além de apoiada, devidamente explicada. Sobretudo, explicada de maneira a envolver a comunidade, não usando um tom professoral para recetores passivos, algo que em comunicação de ciência se designa por "modelo do défice". Por mais boa vontade que se tenha, há sempre a sensação de alguma arrogância neste tipo de iniciativas, que pode afastar as pessoas a quem se dirige, acabando por cristalizar numa bolha que inclui apenas os já convertidos.

É importante entender que esta ligação com a sociedade vai muito para além de soluções tecnológicas que, mesmo quando se revelam bem-sucedidas, têm de ter uma integração social permanente (e global) que as torne eficazes a longo prazo. Até porque as chamadas "balas mágicas" científicas para resolver problemas de forma instantânea não só são muito raras, como tendem a não ser definitivas.

Um bom exemplo é a descoberta de penicilina e de outras moléculas similares, que, graças ao seu sucesso, levaram a um uso indiscriminado (a falsa segurança que o conceito de "bala mágica" implica), originando o fenómeno de resistência aos antibióticos, criando micro-organismos patogénicos cada vez mais difíceis de controlar e um grave desafio de saúde pública.

Pode não ser fácil nem linear. Não só há investigadores sem nenhuma vocação para este tipo de tarefa (não tem mal nenhum, não temos todos de fazer o mesmo), como há problemas que é difícil subdividir em tarefas resolúveis de curto prazo, e onde se possa ver o efeito imediato de ações pontuais (desde logo, o combate às alterações climáticas).

Mas há passos que se podem dar. Desde já, fazer destas atividades parte do treino de jovens investigadores. Depois, envolver empresas, associações de cidadãos, governo local e nacional (formando, com a academia, a chamada "hélice quádrupla") em projetos concretos que façam sentido. E envolvê-los não só, e isto é crucial, como executores, mas enquanto cocriadores, ajudando a desenhar soluções e avaliando o seu impacto.

Por exemplo, nos projetos relacionados com nutrição e doenças metabólicas PasGras e Cogumelos: do Prado ao Prato, ambos a decorrer na Universidade de Coimbra. Onde hábitos alimentares são estudados desde a pré-primária por sociólogos e psicólogos, enquanto atletas e investigadores em ciências do desporto monitorizam regimes de exercício; e médicos, biólogos e bioquímicos avaliam dietas ou o valor nutricional de alimentos promissores menos difundidos.

Interessa cada vez mais incluir os cidadãos a quem a ciência, supostamente, serve

Mas é também necessário que, em paralelo, produtores enquadrem essa informação com a sua experiência no terreno (separando o utópico do realizável), ou que novas receitas sejam popularizadas com a participação de chefes e cantinas, com campanhas planeadas com a ajuda de associações de doentes, educadores, artistas, agentes culturais, autarquias. Num diálogo permanente que, reconhecendo a importância de fronteiras disciplinares, as transcenda.

Destas atividades até pôde nascer, de forma orgânica, uma Confraria dos Cogumelos e Trufas (sede na Mealhada), envolvendo cientistas, produtores e outros cidadãos, que talvez sirva para prolongar diálogos e projetos, criando aquilo que todos devemos querer: sustentabilidade para além de fundos concretos, sempre incertos e imprevisíveis.

É certo que nestes projetos também se podem produzir (e produzem) os "clássicos" artigos científicos, mas não é esse o objetivo maior. Antes a ciência ser parte permanente e integrada de uma comunidade mais vasta, não uma ferramenta misteriosa por detrás de um vidro, que tem escrito "quebrar apenas em caso de emergência". A velha noção de que não devemos descurar o local, sobretudo quando a nossa ambição é, e tem de ser, global.

Biólogo; Departamento de Ciências da Vida da Universidade de Coimbra

Pearl Jam em pico de forma fecham Nos Alive

Entre várias boas surpresas, uma constatação nada surpreendente: aqui, os Pearl Jam estão em casa

João Mestre

Três décadas passam num fósforo. Para quem viveu os anos 1990, parece que foi ontem que os Pearl Jam se estrearam em solo português, que Kim Deal, baixista dos Pixies, lançou uma banda com a sua irmã gémea Kelley, que Portugal pariu um ovni musical que ajudou a reconfigurar o panorama nacional. É certo que isto não aconteceu tudo ao mesmo tempo, mas ajuda a estabelecer uma linha temporal: a última noite do Nos Alive teve aura de ajuste de contas com o passado. Uma noite em que, com o rigor que uma medição a olho nos permite, a faixa etária 40-50 esteve amplamente representada.

A escala em Algés foi a última paragem dos Pearl Jam na manga europeia da digressão de 2024. O *frontman* Eddie Vedder, no seu costumeiro discurso em "português" (grandes aspas), louvou o festival baptizado com o nome de uma canção sua, no qual serão, porventura, a banda internacional mais repetente. Estiveram na edição inaugural (2007), regressaram em 2010, depois em 2018, e cá estamos novamente. "É assim que se faz um festival!", comentou, na primeira vez que se dirigiu ao público, ao cabo de três músicas disparadas sem pausas.

A banda, essa, conta já 34 anos e não parece inclinada a abrandar. Em Abril lançaram o seu 12.º álbum de estúdio, *Dark Matter*, o seu trabalho mais consistente neste século, com o produtor do momento/fã incondicional Andrew Watt aos comandos. E a química que Watt trouxe às sessões de gravação parece ter transparecido para o desempenho em palco. Mas lá chegaremos, quando cair a noite.

Como mexer com o público

O sol ainda ia alto quando os Blasted Mechanism subiram ao palco Nos. Não é bom sinal que uma banda portuguesa com nove álbuns e em vias de completar 30 anos de vida não consiga ir além do lugar de abertura do palco principal. Seria de imaginar que mereceriam algo mais nobre, pelo menos para ponto de partida. A verdade, porém, é que vão já longe os temas orgânicos, contagiantes, hipnóticos, alimentados de dinâmicas capazes de nos tirar o chão, que destacaram os Blasted Mechanism nos palcos portugueses.

Com o passar do tempo, a banda desgastou-se, esgotou as soluções musicais. Não necessariamente por culpa das mudanças de alinhamento – Guitshu não se saiu mal na árdua tarefa de substituir Karkov quando o vocalista original deixou a banda, em 2009 (e até foram os temas em que deixou os teclados para tomar a dianteira que pareceram receber maior entusiasmo de parte do público). Nem é que os músicos tenham perdido a energia. Aliás, não ficou um palmo de palco por pisar pelos frenéticos Riic Wolf, vocalista principal, e Valdjiu, guitarra/bambuleco. A verdade é que, ao cabo de uns quantos temas, a graça esvai-se e segue-se mais do mesmo. Expressão que, há pouco menos de 30 anos, era impensável para descrever os Blasted Mechanism.

Do lado oposto, podemos dissecar o espectáculo que os Khruangbin deram no palco Heineken. Como descrevê-los? *Funk* global, elementos de *rock* progressivo e equilíbrio de forças entre os três instrumentos em palco é um começo.

Perante a plateia apresentam-se apenas três músicos, a tocar com naturalidade e desenvoltura, sem artifícios, *backing tracks* ou fogo-de-vista. O trio texano de nome tailandês – que significa "avião", como veículo de abarcar toda a bagagem de influências que trazem a lume – não oferece mais do que música orgânica, sobretudo instrumental, pouca comunicação verbal com o público, cenografia minimalista.

Para ouvi-los, o recinto encheu-se de gente a dançar, de aplausos fortes e de um transe colectivo que manteve a audiência de olhos pregados no palco. Por vezes, o que o público quer

HUGO MACEDO/CORTESIA NOS ALIVE

MATILDE FIESCHI/CORTESIA NOS ALIVE

CORTESIA NOS ALIVE

Os Sum 41 cheios de vontade de mostrar que as quase três décadas de carreira não os fizeram abrandar; no último dia, a "hora mágica"

mesmo é música bem-feita, bem tocada e bem focada. Os Khruangbin não tardarão a ser promovidos ao palco principal.

Uma longa ponte musical

Os Black Honey, que tocaram um par de horas antes, também merecem um lugar na "zona de promoção". Calhou-lhes tocar em sobreposição com Blasted Mechanism e Breeders, e podem com isso ter perdido parte do seu público potencial, mas deixaram uma promissora primeira impressão. O quarteto de Brighton não desperdiçou tempo, com um débito de 16 temas em coisa de uma hora, o suficiente para enfiar *indie rock* à Pixies, angústia *grunge*, *alt pop*, rock musculado que não ficaria mal no alinhamento de Queens of the Stone Age e *girl power* ao estilo de Hole, Garbage, Anna Calvi, The Kills. Uma longa ponte musical (e temporal) erguida com a desfaçatez de quem pouco se importa que os anos 1990 tenham ficado bem para trás. Ou estarão eles vivos uma vez mais?

Ao leme de uma banda bem oleada está Izzy Baxter, figurino algures entre a criatura de contos de fadas e uma boneca desalinhada, dona de uma voz incisiva de dois gumes - o de menina de vozinha tímida, quando fala, e um misto de insinuação, insolência mordaz e o rugido embrulhado em distorção quando engrena nas canções. Nos temas que pedem coros, entram as vozes dos restantes elementos da banda e forma-se uma barragem de som onde não passa um alfinete. É rock para nos impelir a mexer.

Pode tirar-se uma conclusão empírica sobre que banda levou mais gente a pagar bilhete para o último dia do festival — que esgotou em 24 horas, a sete meses da data

Em jeito de trabalho de casa para quem perdeu o concerto, escute-se *Heavy, Hello Today, Up Against It e Lemonade*, quatro dos temas que arrancaram maior adesão junto do público, num alinhamento que reviu em proporções equivalentes os três álbuns dos Black Honey. Na recta final, impunha-se um dilema: ficar ou rumar ao palco principal, onde estava a arrancar o concerto de Breeders?

Dissonância *vs.* perfeição

Nestas ocasiões, escolhe-se pela raridade. E pela ocasião. Afinal, a banda das irmãs Deal anda, desde 2023, em digressão para celebrar os 30 anos de *Last Splash*, o álbum que lhes deu um espaço no panteão do *rock* alternativo dos anos 1990. Não se sabe se e quando poderão novamente dar à costa.

Como seria de esperar, metade do alinhamento foi assegurado por canções do álbum de 1993, incluindo o incontornável *Cannonball*, que, a meio do *set*, pôs em muitos espectadores um sorriso de "Ah, eu conheço isto!". Não foi um concerto fácil, sobretudo na primeira metade, em que a voz de Kim Deal soava em esforço e a guitarra parecia não querer colaborar.

A partir de *Iris*, revisitação do álbum inaugural *Pod* (1990), as coisas compuseram-se, a voz de Kim encaixou no registo doce e desprendido que é a sua marca, e a prestação do conjunto ganhou solidez. Para o final, ficaram o embalo havaiano de *No Aloha*, o hino de culto indie*Divine Hammer* e, após troca de instrumentos com a baixista Josephine Wiggs, uma saída em grande, ao som de *Gigantic*, tema composto e cantado por Kim Deal enquanto estava ao serviço dos Pixies.

Em contraponto ao desalinho tonal das Breeders — que, pode-se argumentar, faz parte do encanto —, seguiram-se dois nomes onde o problema não se colocou, o que pode ter sido um alívio para ouvidos avessos à dissonância. Primeiro, no *pop* radiofónico de Alec Benjamin, nascido há 30 anos no Arizona, que se apresentou de guitarra acústica a tiracolo e acompanhado de bateria e teclado. Banda de execução envernizada e uma voz cristalina, entre o *hip-hop* competente e o trinado de afinação perfeita, estilo Ídolos.

Do outro lado do recinto, uns Sum 41 cheios de vontade de mostrar que as quase três décadas de carreira não os fizeram abrandar, mesmo que estejam numa digressão de despedida dos palcos. A descarga eléctrica tomou a forma de *punk* cravejado de referências *thrash* e *heavy metal*, com direito a *shredding* de guitarra, solo de bateria, confetti, labaredas e a uma versão de *We Will Rock You*, dos Queen — e citações de Deep Purple e White Stripes para atrair a audiência indecisa para a balada congregadora Pieces.

Pico de forma à beira dos 60

Falemos, então, de congregação. E voltemos às sondagens medidas a olho. Segundo a "metodologia da T-shirt", pode tirar-se uma conclusão empírica sobre que banda levou mais gente a pagar bilhete para o último dia do festival — que, recorde-se, esgotou em 24 horas, a sete meses da data. Pearl Jam é, sem margem de dúvida, o nome que mais se vê estampado nas camisolas.

Note-se que esta foi a sétima visita do quinteto de Seattle a Portugal, com as datas de 1996 e 2006 em sessão dupla. Em média, isto dá um concerto a cada 3,3 anos nas últimas três décadas. E o público, mesmo assim, não desmobiliza. É quase uma questão de fé. Dê por onde der, os Pearl Jam nunca deixam os fãs mal servidos.

Desta vez, não houve introdução nem entrada de fininho. De enfiada, saíram os três primeiros temas — *Daughter, Dark Matter e React, Respond*, estes dois do novo álbum — e só depois veio um "boa noite". "Faço um brinde a vocês e à última noite deste lindo festival", pregou Eddie Vedder, no seu português macarrónico, lido da cábula que trazia na mão, antes de arrancar com uma série de clássicos: *Animal*, *Given to Fly, Elderly Woman Behind the Counter in a Small Town*.

A média de idades ronda já os 60, e os músicos pouco se parecem importar com isso. Neles há energia, entrega e, algo que talvez não estivesse já tão patente nas últimas visitas da banda: entusiasmo. Em entrevistas, não se cansam de elogiar o trabalho do produtor Andrew Watt na criação do disco *Dark Matter*, e fica a impressão de que os benefícios verteram também para o desempenho ao vivo.

É certo, os Pearl Jam nunca deixam os fãs mal servidos. Porém, desta vez, tocaram com outro afinco. Este foi, provável e discutivelmente, o concerto mais rigoroso, mais coordenado, com menos notas ao lado, falsos arranques, letras trocadas desde a estreia em Cascais. Em Algés, apresentou-se uma banda mais focada, num alinhamento equilibrado entre as favoritas dos fãs, as novidades e uma obrigatoriedade ou outra.

Não houve sequer a ânsia de percorrer toda a discografia, muito menos os álbuns mais recentes. O seminal *Ten* foi, como não podia deixar de ser, o mais tocado (incluindo *Once*, além dos temas incontornáveis) e ficaram de fora clássicos como *Vitalogy* (portanto, não houve *Better Man*, para tristeza de muitos) ou *No Code*. Paciência, há sempre uma próxima oportunidade. O que, no caso dos Pearl Jam, estará sempre garantido, mais ano menos ano. O Alive, esse regressa em 2025, nos dias 10, 11 e 12 de Julho.

Cultura

A musa Elina Löwensohn levanta o véu no Curtas de Vila do Conde

Jorge Mourinha

Actriz de Bertrand Mandico, Hal Hartley ou Carlos Conceição é homenageada esta semana na edição 2024 do festival

A primeira vez que vimos Elina Löwensohn foi numa cena que marcou o imaginário de uma geração de cinéfilos: o momento de *Homens Simples* (1992) em que Hal Hartley homenageava Godard, com a actriz numa camisola de marinheiro e cabelo à Louise Brooks a dançar num bar ao som de *Kool Thing* dos Sonic Youth.

Daí para a frente, a sua presença num filme, angular e misteriosa, sedutora e distante, de uma beleza estranha e austera, tornou a actriz nascida na Roménia mas naturalizada norte-americana numa figura de culto do cinema independente, mesmo tendo feito tangentes ao *mainstream* com Steven Spielberg (em *A Lista de Schindler*) ou num episódio de *Seinfeld*. Uma actriz que busca cineastas inconformistas e inventivos, gente que "tenha a liberdade de inventar e criar cinema", como disse numa entrevista, e que procura mergulhar o mais possível no universo desses autores que escolhe. É uma actriz que não se resume ao seu rosto e à sua voz de mulher fatal; a sua presença física transporta algo de alienígena, como se Jeanne Balibar, Jeanne Moreau e Marlene Dietrich tivessem tido uma discípula rebelde com ambições de musa punk.

Não surpreende que Elina Löwensohn se tenha integrado na obra do francês Bertrand Mandico, de quem é companheira, cúmplice e musa desde 2008. Motivo para o Curtas Vila do Conde propor uma curta retrospectiva dedicada à actriz, articulada com o foco dado à obra de Mandico, em presença da dupla.

Técnica e instinto

O cineasta, ao PÚBLICO, não se coibiu de elogiar a actriz: "A Elina força-me a sair das minhas zonas de conforto e leva-me a ir mais longe. Escrevo os meus filmes sozinho, e ela é a primeira pessoa que me lê, e não faz concessões. E já me aconteceu perguntar-me porque é que a quero sempre nos filmes: 'Talvez fosse interessante fazer um onde eu não entre, ou propor a personagem a outra actriz'... Para ela, é preciso que a sua presença corresponda a um real desejo de a ter no filme. Ela não quer estar nos filmes por obrigação."

O que coincide com a experiência do português Carlos Conceição. O realizador de *Nação Valente* e *Serpentarius* trabalhou com a actriz na sua mais recente ficção, *Bodyhackers*, e fala ao PÚBLICO de "uma actriz de grande generosidade". "Mesmo que isto seja um lugar-comum de se dizer, há inúmeros actores extraordinários que não têm generosidade nenhuma", aponta. "Ela junta técnica e instinto com uma facilidade impressionante, não deixando nada por dar. Tem a generosidade de se entregar, de ir à procura, de contrapropor, de se disponibilizar para ser totalmente conduzida para outro lugar, e é muito rápida a reconhecer esse novo lugar, a compreendê-lo e a superar-se."

ELINA PHOTOAGENCE

Uma actriz que busca cineastas inconformistas e inventivos

Mandico, por seu lado, fala de Elina como alguém com uma "admirável visão de conjunto, das nuances mais subtis da evolução de todos os estados pelos quais a sua personagem deve passar." Algo de "incrível", porque "ela sabe sempre o estado em que a sua personagem tem de estar a qualquer momento e como fazer passar todo o contraste de emoções".

Separadamente dos filmes do francês, o Curtas mostra as três longas emblemáticas da actriz: depois da vampira de *Nadja*, de Michael Almereyda (1994), que foi exibido ontem, será a vez de *Homens Simples* (hoje às 23h) e *Sombre*, de Philippe Grandrieux (1998, quarta às 21h15). Filmes nos quais Carlos Conceição a descobriu: "Quando tinha 15 anos, tive uma fase obsessiva com o *indie* americano e na altura havia em Braga um cineclube onde consegui ver alguns dos filmes que mais me fizeram querer fazer cinema. Foi com *Nadja* que fiquei a conhecer a Elina. Do mesmo ano é *Amateur*, do Hal Hartley, do qual tive o *poster* na parede do quarto durante anos."

Se Hartley foi o seu "descobridor" – foi ele quem lhe deu o primeiro papel no cinema, na curta de 1991 *Theory of Achievement*, e ela fez parte da sua "companhia de actores" durante os anos 1990 –, Löwensohn trabalhou com Abdellatif Kechiche (*Vénus Negra*), Julian Schnabel (*Basquiat*), Guy Maddin (*The Forbidden Room*), Valérie Donzelli (*Declaração de Guerra*) ou Yann Gonzalez (*Coração Aberto*). No Curtas descobriremos igualmente a sua vertente de realizadora, com a mais recente das suas três curtas, *Rien ne sera plus comme avant* (2022). E um bónus sugestivo: em vez de uma *masterclass*, ela contrapropôs deixar-se entrevistar por... Bertrand Mandico, numa conversa no Teatro Municipal amanhã, dia 16, às 17h30. Oportunidade para levantar, ou não, o véu de mistério que ainda hoje rodeia Elina Löwensohn.

Desapareceu mais um pedaço da nossa adolescência

Obituário

Mariana Duarte

Shannen Doherty (1971-2024) *Beverly Hills, 90210* chegou a Portugal nos anos 90. A actriz foi vítima de cancro

Shannen Doherty, que marcou o imaginário pop televisivo nos anos 1990 com a personagem de Brenda na série *Beverly Hills, 90210 (Febre em Beverly Hills)*, morreu no sábado de cancro da mama, aos 53 anos. Fora-lhe diagnosticado em 2015. A morte foi ontem anunciada pela revista *People*.

Nascida em Memphis, Tennessee, e criada em Los Angeles, começou a carreira em séries como *Little House on the Prairie* (*Uma Casa na Pradaria*, 1974-1983); *Voyagers!*, ficção científica da década de 1980; ou *Our House* (1986-1988), centrada na família Witherspoon, que lhe valeu várias indicações para o prémio Young Artists Awards, destinado a apoiar jovens artistas de televisão, cinema, teatro e música. Mas foi em *Beverly Hills, 90210* que Shannen Doherty escalou para o estrelato. No papel de Brenda Walsh, era uma das protagonistas, ao lado do irmão gémeo Brandon (interpretado por Jason Priestley), um dos galãs. Fenómeno da cultura pop na década de 90, com dez temporadas transmitidas pela Fox entre 1990 e 2000, era uma série juvenil que retratava as vidas de adolescentes e jovens adultos privilegiados de um dos bairros mais exclusivos da Califórnia ("90210" refere-se a um dos cinco códigos postais de Beverly Hills).

Foi vista por mais de 21 milhões de espectadores só nos EUA e chegou a dezenas de países, incluindo Portugal, onde foi transmitida pela RTP1 nos anos 1990. Pioneira no género televisivo "drama adolescente", ou "novela juvenil", levou para a televisão de massas assuntos tabu, como a violência sexual, a homofobia, o racismo, a violência doméstica, os distúrbios alimentares, o suicídio, a gravidez na adolescência e a sida. Directa ou indirectamente, influenciou séries *teen* mais recentes como *Gossip Girl*, *Dawson's Creek* ou *The O.C.*

Apesar do sucesso, Shannen abandonou a série em 1994, devido a um desentendimento com a colega Jennie Garth, entre outros conflitos com o restante elenco. Em 2019, participou no *reboot* da série, incarnando a versão adulta de Brenda. O programa acabou por ser cancelado ao fim da primeira temporada, por baixas audiências.

Depois de *Beverly Hills, 90210*, voltou a destacar-se na série *Charmed (As Feiticeiras)*, entre 1998 e 2006, interpretando a protagonista Prue Halliwell, a mais velha de três irmãs que descobrem que são bruxas. Dirigiu vários episódios desta série, da qual saiu em 2001, no final da terceira temporada.

No cinema, participou em *Girls Just Want to Have Fun* (1985), *Heathers* (1988) ou *Mallrats* (1995). Apareceu duas vezes na revista *Playboy*, em 1994 e 2003.

Desde que foi diagnosticada com cancro da mama, fazia questão de falar sobre a doença. Em 2020, anunciou que o cancro estava no estádio IV. Foi submetida a vários tipos de tratamento e acabou por fazer uma mastectomia e, consequentemente, quimioterapia e radioterapia. Em Janeiro de 2023, partilhou que as metástases tinham chegado ao cérebro. "O cancro tem fases. Choque, negação, aceitação, raiva, ressentimento, rebelião, medo, apreciação, beleza", escreveu em 2017 no seu Instagram. "O cancro está connosco para sempre. Aqueles que o viveram sabem que, mesmo que lhe tenhamos dado um pontapé no rabo, ele continua a ter impacto na nossa vida, de forma positiva e negativa. Ainda se pode agarrar a vida e viver, viver, viver, viver."

É a segunda estrela de *Beverly Hills, 90210* a desaparecer prematuramente. Em 2019, o actor Luke Perry faleceu aos 52 anos na sequência de um AVC.

Shannen Doherty marcou o imaginário pop da TV dos anos 90

Antes belo e escondido, *Hotel do Rio* mostra os seus segredos

Novas sequências, personagens que crescem, uma relação linear com a narrativa: *Mal Viver/Viver Mal*, de João Canijo, é agora a série *Hotel do Rio*. É outra música

Vasco Câmara

DR

Uma das personagens do projecto de João Canijo: um hotel em Ofir

Neste filme – o díptico *Mal Viver* e *Viver Mal* – soava uma crueldade de câmara. Era a sua música: gritos abafados, corpos ocultados pelas portas, as relações adivinhadas, o sexo que se ouvia. Lágrimas e suspiros. À galeria de personagens, uma família que geria um hotel (primeira parte) e os seus clientes (segunda), acrescentava-se um exemplar da arquitectura modernista de Ofir e a *mise-en-scène* de João Canijo e da directora de fotografia Leonor Teles.

Esse belo escondido revela agora segredos todas as segundas-feiras, a partir de hoje (22h30, RTP1), durante quatro semanas: é a série *Hotel do Rio*.

Estava contemplado, no projecto de apoio à produção do filme que deu a Canijo o Prémio do Júri no Festival de Berlim e o prémio de melhor longa no IndieLisboa em 2023, que a rodagem daria também origem a uma série de televisão. Um outro tipo de música, mais evidente, mais televisiva – não se pode evitar a redundância.

Como um poliedro que se espalma, um *dépliant*, distribuem-se as cenas, monta-se de forma linear, como acontecia na versão televisiva de sete horas de *Padrinho I* e *Padrinho II*, de Francis Coppola, em 1977, que simplificou a construção imbricada do segundo tomo, sequência a sequência por ordem cronológica; esperam-se mais cenas do que na versão em sala, excitando o voyeurismo do espectador: os 188 minutos de *Fanny e Alexandre* (1982), de Ingmar Bergman, existem ao lado dos 312 da versão televisiva, mas na verdade esta foi a raiz do projecto, embora o filme se tenha estreado primeiro – as duas versões chegaram a existir em sala, sendo olhadas como autónomas.

O caso de *Hotel do Rio* é diferente e é semelhante: a duração de *Mal Viver/Viver Mal* ultrapassava as quatro horas, a série dura três – são quatro episódios de 45 minutos cada. As histórias dos clientes e dos proprietários estão agora integradas no fluxo da vida do hotel. Se há sequências novas em *Hotel do Rio*, onde tudo começa com o *Estranha Forma de Vida* de Amália que antes era apenas como tudo acabava, e se a duração é mais curta, não se tratou por isso apenas de dar a ver mais, como bónus de DVD, mas de organizar de maneira diferente o olhar sobre o material.

João Braz, o montador, diz aliás que gastou tanto tempo a esconder, trabalhando em *Mal Viver/Viver Mal* a "linguagem polifónica" do cinema de Canijo que ele bem conhece – e que faz com que, espectadores, tenhamos de nos perder entre o som e a imagem para reconstruir uma unidade –, quanto a destapar, a destruir as opções que tinha o espectador em favor de uma única e abrangente, "todas as perspectivas" juntas. É assim *Hotel do Rio*. "Os tempos de representação dos actores mudaram, é um tempo mais comprimido, mais condensado, parecendo mais um filme normal, mais narrativo". Já era assim a segunda parte, *Viver Mal; Hotel do Rio,* diz Braz, é uma versão mais resolvida, assumida, disso.

No primeiro episódio, por exemplo, ataca-se o *plot* sem demoras, na piscina, explicitando logo a cadeia de desamor e domínio entre três gerações de mães e filhas, Sara (Rita Blanco), Piedade (Anabela Moreira), Salomé (Madalena Almeida), e começando a ganhar corpo a (maior) presença de um ausente, Rui Manuel, genro da primeira, ex-marido da segunda e pai da terceira. A sua morte levou a filha, Salomé, a regressar ao universo da mãe, Piedade, desencadeando-se então aquilo que quem viu o filme não esqueceu.

"O que acho mais extraordinário, para além de se poder desmultiplicar e revelar o que estava escondido, é podermos ver como a relação diferente com os tempos salienta as personagens", considera João Braz. "É como se estivéssemos a ver uma casa de bonecas", o que é apropriado ao espectro de referências, Ibsen, autor de *Uma Casa de Bonecas* (1879), o Bergman de *Lágrimas e Suspiros* (1972) ou *Sonata de Outono* (1978), e Strindberg. As personagens crescem – perde-se o deslumbramento solitário do espectador, aqui mais amparado porque os caminhos são menos ínvios. É também uma forma de Canijo homenagear os actores.

"Beatriz Batarda tem a melhor personagem de todo o projecto", opina o montador. É uma mãe implacável a oprimir a filha. Para ela, esses são os caminhos do "amor incondicional". Chamam-lhe também eucalipto: seca tudo à volta.

É uma áspide tão agressiva quanto a interpretada por Leonor Silveira, que nesta versão se salienta mais como elemento de *film noir,* o par que forma com Alexandre (Rafael Morais), o marido da filha – um trio, há que contar com o dinheiro. Nuno Lopes e Filipa Areosa cansam-se, esgotam-se até ao osso, como Jaime e Camila.

Os pratos deste menu de hotel servem angústia ao jantar. Como as movimentações de Sara, Piedade e Salomé. É a vida de hotel e uma cadeia de (des)amor. Os ecos entre elas tornam-se nesta versão mais atordoantes. No quarto e último episódio, todos se cruzam numa daquelas noites agónicas. "Como num engarrafamento", versão do montador.

Estreias da semana

DISNEY +

The Bear T3
Quarta-feira
A terceira temporada desta série-fenómeno, original do Hulu criado por Christopher Storer e centrado no dia-a-dia tenso da cozinha de um restaurante em Chicago, chega a Portugal após a estreia original nos EUA em Junho. Esta leva de dez episódios do drama que ganhou vários Emmy e Globos de Ouro na categoria de comédia tem diversas participações de *chefs* famosos.

NETFLIX

Cobra Kai T6 - parte 1
Quinta-feira
A continuação de *Karate Kid (ou Momento da Verdade)*, a saga criada por Robert Mark Kamen e realizada por John G. Avildsen em 1984, com muito do elenco dos três filmes originais, estreia a sexta temporada, que será a última e foi adiada por causa das greves de actores e argumentistas do ano passado. É a primeira de três partes, divididas em levas de cinco episódios, estando a segunda marcada para 28 de Novembro e a terceira com estreia prevista para 2025.

MAX

Wild Wild Space
Quinta-feira
A corrida ao espaço é o foco deste documentário de Ross Kaufman: os esforços dos empreendedores rivais da área dos foguetões Chris Kemp, fundador da Astra, e Peter Beck, da Rocket Lab. Ambos tentam lutar contra o domínio que Elon Musk tem na área. É baseado no livro *When The Heavens Went On Sale*, da jornalista Ashlee Vance.

PRIME VIDEO

Those About to Die
Sexta-feira
Em 1958, Daniel P. Mannix investigou, em Roma, as lutas de gladiadores e escreveu um livro. Em 2000, esse livro inspirou *Gladiador*, de Ridley Scott, e agora é adaptado mais directamente nesta série criada por Robert Rodat e com realização de Roland Emmerich, o alemão famoso por filmes-desastre cheios de explosões, como *O Dia da Independência*.

Guia

Cinema

Leva-me Para a Lua

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt

Lisboa

Cinema City Alvalade
Av. de Roma, 100. T. 214221030
Onde Está o Pessoa? M12. 20h10; **O Clube dos Milagres** M12. 13h50; **O Sabor da Vida** M12. 21h10; **A Última Sessão de Freud** 15h40; **A Última Sessão de Freud** 21h45; **A Ama de Cabo Verde** M12. 17h50; **A Besta** M14. 18h30; **Histórias de Bondade** M16. 15h15, 21h15; **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 14h; **Astrakan 79** M12. 19h35; **Divertida-Mente 2** 13h25, 15h35, 17h45 (VP) 13h20, 19h50 (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 17h35, 21h35

Cinema City Campo Pequeno
Centro de Lazer. T. 214221030
A Última Sessão de Freud 13h40, 15h40, 17h40, 19h50, 21h50; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h10, 15h40, 17h45, 19h50, 21h55 (VP) 13h35, 15h30, 17h25, 19h20 (VO); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 19h, 21h45; **Blue Lock o Filme -Episódio Nagi-** M12. 13h40; **Histórias de Bondade** M16. 15h10, 21h; **Divertida-Mente 2** 13h50, 15h20, 16h, 17h30, 18h30, 19h40, 21h30 (VP) 13h15, 15h15, 17h20, 19h30, 21h50 (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 15h45, 18h50, 21h40

Cinema Fernando Lopes
Cp. Grande. T. 217515500
A Ama de Cabo Verde M12. 21h; **Astrakan 79** M12. 19h15

Cinema Ideal
Rua do Loreto, 15/17. T. 210998295
One From The Heart - Do Fundo do Coração M12. 14h30, 16h15, 19h45; **A Ama de Cabo Verde** M12. 18h10; **Astrakan 79** M12. 21h30

Cinemas Nos Alvaláxia
R. Francisco Stromp. T. 16996
A Maldição de Baghead 18h50, 21h05; **A Última Sessão de Freud** 18h45, 21h25; **Garfield: O Filme** M6. 14h05, 16h25 (VP); **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 13h10, 15h40, 18h15, 21h; **The Bikeriders** M14. 13h15, 15h45, 18h25, 20h55; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h40, 16h10, 18h40 (VP) 20h25 (VO); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 13h25, 15h50, 18h20, 21h30; **Blue Lock o Filme -Episódio Nagi-** M12. 13h40, 16h15; **Histórias de Bondade** M16. 21h10; **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 21h05; **Astrakan 79** M12. 13h20, 15h25, 17h25, 19h25, 21h35; **Divertida-Mente 2** 13h30, 13h35, 15h55, 16h, 18h10, 18h30 (VP/2D) 14h, 16h40 (VP/3D) 14h, 16h20, 18h50, 21h15, 21h20 (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 13h50, 17h20, 20h40

Cinemas Nos Amoreiras
C.C. Amoreiras. T. 16996
A Última Sessão de Freud 20h; **Garfield: O Filme** M6. 13h20, 16h10 (VP); **A Ama de Cabo Verde** M12. 13h40, 18h30; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h50, 16h40, 19h (VP) 21h20 (VO); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 21h; **Histórias de Bondade** M16. 13h50, 17h20, 20h50; **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 18h30; **Divertida-Mente 2** 13h20, 15h50, 16h10, 18h15 (VP) 20h40 (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 13h10, 16h, 18h50, 21h40; **Sexygenários** M12. 13h30, 15h40, 17h50

Cinemas Nos Colombo
Edifício Colombo. T. 16996
A Maldição de Baghead 21h, 23h50; **Garfield: O Filme** M6. 13h20, 15h50, 18h30 (VP); **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 15h40, 18h25, 21h20, 24h; **O Exorcismo** M16. 20h50, 00h15; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h40, 16h10, 18h40 (VP); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 12h40, 15h10, 17h50, 20h40, 23h40; **Blue Lock o Filme -Episódio Nagi-** M12. 12h50; **Histórias de Bondade** M16. 21h40; **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 22h; **Divertida-Mente 2** 13h, 14h30, 15h30, 17h, 18h10, 19h30 (VP) 14h, 16h30 (VP/3D) 19h, 21h20, 23h30 (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 12h30, 15h20, 18h20, 21h10, 00h10; **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 18h50, 21h45, 00h20 (IMAX); **Divertida-Mente 2** 13h30, 16h (VO/IMAX 3D)

Cinemateca Portuguesa
R. Barata Salgueiro, 39. T. 213596200
Seduto Alla Sua Destra 21h45

Medeia Nimas
Av. 5 Outubro, 42B. T. 213142223
Recordações da Casa Amarela 21h30; **A Força do Sexo Fraco** 15h30; **A Máscara** 19h30; **Histórias de Bondade** M16. 12h30; **Divertida-Mente 2** 17h30 (VO)

Turim
Estr. Benfica, 723A. T. 217606666
O Homem dos Teus Sonhos M14. 21h15

UCI Cinemas - El Corte Inglés
Av. Ant. Aug. Aguiar, 31. T. 213801400
One From The Heart - Do Fundo do Coração M12. 13h30; **A Maldição de Baghead** 16h25, 19h05, 21h35; **O Clube dos Milagres** M12. 16h35, 18h55, 21h20; **O Sabor da Vida** M12. 13h35; **A Última Sessão de Freud** 13h40, 16h30, 19h10, 21h45; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 22h; **Bolero** M12. 16h05, 18h50, 21h30; **A Ama de Cabo Verde** M12. 13h45, 19h05; **The Bikeriders** M14. 14h05; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 15h50, 18h20 (VP) 13h25, 21h50 (VO); **Hammarskjöld - Luta Pela Paz** M12. 16h45; **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 16h50; **A Besta** M14. 16h, 21h15; **Blue Lock o Filme -Episódio Nagi-** M12. 14h; **Histórias de Bondade** M16. 14h30, 18h05, 21h25; **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 14h15, 17h55, 21h35; **Divertida-Mente 2** 13h50, 16h15, 16h40, 18h40, 19h15, 21h40 (VP) 14h30 (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 13h20, 16h10, 19h, 21h50; **Sexygenários** M12. 14h10, 19h30

Estreias

A Ama de Cabo Verde

De Marie Amachoukeli-Barsacq. Com Louise Mauroy-Panzani, Ilça Moreno Zego, Abnara Gomes Varela, Fredy Gomes Tavares. FRA. 2023. 83m. Drama. M12.

Cléo, de seis anos, vive com os pais em França. A tomar conta dela está Glória, uma mulher cabo-verdiana que deixou os filhos em busca de uma vida melhor. Um dia, Glória recebe uma notícia que a faz decidir regressar a casa. Mas a pequena Cléo, destroçada, não consegue adaptar-se à falta que a sua ama lhe faz.

A Maldição de Baghead

De Alberto Corredor. ALE/GB. 2023. 93m. Terror.

Após a morte do pai, Iris resolve vender o velho "pub" que recebeu de herança. Mas, antes disso, descobre uma velha cassete de vídeo onde o progenitor lhe explica que, na cave do lugar, existe uma entidade sobrenatural que tem a capacidade de se metamorfosear em corpos de pessoas já falecidas.

A Última Sessão de Freud

De Matt Brown. Com Anthony Hopkins, Matthew Goode, Liv Lisa Fries, Jodi Balfour. EUA/IRL/GB. 2023. 108m. Drama.

Ambientado em vésperas da Segunda Grande Guerra, este filme ficciona um encontro entre dois dos maiores intelectuais da primeira metade do século XX: Sigmund Freud e C.S. Lewis.

Astrakan 79

De Catarina Mourão. POR. 2023. 63m. Documentário. M12.

Em Setembro de 1979, quando tinha apenas 15 anos, Martim Santa Rita foi enviado pelos pais para a cidade russa de Astrakan para prosseguir os estudos. Mais de quatro décadas depois, decide partilhar, pela primeira vez, a experiência com o seu filho Mateus.

Divertida-Mente 2

De Kelsey Mann. Com Amy Poehler, Maya Hawke, Kensington Tallman, Liza Lapira. JAP/EUA. 2024. 96m. Animação.

A Alegria, o Medo, a Raiva, a Repulsa e a Tristeza são cinco emoções que vivem no quartel-general do cérebro de Riley, onde a Alegria - a capitã - tenta equilibrar os estados de espírito. Agora que a menina chegou à puberdade e adquire novas emoções, tudo se torna ainda mais complicado.

Leva-me Para a Lua

De Greg Berlanti. Com Scarlett Johansson, Channing Tatum, Woody Harrelson, Ray Romano, Jim Rash. EUA/GB. 2024. 132m. Comédia Romântica. M12.

EUA, finais da década de 1960. Os especialistas da NASA estão envolvidos num evento de peso: levar o homem à Lua. Percebendo que os cidadãos foram perdendo o interesse nos programas de exploração espacial, o director decide contratar uma especialista em marketing para criar uma imagem da agência mais apelativa.

Sexygenários

De Robin Sykes. Com Thierry Lhermitte, Patrick Timsit, Zineb Triki, Marie Bunel. FRA. 2023. 81m. Comédia. M12.

Realizada e escrita por Robin Sykes, esta comédia segue dois sexagenários que procuram uma solução para os seus problemas financeiros a trabalhar como modelos sénior no mundo da publicidade.

As estrelas

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
A Ama de Cabo Verde	★★☆☆☆	—	★★★☆☆
Assassino Profissional	★★★☆☆	—	—
Astrakan 79	★★☆☆☆	★★★☆☆	★★☆☆☆
A Besta	★★★★☆	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆
The Bikeriders	★★★★☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Cidade Portuária	—	★★★☆☆	★★★☆☆
Divertida-Mente 2	★★★☆☆	—	—
Do Fundo do Coração — Reprise	★★★★☆	★★★★★	★★★★★
A Doce Costa Leste	★★★☆☆	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆
Histórias de Bondade	★★☆☆☆	●	★☆☆☆☆
Horizon, Uma Saga Americana I	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★★☆☆☆
A Sede	—	★★★★☆	★★★★☆
Soma das Partes	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★☆☆☆☆
A Última Sessão de Freud	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Almada

Cinemas Nos Almada Fórum
R. Sérgio Malpique 2. T. 16996
One From The Heart - Do Fundo do Coração M12. 21h55; **A Maldição de Baghead** 18h30, 20h45; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 20h20; **IF: Amigos Imaginários** M6. 13h30, 16h05 (VP); **A Última Sessão de Freud** 18h20, 21h05; **Garfield: O Filme** M6. 13h15, 15h45 (VP); **Assassino Profissional** M12. 22h40; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 13h35, 16h10, 19h, 21h40; **The Bikeriders** M14. 13h10, 16h40; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 12h50, 15h10, 17h30, 19h50 (VP) 22h15 (VO); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 13h50, 16h30, 18h55, 21h30; **Blue Lock o Filme -Episódio Nagi-** M12. 13h25, 15h55; **Histórias de Bondade** M16. 12h20, 15h40, 19h10; **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 13h20, 17h10, 21h10; **Divertida-Mente 2** 13h, 14h, 15h30, 16h, 18h, 19h20 (VP) 13h40, 16h20, 18h35 (VP/3D) 18h50, 20h55, 21h20 (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 12h55, 15h50, 18h40, 21h50; **Sexygenários** M12. 18h10, 21h; **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 13h05, 15h30, 17h50, 20h30, 22h50 (4DX)

Amadora

Cinema City Alegro Alfragide
C.C. Alegro Alfragide. T. 214221030
A Maldição de Baghead 15h15, 17h35, 21h35; **A Última Sessão de Freud** 15h10, 19h20, 21h25; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 17h45, 21h55; **Mamonas Assassinas: O Filme** M12. 19h25; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 15h40, 16h20, 17h45, 18h30, 19h50, 21h55 (VP) 15h50, 20h (VO); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 19h30, 22h; **Blue Lock o Filme -Episódio Nagi-** M12. 17h20 ; **Histórias de Bondade** M16. 21h10; **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 15h20, 21h20 ; **Divertida-Mente 2** 15h20, 16h, 17h30, 18h40, 19h40, 21h30 (VP) 15h30, 17h40, 19h45, 21h50 (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 15h45, 18h50, 21h40

UCI Cinemas - Ubbo
Estrada Nacional 249/1, Venteira. T. 0
A Maldição de Baghead 16h30, 18h55, 21h35; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 13h45, 15h50, 19h10; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h40, 16h15, 18h45, 21h05 (VP); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 13h55, 16h45, 19h15, 21h45; **Blue Lock o Filme -Episódio Nagi-** M12. 14h15; **Herói em 3 Dias** 13h25, 18h25; **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 21h; **Divertida-Mente 2** 13h35, 13h50, 14h10, 16h, 16h15, 16h40, 18h30, 18h40, 19h05, 21h15, 21h30 (VP) 21h10 (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 13h20, 16h10, 16h25, 19h, 21h40, 21h50

Cascais

Cinemas Nos CascaiShopping
Estrada Nacional nº. 7 - Alcabideche. T. 16996
A Maldição de Baghead 19h30, 22h; **Garfield: O Filme** M6. 13h30, 16h45 (VP); **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 15h10, 17h40, 20h15; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 12h40, 15h, 17h30 (VP) 19h50, 22h30 (VO); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 14h30, 17h15, 20h20, 22h50; **Blue Lock o Filme -Episódio Nagi-** M12. 12h45; **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 21h15; **Divertida-Mente 2** 13h15, 15h30, 18h (VP) 13h40, 16h (VP/3D) 18h20, 20h40, 22h45, 23h (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 13h50, 17h, 20h, 22h40; **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 21h40 (IMAX); **Divertida-Mente 2** 14h, 16h30, 19h (VO/IMAX 3D)

Sintra

Castello Lopes - Alegro Sintra
Alegro Sintra, Alto do Forte. T. 219184352
A Maldição de Baghead 21h30; **Garfield: O Filme** M6. 13h10, 15h30 (VP); **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 14h20, 16h45, 19h10, 21h35; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h10, 15h25, 17h40 (VP) 21h15 (VO); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 15h10, 17h20, 19h30, 21h40; **Ovnis, Monstros e Utopias: Três Curtas Queer** M14. 13h20; **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 17h50; **Divertida-Mente 2** 14h15, 14h55, 16h30, 17h10, 18h45, 21h (VP) 19h25, 21h30 (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 13h20, 16h, 18h40, 21h20

Lazer

MÚSICA

Lianne La Havas
LISBOA Lisboa Ao Vivo.
Dia 15/7, às 21h. M/6. 35€

A cantora, compositora e multi-instrumentista inglesa, nascida em Londres, em 1989, com raízes gregas e jamaicanas a correr-lhe no sangue, está de volta a Portugal. Revelou-se em 2012 com um híbrido de soul e funk chamado *Is Your Love Big Enough?* e desde então não parou de amealhar aplausos, quer do público, quer da crítica – o álbum de estreia valeu-lhe, por exemplo, a nomeação para o Mercury Prize e a escolha do iTunes como álbum do ano, nesse mesmo 2012. Neste regresso, o foco aponta para *Lianne La Havas*, registo lançado em 2020, que vai beber ao R&B dos anos 1990 e é percorrido por uma sensação de empoderamento. A primeira parte do espectáculo está nas mãos da portuguesa Monday (Cat Falcão). Amanhã é a vez de o Porto receber La Havas. O encontro está marcado para as 21h, no Hard Club, sendo o aquecimento assegurado por outro talento nacional: Carolina Viana, que aqui veste o fato de Malva, o seu *alter ego*.

GASTRONOMIA

À Mesa com os Romanos
LISBOA, MAFRA, PALMELA, SETÚBAL, VILA FRANCA DE XIRA e TORRES VEDRAS
Vários locais. De 12/7 a 21/7.

A semana gastronómica que aqui se estreia é apresentada no âmbito do projecto *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo*, dinamizado pelo município desde 2017, que se propõe a "redescobrir, promover e divulgar a gastronomia romana, através dos seus ingredientes e das suas receitas", conforme é descrito na nota de imprensa. Em termos práticos, é um roteiro que estende os braços a 26 restaurantes de seis concelhos, cada um com a responsabilidade de criar um prato inspirado na refeição dos romanos. Um dos elementos em destaque nas ementas é o *garum*, o famoso molho feito com "sal, peixe, sol e tempo", de sabor intenso e complexo que, na época, foi aperfeiçoado como uma arte e consumido como um luxo. O mapa de degustação está disponível em lisboaromana.pt/semana-gastronomica.

Jogos

Jogue também *online*. Palavras cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos

Cruzadas 12.492

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

HORIZONTAIS: 1. Estado norte-americano onde ocorreu o ataque que feriu Trump em pleno comício. **2.** Que acontece uma vez por ano. Instituto Nacional de Estatística. **3.** «Em» + «o». Suavidade (fig.). Lugar de paragem (palavra inglesa). **4.** Poema lírico. Apetite sexual dos animais. **5.** Lidera importação europeia de gás liquefeito russo. Post-scriptum (abrev.). **6.** Associai. Redução de Internet. **7.** Princípio (fig.). María (...) Machado, a fundadora do Vamos Venezuela, partido da oposição que está à frente nas sondagens. **8.** Esbelto. Ave pernalta corredora. **9.** Filho bastardo (Trás-os-Montes). Todo-o-terreno (abrev.). Um senhor abreviado. **10.** François (...), árbitro francês, o mais jovem de sempre a dirigir uma final de um Campeonato da Europa. **11.** Estimado. Fictício.

VERTICAIS: 1. Tecido. Cetáceo afim do golfinho. **2.** Designativo do caule desprovido de nós. Bill (...), artista norte-americano, uma das mais célebres e influentes figuras da videoarte (1951-2024). **3.** Desguarnecido. Fazer correr completamente, despejando ou espremendo. **4.** O tio dos americanos. Símbolo de Pascal. Nascimento de um astro. **5.** Não feridas. Chegue aos ouvidos. **6.** Fatacaz. Interjeição que exprime desgosto, admiração, incredulidade ou desdém. **7.** Observei. Som agudo. Transportes Internacionais Rodoviários. **8.** Perturbação causada pela incerteza. Não deixar sair. **9.** Rebento de couve. Resposta ambígua (nem sim nem não). Prefixo (repetição). **10.** "A pega com (...) de pavão continua pega". **11.** Semente utilizada na alimentação de pássaros. Lista.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2						■				■	
3			■				■				
4				■		■				■	
5	■								■		
6		■						■			
7				■	■						
8							■				■
9						■			■		
10	■									■	
11					■						

Solução do problema anterior
HORIZONTAIS: 1. Lisboa. Apta. **2.** Anui. Sala. **3.** Iso. Espanha. **4.** Outra. Coar. **5.** On. Arrear. **6.** Pedro. Traje. **7.** Er. Ga. Mu. **8.** Assoar. País. **9.** AC. Miar. Zé. **10.** Professores. **11.** Tirei. Ales.
VERTICAIS: 1. Lai. Opta. Pt. **2.** Insone. Sari. **3.** Suou. Descor. **4.** Bi. Tarro. Fe. **5.** Erro. Amei. 6. Assar. Gris. **7.** AP. Eta. Asa. **8.** Alacar. Prol. **9.** Panorama. Re. **10.** Ha. Juízes. **11.** Adarve. Sés.

Bridge

João Fanha
fanhabridge.pt

Dador: Norte
Vul: Todos

Oeste	Norte	Este	Sul
	1♦	passo	1♥
passo	3♦	passo	4ST
passo	5♣¹	passo	5♥²
passo	6♦³	passo	6ST
Todos passam			

Leilão: Qualquer forma de Bridge. 1 — Zero ou três cartas chave; 2 — "Parceiro, tem a Dama de trunfo?"; 3 — "Não"

Carteio: Saída: 9♣. Qual o seu plano de jogo?

Solução: Os ouros divididos 3-2 fazem com que o cheleme seja um passeio, por isso vamos pensar se haverá um plano B para essa eventualidade. Depois de fazer o 10 de paus, continue com o Ás de ouros seguido por um golpe em branco para saber o que deverá fazer mais tarde. O adversário em Este faz a vaza e Oeste não assiste. Uma hipótese de necessidade impõe-se: o Rei de copas deverá em Este... e comprido! Vamos continuar, Este faz a vaza e joga espadas: atenção para prender com o Ás e depois pau para o Ás e copa para o Valete, que faz (ufa!). Encaixe agora os seus paus e Este deverá ter de lhe cair nos braços: não consegue segurar os ouros e as copas ao mesmo tempo. Se balda um ouro, teremos os ouros do morto apurados e já nem precisamos de repetir a passagem a copas; se balda uma copa, vamos ao morto no Rei de espadas, encaixamos o Rei de ouros para baldar o 8 de espadas e jogamos a copa para a Dama. Ás de copas e cai tudo, o 7 de copas está firme, assim como o cheleme!

Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
			1♣
1♠	1ST	2♠	?

O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠3 ♥AKJ6 ♦K108 ♣A9743

Resposta: Demasiado forte para passar. Dobre com esta distribuição, perfeita para a ocasião.

Sudoku

© Alastair Chisholm 2008
www.indigopuzzles.com

Problema 12.748 (Fácil)

6				9		1	2	5
3				7				
5			4	6				
				3		2		
2	5	3	9		6	8	4	7
		4		8				
				5	8			1
				4				2
7	1	8		2				6

Solução 12.746

9	3	4	5	7	2	1	8	6
7	6	8	4	9	1	3	5	2
5	1	2	3	6	8	4	7	9
3	7	1	6	2	9	8	4	5
2	4	6	8	1	5	9	3	7
8	9	5	7	3	4	6	2	1
4	2	3	9	5	6	7	1	8
1	8	9	2	4	7	5	6	3
6	5	7	1	8	3	2	9	4

Problema 12.749 (Média)

7								
		4		3	1		6	2
	5	3			6			
1					2			8
			5		7			
3			8					6
			6			7	3	
6	8		9	5		1		
								9

Solução 12.747

2	6	1	7	9	8	5	3	4
8	3	9	5	6	4	2	1	7
5	4	7	3	2	1	8	9	6
7	1	3	9	5	2	6	4	8
4	5	2	1	8	6	3	7	9
9	8	6	4	7	3	1	2	5
1	2	5	6	4	9	7	8	3
3	7	4	8	1	5	9	6	2
6	9	8	2	3	7	4	5	1

Guia

CINEMA

Filomena
Cinemundo, 20h50
Irlanda, 1952. Numa sociedade profundamente conservadora, a jovem Philomena engravida. É enviada para um convento e forçada a dar o filho para adopção. Passados 50 anos (e muitas tentativas de reencontrar a criança), conhece Martin Sixsmith, um jornalista que se interessa pela sua história. Baseado numa história real, relatada pelo próprio Sixsmith, *Filomena* tem realização de Stephen Frears e argumento de Steve Coogan e Jeff Pope. Foi nomeado para quatro Óscares: melhor filme, argumento adaptado, actriz principal (Judi Dench) e banda sonora original.

O Som ao Redor
RTP2, 22h54
A vida numa rua de classe média na zona sul do Recife altera-se após a contratação de uma milícia que oferece segurança privada. Para alguns, a sua presença traz tranquilidade; para outros, é causa de tensão e mal-estar. Estreia de Kleber Mendonça Filho na longa-metragem de ficção, *O Som ao Redor* valeu ao realizador pernambucano o prémio de melhor filme na 36.ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo. O elenco inclui Irandhir Santos, Maeve Jinkings, W.J. Solha, Clebia Sousa e Gustavo Jahn.

SÉRIES

Hotel à Beira-Mar
RTP2, 22h01
A série dinamarquesa abre portas à sétima temporada. Estamos no Verão de 1940, e, embora funcionários e clientes queiram descansar das notícias da guerra, no conforto e luxo deste hotel empoleirado nas dunas à beira do mar do Norte, não têm forma de lhes escapar, tendo em conta que o país se encontra sob ocupação da Alemanha nazi.

Boa Vizinhança
Star Comedy, 22h10
Arranca a sexta temporada da *sitcom* criada por Jim Reynolds, em que uma família branca do centro-oeste americano se muda para um bairro em Pasadena, Califórnia, e tenta integrar-se numa comunidade predominantemente negra. Na casa ao lado, mora o opinativo – mas já não tão desconfiado e teimoso – veterano do bairro. Max Greenfield e Cedric the Entertainer encarnam, respectivamente, os patriarcas dos Johnsons e dos Butlers.

Televisão

Os mais vistos da TV
Sábado, 13

		%	Aud.	Share
A Promessa	SIC	8,6	19,9
Cacau	TVI	8,4	19,2
Jornal da Noite	SIC	7,2	17,7
Alta Definição	SIC	6,8	20,8
Primeiro Jornal	SIC	6,5	21,4

FONTE: CAEM

RTP1	8,7%
RTP2	1,2
SIC	15,3
TVI	13,2
Cabo	41,3

RTP1
6.00 Bom Dia Portugal **10.00** Praça da Alegria **12.59** Jornal da Tarde **14.15** Hora da Sorte - Lotaria Clássica **14.23** Escrava Mãe **15.21** A Nossa Tarde **17.30** Portugal em Directo **19.06** O Preço Certo

19.59 Telejornal

21.01 Mesa Portuguesa... com Estrelas com Certeza!

21.42 Joker

22.42 Hotel do Rio

23.34 Portugal Fenomenal

0.23 S.W.A.T.: Força de Intervenção **1.46** A Essência **2.01** Escrava Mãe

RTP2
6.25 Folha de Sala **6.31** Temos Programa **7.00** Espaço Zig Zag **13.04** E2 - Escola Superior de Comunicação Social **13.31** Viva Saúde **14.06** Pela China de Comboio **15.01** A Fé dos Homens **15.37** O Mundo nos Açores **16.01** Sobreviver à Estufa na Terra **16.57** Espaço Zig Zag **20.38** Folha de Sala

20.43 Espaços Incríveis de George Clarke

21.30 Jornal 2

22.01 Hotel à Beira-Mar

22.49 Folha de Sala **22.54** O Som ao Redor **1.04** Esec Tv **1.33** José Cid & Quinteto - Concerto Solidário Novo Futuro **4.07** António Coimbra de Matos: O Olhar nos Outros **4.59** Les Jolies Choses de Chaterine Gaudet **5.58** A Fé dos Homens

SIC
6.00 Edição da Manhã **8.15** Alô Portugal **9.40** Casa Feliz **12.59** Primeiro Jornal **14.45** Linha Aberta **16.05** Júlia **18.05** Terra e Paixão **19.15** Casados à Primeira Vista

19.57 Jornal da Noite

21.55 A Promessa

22.50 Senhora do Mar

0.10 Papel Principal

0.20 Casados à Primeira Vista **1.05** Travessia **1.45** Passadeira Vermelha **3.40** Terra Brava

TVI
6.15 Diário da Manhã **9.55** Dois às 10 **12.58** TVI Jornal **14.00** TVI - Em Cima da Hora **14.50** A Sentença **16.00** A Herdeira **16.30** Goucha **17.45** Dilema

19.57 Jornal Nacional

21.20 Dilema

22.45 Cacau

23.05 Morangos com Açúcar

0.00 Dilema **2.00** O Beijo do Escorpião **2.50** Deixa Que Te Leve

TVCINE TOP
17.45 Homem-Aranha: Longe de Casa **19.50** Silent Night: Vingança Silenciosa **21.30** Retaliação **23.00** O Exorcista do Vaticano **0.45** Os Voyeurs

STAR MOVIES
17.35 Noé **19.38** Assassin's Creed **21.15** Sem Tempo **22.53** Jogo de Risco **0.15** Animais Nocturnos

HOLLYWOOD
17.45 Ladrões de Elite **19.20** Velocidade Furiosa 6 **21.30** Entre Irmãos **23.20** Nico - À Margem da Lei **1.05** A Purga: Anarquia

AXN
17.42 The Rookie **21.06** Hudson & Rex **22.00** Alert: Unidade de Pessoas Desaparecidas **22.54** Assalto ao Metro 123 **0.45** Alert: Unidade de Pessoas Desaparecidas **1.39** Hudson & Rex

STAR CHANNEL
17.29 Hawai Força Especial **18.10** Investigação Criminal: Los Angeles **19.31** Magnum P.I. **20.52** Hawai Força Especial **22.15** C.S.I.: Vegas **22.55** Chicago P.D. **0.15** Magnum P.I. **1.35** Capitão Marvel

DISNEY CHANNEL
17.15 A Maldição de Molly McGee **18.05** Vamos Lá, Hailey! **18.55** Monstros: Ao Trabalho! **19.15** Hamster & Gretel **20.00** Os Green na Cidade Grande

DISCOVERY
17.00 Mestres do Restauro **19.00** Aventura à Flor da Pele XL **21.00** No Centro da Polémica **22.00** Aventura à Flor da Pele XL **1.22** No Centro da Polémica

HISTÓRIA
18.06 Guerras Secretas Reveladas **19.45** Ciência Nazi Secreta **22.15** A Engenharia de Hitler **23.59** Egipto: O Tesouro dos Touros Sagrados **1.35** Guerras Secretas Reveladas

ODISSEIA
17.39 Clima Letal **19.28** Em Viagem pela Costa Britânica **20.20** Viagens de Comboio pelas Costas Britânicas **0.42** Wild Tube **1.31** Viagens de Comboio pelas Costas Britânicas

Skymed
Star Life, 22h20
Estreia. Os serões de segunda-feira acolhem um novo drama médico, neste caso focado nas especificidades do resgate e socorro por via aérea, com todos os desafios, riscos e dilemas que estes profissionais enfrentam. É uma produção canadiana, criada por Julie Puckrin.

GASTRONOMIA

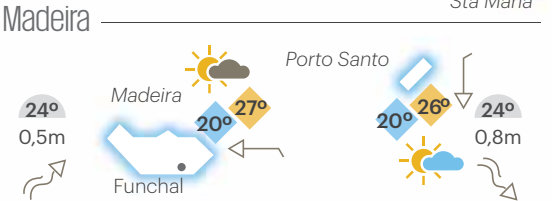
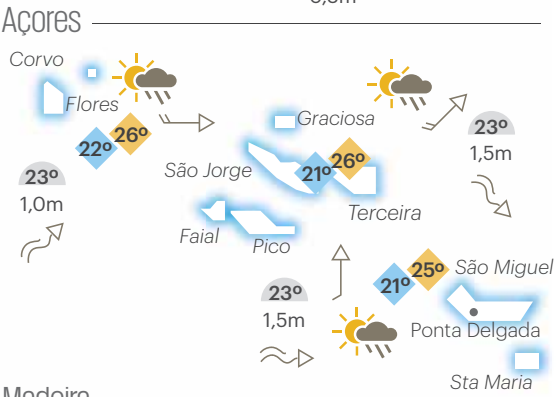
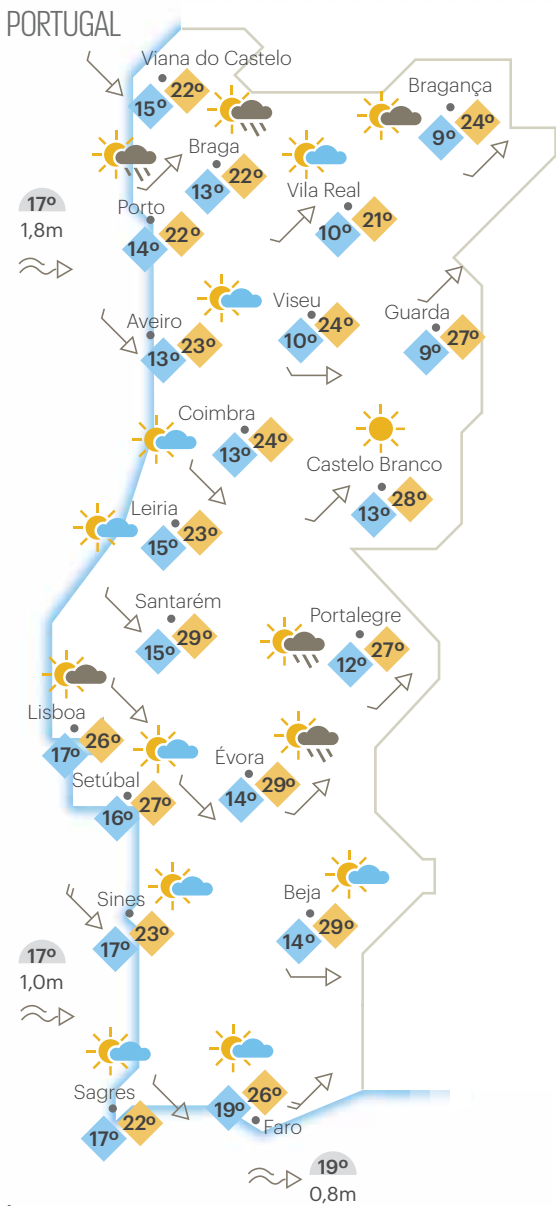
Mesa Portuguesa... Com Estrelas com Certeza!
RTP1, 21h01
O programa de gastronomia da RTP1 está de volta para uma nova temporada, pronto a levar mais uma rodada de "*chefs* de restaurantes com estrelas Michelin em Portugal" a viajar "pelo melhor das nossas mesas". Vasco Coelho Santos é o protagonista do primeiro episódio, numa viagem pelos vários projectos que o *chef* tem no Porto, incluindo o seu estrelado Euskalduna, além de "um salto ao tradicional Cozinha do Manel". Nos sabores dos próximos episódios entram os *chefs* Julien Montbabut, Arnaldo Azevedo, Carlos Teixeira, Paulo Alves, Louis Anjos, José Avillez, José Barroso, Diogo Formiga, Paulo Morais, Luís Brito, Pedro Pena Bastos e Cláudio Silva.

CULINÁRIA

Os Segredos da Tia Cátia
24Kitchen, 21h
Receitas frescas para o ano inteiro – eis a proposta de Cátia Goarmon para a abertura da 18.ª temporada dos seus "segredos" culinários. Esta fornada de episódios, além de vir recheada de novas receitas de pratos e sobremesas, é temperada pela presença de convidados como Toy, José Carlos Malato, Ana Galvão, Joana Latino, Sandra Almeida, José Figueiras, Mónica Jardim ou Pedro Pena Bastos. Para saborear de segunda à sexta.

MÚSICA

José Cid & Quinteto - Concerto Solidário Novo Futuro
RTP2, 1h33
A 10 de Setembro de 2020, a Meo Arena foi palco de mais um concerto solidário em prol da Associação Novo Futuro, que apoia crianças e jovens em dificuldades.
O anfitrião foi o veterano José Cid, que se prontificou a visitar, com o seu quinteto, canções como *20 anos*, *Um grande, grande amor*, *Minha música* ou *Ontem, hoje e amanhã*.

Meteorologia

MARÉS

Preia-mar · Baixa-mar · *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
Baixa-mar 04h17	1,4	Baixa-mar 03h52	1,5	Baixa-mar 03h43	1,4
Preia-mar 10h39	2,6	Preia-mar 10h17	2,6	Preia-mar 10h19	2,6
Baixa-mar 16h43	1,5	Baixa-mar 16h23	1,6	Baixa-mar 16h15	1,5
Preia-mar 22h59	2,6	Preia-mar 22h38	2,6	Preia-mar 22h45	2,6

PRÓXIMOS DIAS LISBOA

	Terça-feira, 16	Quarta-feira, 17	Quinta-feira, 18
Mín./Máx.	16º / 26º	17º / 28º	19º / 31º
Índice UV	Muito alto	Muito alto	Muito alto
Vento	Fraco	Fraco	Fraco
Humidade	79%	73%	77%

MEDIDOR DE CO2

Mauna Loa, Havai
Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 30 Jun.	425,61
Há um ano	422,67
Há dez anos	400,41
Semana de 23 Jun.	426,47
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR

Portugal

- Excelente
- Razoável
- Mau
- Não é saudável
- Nada saudável
- Perigoso

SOL

Nascente 06h24
Poente 21h00

LUA

21 Jul. 11h17
28 Jul. 03h51
4 Ago. 12h13
12 Ago. 16h19

Nascente 15h37
Poente 01h46*
*de amanhã

EUROPA

TEMPERATURAS ºC

	Mín.	Máx.
Amesterdão	16	25
Atenas	27	37
Berlim	19	29
Bruxelas	15	26
Bucareste	24	42
Budapeste	23	36
Copenhaga	14	21
Dublin	12	17
Estocolmo	14	23
Frankfurt	19	30
Genebra	16	30
Istambul	24	34
Kiev	24	38
Londres	14	21
Madrid	17	30
Milão	22	33
Moscovo	20	30
Oslo	13	18
Paris	16	26
Praga	19	32

	Mín.	Máx.
Roma	19	37
Viena	20	32
Bissau	26	30
Buenos Aires	9	14
Cairo	26	37
Caracas	20	30
Cid. do Cabo	11	15
Cid. do México	13	24
Díli	20	30
Hong Kong	27	33
Jerusalém	21	30
Los Angeles	17	28
Luanda	19	24
Nova Deli	29	36
Nova Iorque	24	35
Pequim	22	31
Praia	24	29
Rio de Janeiro	20	24
Riga	14	24
Singapura	27	32

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

WOLFGANG RATTAY/REUTERS

O instante do golo de Oyarzabal, que desempatou a final a quatro minutos dos 90

A armada espanhola era mesmo invencível

Inglaterra não foi capaz de travar a melhor selecção do Alemanha2024, que chegou ao quarto título só com triunfos

Crónica de jogo

Augusto Bernardino

Ainda não foi desta que o futebol regressou a casa, para desgosto dos ingleses, que viram a Espanha suceder a Itália e conquistar o quarto Campeonato da Europa (terceiro nas últimas cinco edições), estabelecendo novo recorde de títulos, com mais um do que a Alemanha. Foi um triunfo (2-1) construído na segunda parte e que confirmou a "*roja*" como a melhor selecção do Euro 2024.

Tal como em 2021, na final de Londres, a Inglaterra teve de contentar-se com o prémio de consolação e com as medalhas de vice-campeã, estatuto que até lhe assenta bem, já que nunca demonstrou verdadeira capacidade para destruir a aura de armada invencível da melhor equipa do torneio. Uma reputação que a Espanha construiu desde a primeira hora no grupo da "morte", passando ainda Alemanha e França, com distinção, rumo à final.

Assim, sem surpresa nem rebuço, a "*roja*" mandou no Olímpico de Berlim, impondo-se com naturalidade e forçando a equipa de Gareth Southgate a organizar-se em dois blocos baixos que convidavam a formação de Luis de la Fuente a carregar em permanência, mas também a tentar encontrar soluções para jogar dentro de um espartilho que só a irreverência de Nico Williams e Yamal parecia capaz de desafiar.

Ao intervalo, as estatísticas traduziam de forma fiel a tendência do jogo, com os espanhóis a liderarem em todos os capítulos, à excepção dos desarmes e dos livres. No que diz respeito à posse de bola, os 70% da "*roja*" – convertidos em cinco remates, contra três ingleses – não deixavam margem para dúvidas.

Inglaterra chegara à final à custa de muita resiliência e de golos tardios, uma fórmula de que os "três leões" não estavam dispostos a abdicar. Mas a verdade é que a Espanha, apesar de ter tido quase sempre o encontro sob controlo, não conseguia penetrar nem criar oportunidades flagrantes para além de dois momentos protagonizados por Nico e Yamal, que, com

Números do Euro

5,8

milhões de adeptos passaram pelas *fan zones* das 10 cidades que acolheram o torneio

190

países marcaram presença nas bancadas dos estádios do Euro 2024, com mais de 2,6 milhões de adeptos

280.000

adeptos utilizaram o passe especial de transporte público para as deslocações na prova

17 anos e um dia, "destronou" Renato Sanches como o mais jovem a disputar uma final.

Com Luke Shaw (autor do golo de Inglaterra na final do último Europeu) no lugar de Trippier, Yamal sentia dificuldades para explorar o corredor, mesmo com Carvajal de regresso (tal como Le Normand) ao "onze", após cumprir castigo na meia-final.

E isso teve impacto, permitindo ainda que os ingleses explorassem o corredor para testar a atenção e concentração da defesa contrária, como se viu num par de investidas e num remate de Foden para a única defesa de Simón, mesmo a acabar a primeira metade, numa bola parada.

Mas a história da final do Alemanha2024 estava prestes a abrir um capítulo mais entusiasmante, com a segunda parte a começar com um golo de Nico Williams: Yamal flectiu para dentro e cruzou a bola à entrada da área, com Dani Olmo a atrair a marcação e Nico Williams a surgir solto para bater Pickford (47').

Luis de la Fuente, que tinha sido forçado a substituir Rodri por Zubimendi, acabava de descobrir o mapa do tesouro. E só não desenterrou aí a arca com o troféu do Euro porque Dani Olmo, Morata e Nico Williams pouparam a Inglaterra a uma capitulação precoce, com três oportunidades de golo desperdiçadas no espaço de oito minutos.

Aturdida, a Inglaterra procurou sobreviver à avalanche espanhola para poder colocar a final em perspectiva e tentar um golpe de asa antes que fosse demasiado tarde. Southgate sacrificou Harry Kane (que continua sem conquistar um título na carreira), tentando a fórmula da meia-final, salva por Watkins, mas não foi, no imediato, além de um disparo de Bellingham, sem que justificasse intervenção de Simón. Mais complicada foi a tarefa de Pickford, a mergulhar para parar remate de Yamal e evitar uma inevitável sentença.

Mas o jogo tinha algo mais reservado para os ingleses. E se o dedo de Southgate não resultou com Watkins, funcionou em pleno com Palmer, que tirou um coelho da cartola, relançando a final a menos de 20 minutos dos 90, três após ter rendido Mainoo.

Com o jogo a caminhar rapidamente para o fim, a Espanha desafiou a lógica e arriscou. Manteve o pé no acelerador e foi recompensada. No fundo, a prova de que a coragem não é sinónimo de fraqueza. Nessa perspectiva, os espanhóis foram premiados com o golo do título, numa transição finalizada por Oyarzabal, a quatro minutos dos 90. Um golo decisivo a que os ingleses não foram capazes de responder graças a Dani Olmo. O atacante espanhol do Leipzig não marcou e terá que dividir o troféu de melhor goleador com mais cinco jogadores. Mas bem poderia reclamar o título, pois o golo que salvou, sobre a linha fatal, evitando o prolongamento, valeu bem por dois.

2 ESPANHA | **1 INGLATERRA**

Estádio Olímpico de Berlim

Espanha Unai Simón; Carvajal, Le Normand (Nacho, 83'), Laporte, Cucurella; Fabián Ruiz, Rodri (Zubimendi, 46'); Yamal (Merino, 89'), Dani Olmo 31', Nico Williams; Morata (Oyarzabal, 68'). **Treinador** Luis de la Fuente

Inglaterra Pickford; Walker, Stones 53', Guéhi; Saka, Mainoo (Palmer, 70'), Rice, Shaw; Foden (Toney, 89'), Bellingham; Kane 25' (Watkins, 61' 90+1'). **Treinador** Gareth Southgate

Árbitro François Letexier (França)
VAR Jérôme Brisard (França)

Golos 1-0 Nico Williams (47'), 1-1 Palmer (73'), 2-1 Oyarzabal (86')

Positivo/Negativo

Nico Williams
Desembrulhou a final com o primeiro golo, depois de ter sido o mais acutilante. Com outra eficácia, teria arrebatado o troféu de melhor marcador.

Yamal
Entrou de mansinho para abrir o livro na segunda parte. Ficou a dever um golo à equipa.

Pickford
Fez um punhado de defesas que permitiram aos "três leões" sonhar.

Palmer
Devolveu a crença a Inglaterra. Entrou e marcou um grande golo.

Dani Olmo
Não chegou aos quatro golos que lhe dariam o título de goleador do Euro. Mas salvou a Espanha do prolongamento mesmo a acabar.

Harry Kane
Não há como contornar a maldição. Apesar de figurar entre os goleadores do torneio, não conseguiu fazer a diferença nem conquistar o primeiro título.

E se, no Mundial 26, jogasse a melhor selecção de Julho?

Análise

José Manuel Ribeiro

Roberto Martínez sabia o que aí vinha quando, no início do ano, juntou Francisco Conceição ao grupo e provou-o quando lhe somou Pedro Neto na chamada definitiva. A dupla deu-lhe os primeiros três pontos; em troca, o seleccionador renegou as boas intenções da convocatória, devolvendo os dois extremos incendiários à mesa das crianças, por onde até Vitinha passou fugazmente.

Já agora, espalha-brasas (a alcunha dada por Martínez a Conceição) significa "aquele que age ou fala de forma irreflectida, geralmente com alarido". Olhando ao destino daquele milhão de cruzamentos da selecção e aos últimos minutos com a França, os espalha-brasas estiveram sempre no "onze" titular e não no banco. Roberto: o dicionário avariado do seu professor de Português pode ter culpas no cartório.

A Espanha seguiu o caminho oposto. De la Fuente não olhou ao sangue azul, nem aos emblemas. Os bascos dominavam a lista, à frente de catalães e castelhanos. Ao volante, o seleccionador pôs os seus incendiários Lamine Yamal e Nico Williams, que não constavam entre os 20 mais valiosos do pré-Euro. No meio-campo, estabeleceu um suplente do Paris Saint-Germain, com menos minutos jogados do que Danilo Pereira. Como não tinha a "melhor selecção de sempre", a Espanha jogou com a melhor selecção de Junho e Julho. Quem não tem cão caça com lobo.

O outro finalista, a Inglaterra, ficou a meio caminho entre Martínez e De la Fuente: o "onze" mexeu pouco, mas quem salvou as eliminatórias foram os suplentes Ivan Toney (Brentford) e Ollie Watkins (Aston Villa). Esteve perto de acontecer o mesmo com Conceição. Tarde de mais. Os Europeus são demasiado curtos para se esperar pelo *pedigree* e ignorar o momento.

Posse sem fundo na selecção

Quando a Espanha despiu a posse, Portugal correu a vesti-la, ao ponto de se ter estreado a ganhar nesse campeonato, estranhamente sem aplausos da bancada. Nem costumava ser um tique do catalão Martínez. A Bélgica dele beneficiou da bola, em média, bastante menos tempo do que a selecção de Fernando Santos nos Mundiais 2018 e 2022 e no Euro 2020.

As circunstâncias dos jogos explicam uma parte dessa inovação e os jogadores explicam a outra. Os jogadores explicam quase sempre tudo, excepto no reino das fadas. Se tens um Vitinha e um Bernardo Silva, em princípio também tens a bola. Pensar-se-ia que isso estivesse esclarecido desde que o FC Porto do alegado pontapé para a frente floriu num lindo cisne em 2021-22 (com Vitinha). Não estava, apesar de ser importante para compreender alguns conceitos irrelevantes, como o funcionamento dos campeonatos da Europa.

Este artigo está a ser escrito antes da final. Seja qual for o resultado, o risco extremo que a baliza da Espanha correu desde o arranque, e que os analistas foram apontando a um desastre iminente, voltou de certeza a baixar para um risco médio por obra de um jogador em particular. Se Lamine Yamal e Nico Williams nos põem "diante do autêntico futebol, o velho, contra o qual não há metodologia que valha", quem lhes permite tanta liberdade para brincar é Rodri, o médio do Manchester City que só perdeu dois jogos nos últimos 17 meses. Mesmo Jorge Valdano, autor da citação acima, pontua o artigo do *El País* exigindo para ele a Bola de Ouro.

Os jogadores explicam tudo. Quando não se usa os melhores de Junho e Julho, é desnecessário procurar responsabilidades noutro sítio ou debater filosofias

Sem Rodri a alimentá-los e a zelar-lhes pela segurança, Yamal e Williams brincariam menos. Se calhar nem brincariam juntos. Ou, se brincassem, a brincadeira estender-se-ia às duas balizas. Os jogadores explicam tudo. Rodri explica o êxito do futebol de "alto risco" espanhol. Mais do que o génio táctico de Luis de la Fuente, mais até do que os irrevogáveis Lamine e Nico. Os jogadores explicam tudo. Quando não se usa os melhores de Junho e Julho, é desnecessário procurar responsabilidades noutro sítio ou debater filosofias.

Euro dos passaportes duplos

Catorze jogadores do Espanha-Inglaterra possuíam dois passaportes. Numa só final do Europeu, estiveram envolvidos 12 países, cinco europeus, seis africanos e um caribenho, sem contar com as discutidíssimas chuteiras de Lamine Yamal, decoradas com as bandeiras de Marrocos e Guiné Equatorial, de onde os pais são naturais. Se os finalistas fossem França e Alemanha, os passaportes duplos cresceriam para 27 e os países seriam 19. Dos 27, só cinco não são franceses ou alemães de nascimento.

Pelo meio desta explosão de multiculturalidade, houve uma eleição fundamental em França que talvez tivesse caído para a extrema-direita sem a presença tão inoportuna da selecção de futebol. Ou talvez não. O Mundial de 1998 e o Europeu de 2000 serviram de pouco para repelir essa extrema-direita, como contrapõe o diário espanhol *El País* em editorial. O antigo central Laurent Blanc, vencedor dessas duas competições com colegas negros como Thierry Henry e Patrick Vieira, foi até gravado durante uma reunião federativa, quando era seleccionador, a sugerir a conveniência de embranquecer a selecção para apaziguar os "franceses".

Escrito isto, não tenho nada na manga; nenhuma grande conclusão a tirar destes factos, nem sequer a habitual tirada espirituosa para fingir que sim. Apenas as constatações obrigatórias, neste balanço, de que o Euro 2024 foi o mais diverso da história e de que nenhum outro evento conseguiria levar tão longe essa diversidade. Dois factos que sensibilizam quem não precisa de ser sensibilizado e fazem comichão a quem já não parava de coçar-se.

A olímpica Ana Catarina Monteiro deixou as piscinas

Nadadora que esteve nas meias-finais dos 200m mariposa em Tóquio 2020 encerrou a carreira após os campeonatos nacionais

A nadadora olímpica Ana Catarina Monteiro despediu-se ontem, aos 30 anos, das piscinas nos campeonatos nacionais de natação, em Oeiras, numa competição marcada pelos testes de Diogo Ribeiro e Miguel Nascimento para os Jogos Paris 2024.

A única mulher portuguesa numa meia-final de natação em Jogos Olímpicos, nos 200m mariposa de Tóquio 2020, despediu-se das piscinas após uma carreira de grande destaque. São seus o recorde nacional dos 200m mariposa, fixado nos 2m08,03s, e duas medalhas de prata em duas edições diferentes dos Jogos do Mediterrâneo, tendo sido quinta na sua distância predilecta nos Europeus de Glasgow 2018.

Na final, Ana Catarina Monteiro, agora vereadora da Câmara de Vila do Conde, foi homenageada, mas não conseguiu superar Inês Henriques (Louzan-Efapel), que ganhou a prova, com Mariana Cunha (Efanor)

Ana Catarina Monteiro detém o recorde nacional dos 200m mariposa, fixado nos 2m08,03s

a terminar no terceiro lugar.

Estes campeonatos tiveram apenas um recorde nacional absoluto a ser batido, no caso por Francisca Martins, nos 100m livres (55,88s), entre outros sete máximos por escalão etário conquistados.

Na final dos 1500m livres, José Paulo Lopes (Sp. Braga) somou a quarta medalha de ouro nesta competição, juntando esta distância aos 800m livres, 400m livres e 400m estilos, assim como a um bronze nos 200m mariposa.

Diana Durães, do Benfica, impôs-se à bracarense Tamila Holub nos 800m livres, enquanto Gabriel Lopes (Louzan-Efapel) venceu os 100m costas, juntando este ouro aos 50m costas e 200m estilos, além da prata nos 100m bruços.

No Complexo do Jamor, os dias anteriores ficaram marcados pelo esforço de Miguel Nascimento e Diogo Ribeiro para afinarem a forma para os Jogos Olímpicos Paris 2024.

Tadej Pogacar imperial no Tour, João Almeida reforça quarto lugar

Augusto Bernardino

Ataque de Vingegaard teve resposta do líder, que venceu e ganhou mais de um minuto ao dinamarquês e quase três a Evenepoel

GUILLAUME HORCAJUELO/EPA

Tadej Pogacar a celebrar no final da 15.ª etapa

Tadej Pogacar (Emirates) venceu de forma categórica a 15.ª etapa da Volta a França, conseguindo, em Plateau de Beille, a terceira vitória nesta edição, a segunda consecutiva nos Pirenéus e a 17.ª da temporada, reforçando a liderança do Tour, que se cifra já nos três minutos para Vingegaard.

O esloveno impôs-se a Jonas Vingegaard (Jumbo Visma) de forma autoritária, com 1m08s de vantagem, depois de o dinamarquês ter atacado para tentar reduzir a diferença para o camisola amarela. Antes da terceira semana, com 3m09s de vantagem, Tadej Pogacar poderá ter dado um passo de gigante para o terceiro triunfo no Tour.

João Almeida (Emirates), que tinha o quarto lugar da geral ameaçado – seguro por oito segundos –, teve um final de etapa difícil, começando por perder terreno para o espanhol Carlos Rodríguez (Ineos) logo no início da última escalada. Tempo que recuperou de forma brilhante com o quinto lugar da etapa, para amealhar mais 25 segundos e reforçar a posição. Mikel Landa (quarto da tirada) ascendeu ao quinto lugar, a 27 segundos do português, com Rodríguez a seis segundos do compatriota.

Com final em Plateau de Beille, uma escalada de 15,8 quilómetros de categoria especial, com inclinação média de 7,9 por cento e a meta a 1780 metros de altitude, Pogacar juntou-se a nomes como Pantani, Armstrong e Contador, os primeiros vencedores desde que o Tour visitou esta estância de esqui dos Pirenéus.

O dia começou a endurecer logo no início, ainda a 191 quilómetros do final da etapa, com a subida de primeira categoria, de 6,9 km, do Col de Peyresourde (1569m), em que David Gaudu e Oier Lazkano, dois dos animadores da véspera, chegaram na frente.

Na segunda montanha de primeira categoria (1349m), no Col de Menté, começou a formar-se o grupo de fugitivos que incluía Richard Carapaz , Jai Hindley e Enric Mas. Seguiu-se o Col di Portet d'Aspet (1069m), antes da fase mais importante, com a chegada do Col d'Agnès (1570m), onde começou a estabelecer-se a vantagem para o camisola amarela. Os cerca de dois minutos seriam insuficientes para segurar Pogacar e Vingegaard, cujo ataque, a 10 quilómetros da meta, destruiria as ambições do trio da frente. O dinamarquês atacou, mas o esloveno manteve-se firme, enquanto Evenepoel foi gerindo o ritmo de forma a não ceder demasiado. A 5 km do fim, Pogacar foi à procura do terceiro triunfo em etapas, ganhando mais de um minuto a Vingegaard.

Benfica e Sporting mantêm hegemonia no atletismo nacional

O Benfica, no sector masculino, e o Sporting, nas provas femininas, reconquistaram ontem, em Viseu, o título nos campeonatos nacionais de clubes de atletismo, o 14.º consecutivo para ambos os clubes nas respectivas competições.

Na competição masculina, depois de terminarem o primeiro dia de provas com uma desvantagem de um ponto para os "leões", os "encarnados" ainda conseguiram dar a volta à classificação e impuseram-se por um ponto de diferença, mantendo a hegemonia que vai já em 14 anos consecutivos, com o ACD Jardim da Serra a fechar o pódio.

No sector feminino, as atletas do Sporting confirmaram o favoritismo que lhes era atribuído e, depois de liderarem a geral no final do primeiro dia com 21 pontos de vantagem, concluíram o Nacional de clubes com um total de 163 pontos, contra os 126 do Benfica, sendo o terceiro lugar do pódio ocupado pela equipa do GD Estreito.

Em destaque estiveram as estafetas do Sporting, que bateram os recordes nacionais de 4x400m. Na prova masculina, Delvis Santos, João Coelho, Mauro Pereira e Omar Elkhatib completaram a distância em 3m06m17s, superando em um centésimo o recorde de que pertencia a uma equipa do Benfica desde 1989. Na estafeta feminina, Carina Vanessa, Juliana Guerreiro, Sofia Lavreshina e Cátia Azevedo somaram 3m33,38s, superando os 3m35,55s de uma equipa "leonina", em 2021.

Na sequência destes campeonatos, desceram à II divisão nacional, em masculinos, as formações do GD Estreito e da ADRAP, sendo promovidas ao principal escalão as equipas do Atlético Clube da Póvoa de Varzim e do Centro de Atletismo de Seia. No sector feminino, foram despromovidos ADRAP e Marítimo, e subiram à I divisão o Grecas e o Maia AC.

Fabiano Caruana dominou o Grand Chess Tour em Zagreb

Jorge Guimarães

O norte-americano Fabiano Caruana foi o grande vencedor da terceira prova do Grand Chess Tour, realizada na capital da Croácia, Zagreb. Depois de ter conquistado o primeiro lugar na primeira fase da prova, o torneio de semirrápidas, em que terminou com um total de 15 pontos e obteve uma considerável vantagem de três pontos sobre o segundo classificado, Caruana, mesmo não tendo sido o melhor no torneio-relâmpago, terminou com uma vantagem de quatro pontos sobre o trio constituído pelo compatriota Wesley So, e pelos franceses Maxime Vachier-Lagrave e Alireza Firouzja, todos com um total de 23 pontos.

Foi um domínio avassalador e pouco frequente nestes ritmos de reflexão, já que Caruana se sente muito mais confortável no ritmo clássico, em que ocupa o segundo lugar da hierarquia.

Na quinta posição ficou o russo Ian Nepomniachtchi, a considerável distância (só 17,5 pontos), e na sexta o terceiro norte-americano, Levon Aronian (17 pontos), que, depois de ter terminado na terceira posição a primeira etapa, sofreu um verdadeiro colapso na segunda. Pior, só o jovem prodígio indiano de 17 anos, Dommaraju Gukesh, pretendente ao título mundial absoluto, que apenas somou 3,5 pontos, de um total de 18. Valeram-lhe os pontos amealhados nas semirrápidas, permitindo-lhe alcançar globalmente a sétima posição.

A encerrar a classificação ficou o neerlandês Anish Giri (13,5 pontos), o indiano Vidit Gujrathi (11) e o croata Ivan Saric (10).

Fabiano Caruana

Breves

Hóquei em patins

Benfica conquista 10.ª Taça de Portugal feminina consecutiva

O Benfica reforçou ontem a hegemonia no hóquei em patins feminino nacional, ao conquistar a Taça de Portugal pela 10.ª vez consecutiva. Em Sesimbra, palco da *final four* da competição, as "encarnadas" venceram na final a APAC Tojal por 3-2, resultado que já se registava ao intervalo. Para as "águias", marcaram Sofia Moncóvio, Raquel Santos e Catalina Flores, enquanto a equipa de Loures reduziu no final da primeira parte por Maca Ramos e Ana Gregório. Com este triunfo, o Benfica encerra uma temporada em que ganhou tudo o que havia para ganhar internamente: à Taça de Portugal juntou antes a Elite Cup, a Supertaça e o campeonato nacional.

Ciclismo

Elisa Borghini reforça palmarés com triunfo na Volta a Itália

A campeã italiana de fundo, Elisa Longo Borghini, conquistou ontem a Volta a Itália em bicicleta, que liderou desde a vitória na primeira etapa perante a concorrência feroz da belga Lotte Kopecky. Aos 32 anos, a ciclista da Lidl-Trek soma mais um triunfo ao palmarés, juntando o Giro ao Paris-Roubaix (2022), duas Voltas a Flandres (2015 e 2024), Strade Bianche (2017) e Women's Tour (2022), numa época em que foi já terceira na Volta a Espanha. Na oitava e última etapa, que acabou em L'Aquila, venceu Kimberley Pienaar (Insurance-Soudal), com o quarto lugar de Borghini, a 25s, a ser suficiente para garantir o triunfo final.

Carlos Alcaraz é o mais novo a alcançar o "Channel Slam"

Pedro Keul

O espanhol, de 21 anos, venceu Novak Djokovic e ainda não perdeu nenhuma das quatro finais de *majors* que disputou

HANNAH MCKAY/REUTERS

Alcaraz repetiu o feito de Bjorn Borg, Mats Wilander e Boris Becker, que conquistaram quatro *majors* antes dos 22 anos

Quatro finais do Grand Slam, quatro títulos. É este o balanço da contabilidade de Carlos Alcaraz nas quatro maiores provas do ténis mundial. O espanhol é o segundo na Era Open a apresentar este resultado positivo, repetindo o feito de Roger Federer. Só que Alcaraz bate o suíço em precocidade. Ao derrotar categoricamente Novak Djokovic na final de Wimbledon, o tenista de Múrcia repetiu o feito alcançado cinco semanas antes, quando triunfou em Roland-Garros, e elevou o número de "Slams" para quatro, com apenas 21 anos.

Alcaraz é o nono tenista na Era Open a defender o título em Wimbledon com sucesso e o sexto (e mais novo) homem a completar o "Channel Slam" (Roland-Garros e Wimbledon no mesmo ano), imitando Rod Laver (1969), Bjorn Borg (1978, 1979 e 1980), Rafael Nadal (2008 e 2010), Roger Federer (2009) e Novak Djokovic (2021). Para além disso, repetiu o feito de Bjorn Borg, Mats Wilander e Boris Becker, que conquistaram quatro *majors* antes de completarem sequer 22 anos.

"Obviamente que vi e ouvi todas as estatísticas e tento não pensar muito nisso. É um grande início de carreira, mas tenho de continuar o meu caminho e no final da minha carreira quero sentar-me à mesma mesa com os grandes. É esse o meu sonho neste momento. Não interessa se venci quatro Grand Slams com 21 anos, se não continuar a ganhar esses torneios, isso não tem interesse para mim. Não sei qual é o meu limite e não penso nisso. Só quero desfrutar do momento e continuar a sonhar. Veremos no fim da carreira se são 25, 30, 14, quatro...", disse Alcaraz.

"Melhor mentalmente"

Na conferência de imprensa, o tenista espanhol reconheceu os progressos realizados nos últimos meses, em concreto no capítulo da maturidade, após perder com Daniil Medvedev no US Open, em quatro *sets*. "Lembro-me perfeitamente, desisti um pouco no segundo *set* após perder o primeiro, o que é inaceitável quando se joga num Grand Slam. Sei que essas coisas não podem repetir-se e isso ajudou-me nos torneios seguintes a ser melhor mentalmente, a ser suficientemente forte e a jogar o melhor ténis em situações apertadas e difíceis", admitiu Alcaraz, que irá manter-se no terceiro lugar do ranking, atrás de Jannik Sinner e Djokovic.

Com o primeiro jogo (e *break*) da final a ultrapassar os 13 minutos, muitos pensaram que se ia assistir a um longo encontro, mas, ao fim de uma hora e 15 minutos, Alcaraz já liderava por dois *sets* a zero, muito graças à eficácia do primeiro serviço: 86% contra 57%.

Novak Djokovic, limitado na sua preparação para Wimbledon devido à operação ao joelho direito a que foi submetido no dia 5 de Junho, só teve uma oportunidade (não aproveitada, a 3-3 do terceiro *set*) de quebrar o serviço adversário antes de o espanhol servir para fechar o encontro, a 5-4 (40-0). Com a ajuda dos erros de Alcaraz, o sérvio anulou três *match-points* e, ao ganhar nove em dez pontos, passou para a frente (6-5). No *tie-break*, e apesar de ter perdido uma vantagem inicial de 3/1, Alcaraz não tremeu quando dispôs de mais um *championship-point* e concluiu a final em duas horas e 27 minutos, com os parciais de 6-2, 6-2 e 7-6 (7/4).

A disputar a final de Wimbledon pela 10.ª vez na carreira, Novak Djokovic (2.º no ranking mundial) procurava o oitavo título na prova e 25.º do Grand Slam, mas só no terceiro *set* conseguiu incomodar Alcaraz. "Não foi o resultado que queria e, nos primeiros dois *sets*, o meu nível de ténis esteve abaixo do exigido, mas mérito para o Carlos, por jogar um ténis espantoso", vincou, antes de se referir aos problemas físicos recentes: "Tenho de estar orgulhoso. Quando penso nas últimas quatro, cinco semanas e no que passei, tenho de admitir que estou muito satisfeito."

O sérvio de 37 anos admitiu estar, este ano, abaixo do nível dos jovens Sinner e Alcaraz, mas afirmou estar motivado para voltar ao seu melhor. "Ser capaz de chegar à final de Wimbledon dá uma grande dose de confiança. Mas senti que, num embate contra o melhor do mundo da actualidade, a par de Jannik, não estou ao mesmo nível. Se quiser ter uma hipótese de vencer estes tipos numa fase adiantada de Grand Slams ou Jogos Olímpicos, vou ter que jogar muito melhor e sentir-me muito melhor do que hoje [ontem]. Não é nada por que não tenha passado antes na minha vida. Face à adversidade, eu normalmente levanto-me, aprendo e fico mais forte. É o que vou fazer", prometeu Djokovic.

84%

de pontos ganhos no primeiro serviço para Carlos Alcaraz — Djokovic não foi além de 66%

63%

de pontos de *break* foram salvos por Carlos Alcaraz, menos 1% do que registou Novak Djokovic

BARTOON LUÍS AFONSO

O punho de Trump após o tiro é o fim da campanha democrata

Anacrónica

Ana Sá Lopes

O debate entre Donald Trump e Joe Biden foi tão penoso para o actual Presidente dos Estados Unidos que o homem mais poderoso do mundo teve de passar os últimos dias a garantir que estava de boa saúde.

Com as sondagens em alguns estados importantes mais favoráveis a Donald Trump, o facto de Joe Biden ter de vir dizer todos os dias que "está bem" não é exactamente um trunfo de campanha. Trocar o nome de Zelensky pelo de Putin seria só mais uma das imensas *gaffes* dos 50 anos de carreira política de Joe Biden, não se desse o caso de acontecer agora, aos 81 anos, quando as suas capacidades cognitivas são postas em causa por uma grande parte dos democratas. Nancy Pellosi foi talvez a mais violenta, ao dizer que era legítimo perguntar se o que se tinha passado no debate "era só um episódio ou uma condição".

Desde 27 de Junho que a campanha no interior do Partido Democrata contra Joe Biden estava a ser de uma intensidade assombrosa. Na verdade, Donald Trump só teve de estar quieto enquanto os democratas entravam em modo suicídio.

A mais perfeita tradução dessa campanha anti-Biden vinda das hostes democratas (ou, melhor dizendo, em defesa da desistência de Biden) foi a capa da revista *The Economist* da semana passada, em que o título *"No way to run a country"* [não é forma de dirigir um país] era ilustrado com o selo do Presidente dos Estados Unidos em cima de um andarilho. Dificilmente se pode encontrar uma capa tão cruel nos anais de uma revista "de referência".

Este sábado, Bernie Sanders – o senador que se chegou a candidatar a Presidente nas primárias do Partido Democrata para as presidenciais de 2016 e de 2020 – veio dar um murro na mesa contra a campanha anti-Biden vinda de dentro dos democratas.

"Basta! Biden pode não ser o candidato ideal, mas será o candidato e deve ser o candidato. E com uma campanha eficaz, que fale às famílias trabalhadoras, não só vencerá Trump como o vencerá largamente." A frase de Sanders, bastante realista (simplesmente não há tempo nenhum para arranjar alternativa a Biden e Kamala Harris, quase pré-indicada como sucessora há quatro anos, acabou por não o ser), teve efeitos nulos. Horas depois, o tiro sobre Donald Trump.

BRENDAN MCDERMID/REUTERS

> **O discurso democrata morreu na Pensilvânia, com Biden ou sem Biden, e Trump pode muito bem voltar a ganhar a Presidência dos Estados Unidos**

A tentativa de assassínio do antigo Presidente Trump arruma – como se não bastasse a fragilidade evidente de Biden – um dos maiores argumentos da campanha democrata, a de que Trump é uma ameaça à segurança. Trump pouco mais novo é que Biden (menos três anos apenas), mas toda a coreografia do ex-Presidente depois do acontecimento na Pensilvânia ficará na História como uma prova de força. O punho erguido e a cara ensanguentada de Trump são os símbolos das próximas eleições de Novembro. Dificilmente qualquer discurso democrata poderá fazer alguma coisa contra o facto de Trump ter sido vítima de uma tentativa de assassínio.

Numa América disposta a tolerar a violência, era o pior que podia acontecer. A invasão do Capitólio desaparece perante um Trump ferido.

O editorial deste domingo do *New York Times* dava números: num inquérito feito no mês passado por uma instituição de Chicago sobre segurança e ameaças, 10% dos inquiridos achavam que o uso da força se justificava para evitar que Trump fosse eleito Presidente. E, dos inquiridos, também 7% achavam, em sentido contrário, que era legítimo o uso da força para conseguir que Trump voltasse à Casa Branca.

O momento é de uma gravidade imensa. O discurso democrata morreu na Pensilvânia, com Biden ou sem Biden, e Trump pode muito bem voltar a ganhar a Presidência dos Estados Unidos. Agora, pode dizer-se que já não está tudo em aberto.

Jornalista